

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MEMORIAL DESCRITIVO

IDENTIFICAÇÃO DOCENTE:

Nome: José Edgard Rebouças

Departamento/Centro: Departamento de Comunicação Social/Centro de Artes

Identificação Única: Siape nº 1551150 / Matrícula UFES nº 100610

Área/Subárea (CNPq): 6.00.00.00-7 Ciências Sociais Aplicadas/6.09.00.00-8 Comunicação

Regime de Trabalho Atual: Dedicção Exclusiva

Situação Atual na Carreira: Classe D, Nível Associado IV

Data da Última Progressão: 18 Nov. 2020

Progressão Pretendida: Classe E (Titular)

Acesso da Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2062758351699124>

Vitória

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MEMORIAL DESCRITIVO

Memorial Descritivo de Carreira do Magistério Superior de José Edgard Rebouças, apresentado ao Centro de Artes para fins de promoção para a Classe E (Professor Titular), nos termos da Lei nº 12.772/2012 e da Resolução nº. 52/2017 do Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo.

Vitória

2022

Dedico e agradeço esta trajetória à
memória de três referências que puder
ter como amigos e amiga,
e que me fazem muita falta:

*Ademir Ramos, Carlos Tourinho,
Claude Gumery e José Marques de Melo*

SUMÁRIO

01. Introdução	4
02. Formação	56
03. Idiomas	58
04. Diplomas, dignidades universitárias e prêmios de cunho científico e cultural	60
06. Experiências docente na universidade	63
07. Atividades de orientação	66
08. Produção intelectual bibliográfica	89
09. Atividades de pesquisa	102
10. Atividades relacionadas à extensão	108
11. Atividades administrativas e representação acadêmica	111
12. Participação em entidades científicas, acadêmicas e sindicais	114
13. Participação em congressos, seminários e eventos similares	116
14. Participação em comissões julgadoras	128

01. INTRODUÇÃO

A trajetória acadêmica e profissional que percorri para chegar até esta candidatura foi cheia de descaminhos e incertezas. A principal delas: ser um profissional da comunicação ou ser um pesquisador/educador da Comunicação? Um comunicador ou um comunicólogo?

Um princípio de resposta surgiu quando, no primeiro ano do curso de Doutorado na Universidade Metodista de São Paulo, em 1999, lembrei-me de um diálogo que havia tido alguns anos antes com a professora Anamaria Fadul:

_ (...) E então, agora que terminou o mestrado, não vai querer emendar logo no doutorado? Vem trabalhar com a gente aqui na ECA, temos vaga para pesquisas em telenovela.

_ Não professora... Estou sentindo falta da redação.

_ Ahh! Você também é jornalista?! Mas chegou a praticar?

_ O problema é que não só pratiquei como gostei! E foi por isso que eu quis voltar. Foi muito bom ter feito o mestrado, agora quero ver se consigo aplicar um pouco daquilo tudo que aprendi... Tentar mudar um pouco a forma como é feito o jornalismo, pelo menos aquele jornalismo que eu vinha praticando e via meus colegas fazendo. Uma coisa muito rotineira, quase como preencher formulário. E também quero valorizar a formação que tive na graduação.

_ E a pesquisa? Vai acabar abandonando...

_ Não!!! Por enquanto vou continuar pesquisando e trabalhando na TV ou no jornal.

_ Que bom! Mas sabe que isso vai ser difícil, não é?!

_ Sei professora, mas acho que vou conseguir.

_ Então, meus parabéns antecipados! Até hoje vi poucas pessoas conseguirem estar em um veículo trabalhando como jornalista e continuarem mantendo uma produção acadêmica. E quem melhor faz isso é o Carlos Eduardo (Lins da Silva). Se você conseguir essa proeza, estará mesmo de parabéns!"

A professora Fadul estava certa mais uma vez. E aquele jovem jornalista/pesquisador, cheio de ideias, não conseguiu o que pretendia. Mas daquela agradável conversa em um fim de tarde próximo ao Natal de 1993 fica uma grande certeza: não me arrependo nem um pouco da opção de deixar de *informar* para ajudar a *formar* mentes mais reflexivas e conscientes do papel que temos na sociedade.

Todo o processo de ensino/aprendizagem que culmina no momento desta banca de avaliação para analisar se estou qualificado à condição de professor titular tem muito mais de aprendizado do que de ensino. Isso devido ao fato de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de fenômenos comunicacionais que ocorrem desde a segunda metade dos anos 1960, quando nasci. Régis Debray, em sua obra *Vida e Morte da Imagem*, de 1992, define como “videoesfera” o período da vida em sociedade que tem início com as transmissões de TV ao vivo e em cores, nas Olimpíadas de Inverno de 1968, em Grenoble. Eu estava prestes a completar dois anos de idade naquele momento, mas, por alguma ironia do destino, 24 anos depois, tive a oportunidade de estar exatamente naquela mesma cidade, como um curioso estudante de mestrado, assistindo à palestra de lançamento do livro de Debray. Chego à conclusão de que minha vida inteira é uma grande pesquisa-ação, utilizando intensamente o método de observação participante ativa.

Alguém que faz parte da geração que nasceu concomitantemente à chegada dos primeiros aparelhos de televisão aos lares da classe média brasileira é claramente sujeito e objeto de todo esse fenômeno. A “Geração X”, mas que poderia ser chamada também de “Geração TV”, é aquela que vivenciou não apenas a “videoesfera” descrita por Debray, mas também aquela analisada por Wilbur Schramm, Jack Lyle e Edwin Parker em *Television in Lives of Our Children*, de 1961, como sendo uma espécie de esponja amorfa e passiva; ou ainda aquela diretamente influenciada pelo excesso de violência exibida em filmes, séries e telejornais, como demonstrado nas centenas de estudos sobre o tema, notadamente os referentes ao “mundo cruel” indicado pelo grupo ligado a George Gerbner, em 1976.

Por ser o mais novo e temporão dos seis filhos do eletricitista Seu Otávio e da costureira Dona Elisete, era chamado pelos amigos dos irmãos mais velhos, pertencentes a uma geração ainda ligada à grafosfera, de “Alemão cara de televisão”. Eles faziam referência tanto à cor do cabelo como ao tempo passado diante do novo eletrodoméstico da casa. Inocentemente, aquilo não parecia ter conotação ofensiva. Anos depois, já atuando como repórter de TV, ao

reencontrar com um daqueles antigos “algozes”, foi interessante ouvir dele: “Eu sabia que ia dar nisso. Você já era especialista em televisão desde criança”. De fato, fazer parte de uma geração que teve a televisão como cocupante de um espaço/tempo antes dedicado à escola, aos amigos, às brincadeiras de rua, à igreja e à família foi muitas vezes conflituoso. E como em todo conflito, opções precisam ser feitas. Neste caso específico, para descontentamento dos pais que viram que não teriam um filho padre ou engenheiro, quem ganhou a disputa foi o canto das sereias de *Vila Sésamo*, *Sítio do Pica Pau Amarelo*, *Concertos para a Juventude*, *Globo Repórter*, os *Festivais da Canção*, *Morte e Vida Severina*, além de séries como *Carga Pesada*, *Plantão de Polícia* e *Malu Mulher*, entre tantos outros campeões de audiência. Assim como a diversidade de conteúdos disponíveis na internet para a atual “Geração Z”, mesmo que em escala menor, havia uma quantidade enorme de bobagens, maldades e baixarias na televisão; mas, assim como hoje, havia a possibilidade de escolhas por produtos de qualidade.

Para equilibrar o descontentamento de minha mãe, a opção pelo distanciamento da igreja acabou não sendo de todo por completo. Em um momento em que fervilhavam ações ligadas aos ideais emancipadores da Teologia da Libertação, nas Comunidades Eclesiais de Base, sobretudo no início dos anos 1980, o tema da leitura crítica dos meios de comunicação começou a ganhar destaque. E para quem gostava tanto de televisão, cinema e quadrinhos, foi um grande incentivo descobrir que havia uma proposta metodológica de explorar com mais profundidade os conteúdos e as intenções subjacentes daquelas mídias, e ainda que havia possibilidades de democratização daquilo que era tão concentrado nas mãos de tão poucos.

As conversas e ações no grupo de jovens da comunidade de São Pedro, na Praia do Suá, em torno dos problemas e do futuro das mídias acabaram se materializando com minha entrada nos movimentos cineclubista e secundarista do início da década de 1980. Ao mesmo tempo em que estudava para me tornar um promissor e competente técnico em Edificações pela Escola Técnica Federal do Espírito Santo, reestruturava, com um grupo de amigos, que futuramente também se tornariam todos jornalistas – José Roberto Santana, José Soares de Magalhães Filho (hoje, também professor na UFES) e João Carlos Simonetti –, o cineclube que havia sido fechado no auge da ditadura. Também participávamos da reabertura do Grêmio Rui Barbosa. Erámos um bando de “meninos” – como nos chamava o famoso crítico de cinema local, Amilton de Almeida –, que felizmente tiveram a oportunidade de entrar em contato com

os “adolescentes” do cineclube da universidade e com os “idealistas” dos cineclubes comunitários.

Foi dessa época de movimento cineclubista e comunicação popular que ocorreram os primeiros contatos com textos de José Marques de Melo e Ismar de Oliveira Soares, entre outros, por meio de uma coleção da Editora Paulinas que lançou *Para uma leitura crítica da televisão*, *Para uma leitura crítica dos jornais*, *História em quadrinhos: leitura crítica*, *Para uma leitura crítica da publicidade*, *Para uma leitura crítica da comunicação* e *Como ver televisão: leitura crítica dos meios de comunicação*. Também é dessa época o artigo “Meios de comunicação de massa e educação no Brasil: uma perspectiva crítica”, de 1982, no qual a professora Anamaria Fadul, ao analisar sobre a importância e necessidade da leitura crítica das mídias, profetizou:

Ao nível da educação formal, consideramos urgente e indispensável que se reconheça esse novo domínio do conhecimento, o do estudo dos meios de comunicação de massa, introduzindo uma nova disciplina que tenha por objetivo “alfabetizar”, para uma leitura crítica e seletiva das mensagens divulgadas pelos mídia, com a finalidade de superar a oposição entre o universo da escola e o dos meios de comunicação de massa, que se traduz na oposição entre o fácil e o difícil, o recreativo e o instrutivo. Pois a introdução dos novos meios na escola é a única defesa possível contra os efeitos nocivos dos mídia. Aprender-se-ia a lê-los como um livro e sua utilização permitiria a desmistificação de sua linguagem (FADUL, 1982, p. 41)

Tais perspectivas foram inspiradoras para a opção de cursar Comunicação Social, na expectativa de que um outro tipo de comunicação seria possível. Em paralelo à vida acadêmica, e também por causa dela, surgiam mais oportunidades de experimentar as práticas comunicacionais junto a movimentos sociais, principalmente com ações junto a rádios e jornais comunitários e sindicais, a continuação das atividades de cineclubismo e com a realização de vídeos populares documentais e ficcionais.

Logo nos primeiros semestres do curso de Jornalismo fiquei encantado com o leque de opções do mundo das comunicações e o ideal foi se tornando uma visão cada vez mais distante, quem sabe hoje não seria um cineasta de sucesso, ou mais provavelmente desempregado. Mas os redirecionamentos – fotografia, texto, televisão, vídeo... - só fizeram ver o quão mais rica poderia ser minha colaboração com a informação e a cultura.

Em meados dos anos 1980, Vitória começava a deixar de ser uma cidade esquecida na BR 101 entre o Rio de Janeiro e Salvador para começar a ganhar uma dimensão econômica de destaque no cenário nacional. E com a chegada dos grandes projetos industriais, chegou também uma nova população ávida de atividades culturais. Com isso, artistas plásticos, atores, escritores e cineclubistas locais foram obrigados a ampliar seus círculos de debates e atividades. Não podíamos mais continuar a nos encontrar somente nos bares do Centro ou nos gramados da universidade, precisávamos de um centro cultural. De agitadores culturais, passamos a agentes culturais. Tive, então, a honra de fazer parte do grupo precursor da criação do Centro Cultural Carmélia Maria de Souza, o primeiro no estado, que contava com um cinema, uma galeria de artes, uma biblioteca, um teatro e um centro de vivência. Com o apoio do Governo do Estado e da Prefeitura da Vitória, foi revitalizado um abandonado armazém de café na antiga zona boêmia da cidade; e para lá se direcionaram as atenções da cultura local.

Graças à atividade como cineclubista, ganhei uma bolsa de estudos na Aliança Francesa de Vitória, onde fazia um curso regular e programava e projetava filmes das décadas de 1950, 1960 e 1970 todas as sextas-feiras para um público cativo de intelectuais e estudantes. Foram muitas sessões e alguns festivais de Marguerite Duras, François Truffaut, Alain Resnais, Max Ophuls, Claude Chabrol entre outros. Para mim, além do prazer de selecionar e assistir os filmes, os três anos à frente do Cineclube da Aliança Francesa proporcionaram uma grande iniciação à forma como a cultura é tratada em um país que poucos anos depois iria me dar uma visão diferenciada e ampliada do mundo.

Ao sair do cineclube da Aliança Francesa para me dedicar mais a minha formação não me distanciei por completo das antigas atribuições; continuei colaborando com os diretores que se revezavam a cada dois ou três anos à frente da entidade no que se refere às ações culturais da Associação Cultural Franco-brasileira de Vitória. Anualmente, era corresponsável pela realização do Festival de Cinema Francês, sempre nos meses de novembro, em salas comerciais da cidade. Em 1997, com mais tempo para me dedicar à Aliança, fui eleito pela comunidade francófona de Vitória como diretor cultural da Associação. Entre as atividades que desenvolvemos em três anos, as mais marcantes foram a realização da *Fête de la Musique*, tentando reproduzir o tradicional evento do 21 de junho na França; o estabelecimento da terceira quinta-feira de novembro como o *Dia do Boujolais Nouveau*; além da promoção e

produção de espetáculos de circo, música e dança com artistas franceses. Vitória entrou assim no circuito cultural das atrações disponibilizadas pela Embaixada da França no Brasil.

Como as atividades de produtor e assistente em produções amadoras de vídeo não rendiam quase nada em termos financeiros – tampouco as desenvolvidas na Aliança Francesa –, mas uma impagável vivência, mantinha minhas funções como técnico de obras trabalhando em construções de conjuntos habitacionais e, posteriormente, como fiscal na Prefeitura de Vitória. Ambas experiências acrescentaram muito a minha formação. Nas obras, preferia conversar com os operários sobre suas vidas cotidianas a prestar atenção se estavam erguendo uma parede no prumo ou fazendo a mistura mais econômica do concreto; já na Prefeitura, conheci o mundo da máquina pública, com todos os seus vícios e comprometimentos com políticos de ocasião, mas conheci também muitas pessoas preocupadas com o bem público, que me fizeram compreender o verdadeiro papel da burocracia de Estado, mesmo que trabalhando contra uma máquina que insiste em permanecer emperrada. Outro ganho considerável em minha formação foi que, como era uma espécie de funcionário padrão na Secretaria de Obras – simplesmente não demorava tanto como meus colegas para executar minhas atividades –, passava boa parte do tempo livre no andar de baixo, na Secretaria de Cultura, onde realmente estavam meus amigos e maiores interesses.

No campo acadêmico, a maior dificuldade era em compreender as complexas explicações que sociólogos, psicólogos, filósofos e antropólogos tentavam dar para os fenômenos comunicacionais, sem que nunca tenham conseguido me convencer de para que tudo aquilo serviria em minha vida profissional. E era tão fácil! É dessa época que vem minha eterna crítica à estrutura universitária da departamentalização, pois raros são os professores de outras áreas que se preocupam se estão dando uma aula para uma turma de Comunicação, de Enfermagem, de Engenharia ou de Artes.



Em algum momento no fim dos 1980, com Márcia Freitas e Ricardo Nespoli. Pelas caras, nos preparando para alguma “balbúrdia” organizada no movimento estudantil.

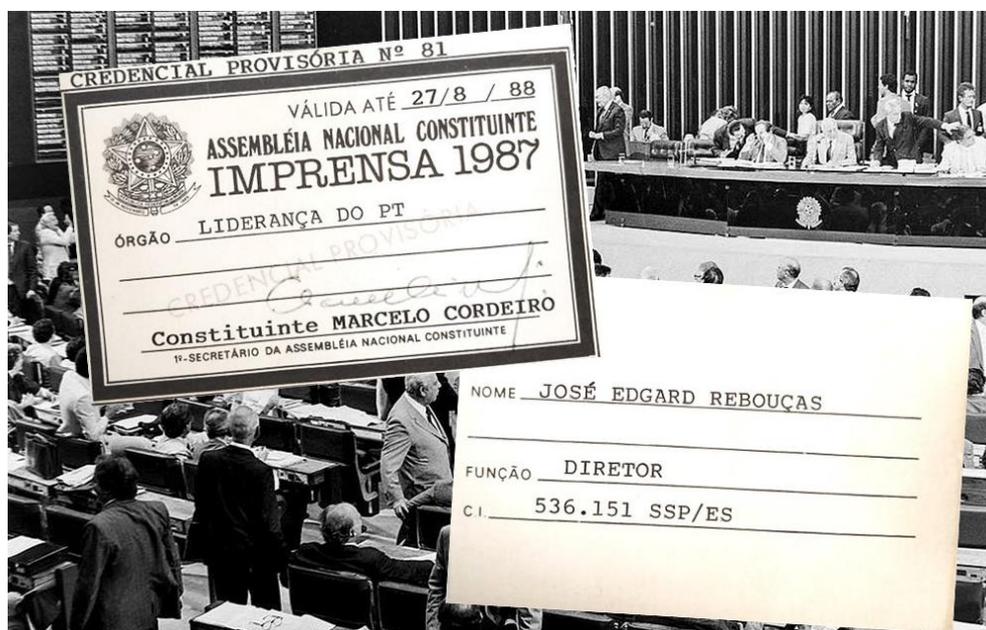
A descoberta do emaranhado de encruzilhadas disponíveis no campo da Comunicação só veio ao final do chamado Tronco Comum do curso, quando observei que, além de cinema e televisão, também gostava de escrever, de rádio, de fotografia, de jornal, de revista, de publicidade e propaganda e de muita conversa. Tal curiosidade fez com que me aproximasse de mais pessoas ligadas às atividades culturais, e fui estagiar no antigo Departamento Estadual de Cultura (DEC). Por alguns meses fui corresponsável pelo setor de documentários, onde pude planejar e realizar vídeos sobre personagens históricos e personalidades das artes e da cultura capixabas. Infelizmente, com a mudança de governo, o projeto foi engavetado e todo o material produzido deve estar perdido em um arquivo morto qualquer da burocracia. Sem o que fazer no DEC, fui convidado pelo cineasta Toninho Neves a participar de outro projeto, desta vez na TV Educativa, que se chamava *Telecontos Capixabas*. Uma vez por mês, um conto de um autor capixaba era adaptado para um programa unitário de 50 minutos. Foi uma grande escola para técnicos e atores no mundo da televisão. Minha participação era como assistente de direção. Mais uma vez, as mudanças no poder me atingiram de frente: com a troca de comando na TVE, os *Telecontos* foram colocados de lado em prol de “programas informativos” sobre as ações do governo. Como era persistente, continuei na TV Educativa, só que agora

como comentarista de cinema e vídeo em um programa destinado ao público jovem comandado por Roberto Burura: *Fanzine*. Semanalmente, escolhíamos um tema e tratávamos de literatura, música, espetáculos e cinema com uma linguagem bem ágil que liderava a audiência nas tardes de sábado. O *Fanzine* também não fazia parte da política de visibilidade do governo estadual. O programa acabou, assim como todos os demais infantis, artísticos e culturais.

Estava passando do 4º para o 5º semestre de meu curso de Comunicação quando fui convidado por um ex-professor da disciplina de Teoria Política, Roberto Beling, para uma conversa sobre as eleições municipais de 1988 que se aproximavam, logo eu que não tinha ido muito bem na sua disciplina um ano antes. Na verdade, não era uma reunião acadêmica, e sim profissional. Ele estava acabando de assumir uma das coordenações da campanha do candidato do Partido dos Trabalhadores à prefeitura da capital, o deputado federal/constituente Vitor Buaiz, e queria que eu os ajudasse na área de televisão. Quando perguntei quem eram as outras pessoas da equipe fui informado que não havia uma equipe, que eu seria o responsável pela parte de televisão, e o que precisasse seria providenciado. Considerei uma tremenda irresponsabilidade confiar uma campanha política de televisão a alguém que nunca havia trabalhado com aquilo – minha curta carreira de videoasta se limitava a documentários e ficções de caráter experimental –, mas minha irresponsabilidade era maior do que a dos dirigentes municipais do PT, e aceitei o desafio. Fiz questão de deixar claro alguns pontos: primeiro, que não me filiaria ao partido mesmo acreditando no candidato; segundo, que queria uma certa liberdade de propor uma visão e linguagem diferenciada de campanha; e por último, que queria receber em três parcelas \$ 1.500 dinheiros da época – o que foi suficiente para comprar uma televisão, um aparelho de videocassete e pagar parte de um feriadão em Cabo Frio (posteriormente fiquei sabendo que o diretor de TV da campanha do principal oponente tinha comprado um apartamento e um carro do ano). Eu nunca soube mesmo ganhar dinheiro. Como sempre fazia o que gostava, achava que estava no lucro de ainda me pagarem.

A campanha foi uma experiência fascinante. Tive a oportunidade de conhecer pessoas das mais variadas posições políticas e ideológicas, gente simples que se entregava de paixão às campanhas, e outros que não tinham tanta paixão assim. Vi futuros colegas jornalistas trabalhando para candidatos nos quais não votariam, e em quem não votaram. Observei com

atenção todo o emaranhado de negociações e interesses envolvidos em uma eleição para um cargo tão importante. Exercitei minha futura atividade de repórter de política cobrindo os meses finais da Assembleia Nacional Constituinte, quando tive a oportunidade de colher longos depoimentos de figuras que posteriormente viriam a alcançar um elevado destaque no cenário nacional, como o então deputado federal Luís Inácio Lula da Silva e o ainda senador Fernando Henrique Cardoso. A experiência de passar algumas semanas em Brasília, além da emoção de ter propiciado minha primeira viagem de avião – eu tinha 22 anos –, acendeu ainda mais minha compreensão sobre a importância das políticas públicas.



Credencial histórica de um momento tão importante para o país, e que tive a honra de testemunhar *in loco*.

Terminada a campanha de três meses de direção, produção e reportagem para programas diários de exatos 4'11" de duração, tinha acumulado mais horas de ilha de edição, trabalho de campo e compreensão dos problemas do município do que muitos colegas ao longo de toda uma carreira. O longo trabalho foi compensado com a vitória de Vitor Buaiz para a prefeitura da capital. Fico orgulhoso em saber que contribui um pouco para que minha cidade natal se tornasse o que é hoje, saindo de um secular período de administração atrelada ao velho modelo de desvio dos interesses sociais. Nunca mais voltei a trabalhar em campanhas eleitorais, apesar de vários convites, até um para coordenar a área de comunicação de uma

candidatura ao Governo do Espírito Santo e outra para o Senado. Queria voltar a ser um futuro jornalista, não um marqueteiro político – quem sabe, hoje não seria um “bruxo”!? E teria ganho algum dinheiro, mas a que preço?!

O retorno à vida de estudante universitário foi duro. Após aquela overdose de atividades relacionadas à televisão, estava em outro ritmo. Fazia documentários sobre movimentos sociais dos sem terras, negros, mulheres, meio ambiente e sindicalismo para uma produtora independente: a Agência VIX, comanda pelo jornalista Rogério Medeiros e pelo fotógrafo Humberto Capai. Escrevia e coeditava um jornal de cultura, cinema e vídeo: o *Videcom*, criado por mim e os colegas Mario Sérgio Moreira e Cláudio Bugarelli. Substituía eventualmente aquele crítico de cinema de *A Gazeta* que nos chamava de “meninos” no principal jornal da cidade em suas férias e licenças. Participava de congressos de Comunicação e de cursos profissionalizantes no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo; e ainda cursava os últimos anos de Jornalismo.

No dia da formatura, em agosto de 1990, eu que tinha sido o penúltimo colocado de minha turma no vestibular de 1986 – passados poucos dias da prematura morte de meu pai – , já estava contratado como crítico de cinema e de televisão no principal jornal da cidade e como produtor e repórter da TV Capixaba/Bandeirantes. Realmente, a Comunicação Social modificou a minha vida. E aquele jovem idealista que queria se tornar um cineasta talvez tivesse agora um brilhante futuro como jornalista.

Em *A Gazeta*, por trabalhar no *Caderno 2*, tive a oportunidade de conviver em um mundo à parte da redação. Ainda havia espaço para a crítica literária, teatral, musical e de artes plásticas – hoje se limita a dar o guia da programação de cinemas e musical da cidade. Com isso, dividi espaço com uma geração de jornalistas que vinham das áreas específicas sobre as quais escreviam. Pena não haver mais espaço para esta fauna nos atuais modelos de gestão das redações dos grandes jornais. Apesar de tudo, como preferia trabalhar com televisão, optei por deixar a página de cinema e vídeo do jornal e me dedicar exclusivamente à *TV Capixaba*. Tinha as funções de repórter e de pauteiro, mas como a estrutura era bem reduzida, acabava acumulando eventualmente tarefas de edição e chefia de reportagem. Foram dois anos em uma bela “escola”, pagava mal, mas supria tudo aquilo que a universidade não me dera na área prática.

Como o tempo do telejornal local era muito grande para o tamanho da estrutura de equipes, havia a oportunidade de fazermos matérias mais longas; algumas chegando a cinco minutos, quase um minidocumentário, se comparado ao conteúdo de outras emissoras; o que possibilitava um maior aprofundamento nos temas, podendo explorar algo para além do famigerado lead. A abordagem mais socioeconômica que eu dava às reportagens sobre segurança, trabalho escravo e problemas das periferias acabou me rendendo um convite para uma experiência e possibilidade de trabalho na matriz da TV Bandeirantes, em São Paulo. Cheguei a ficar quase um mês lá, mas, infelizmente, na mesma época o SBT estava estreando o policiaisco *Aqui Agora*, e a Bandeirantes, que tinha uma vocação mais de cobertura de Política, Economia e Esportes, para competir, começou a dar ênfase a abordagens mais sensacionalistas. Para isso, não precisavam de minhas pautas aprofundadas.

Aquele período também foi bem instigante para qualquer jornalista, já que no início dos anos 1990, em um intervalo de poucos meses, tivemos a sorte de receber em Vitória o papa João Paulo II, Nelson Mandela, o então príncipe Charles e o navio *Rainbow Warrior II*, do Greenpeace. Era como ser correspondente estrangeiro sem ter que sair de casa.



Como repórter da TV Capixaba/TV Bandeirantes durante a visita de João Paulo II ao bairro São Pedro, em outubro de 1991.

A passagem pela *TV Capixaba* também foi importante para minha entrada no movimento sindical. Em 1991 fui eleito membro da Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas do Espírito Santo, onde exerci a função de secretário até minha licença entre 1992 e 1993, para o mestrado, e tendo sido reeleito em 1994, quando assumi o cargo de presidente da Comissão pelos três anos seguintes. Em 1998 fui eleito para a diretoria do sindicato, quando representei o estado junto à Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), me ocupando dos programas de Qualidade de Ensino nos cursos de Comunicação e da instalação do Canal Comunitário de Vitória. No final de 2003 voltei às atividades sindicais, sendo eleito para a diretoria executiva, com o cargo de diretor de formação. Entre as atividades estava a de fazer um acompanhamento dos cursos de Jornalismo e de pós-graduação no estado, propondo cursos de aperfeiçoamentos e debates com a categoria sobre a qualificação profissional.

Voltando a minha trajetória profissional; ainda em 1992, pedi demissão da *TV Capixaba* e fui trabalhar como redator de Política no jornal *A Tribuna*. Minha primeira passagem foi curta, mas bem intensa, já que acompanhei o auge da crise do governo Collor. No meio do ano fui obrigado a pedir demissão, pois tinha recebido o aceite para meu curso de mestrado em Grenoble. Aqui vale a abertura de um grande parêntese:

A “loucura”, como alguns amigos diziam, de abandonar uma possível promoção para ser editor do jornal. Mas a decisão ocorreu após uma muito bem pensada revisão da minha prática como jornalista. Precisava de algo mais, de uma sistematização sobre as reflexões que já vinha acumulando. A opção pela França veio pelo fato de já ter um certo domínio da língua e por saber que em Grenoble existia um programa que atendia a minhas indagações sobre as políticas de comunicação, dentro de uma perspectiva das indústrias culturais e midiáticas. Quem havia trabalhado com essa problemática lá era a professor visitante Gaëtan Tremblay, originalmente da Université du Québec à Montréal. Juntei minhas economias, vendi um fusca, televisão, vídeo... Logo ao chegar na bela cidade dos Alpes franceses, descobri que o professor Tremblay já havia retornado para a Canadá. Fui encaminhado pelo então presidente da Université Stendhal - Grenoble 3, Bernard Miège, para trabalhar com o professor Luiz Busato, um antigo jornalista paranaense radicado na França desde a década de 1970. Sua linha de pesquisa não era exatamente a que eu queria, mas nos entendemos bem, dando origem a uma grande amizade – anos depois, em 2006, quando Busato estava como diretor da

faculdade, recebi e aceitei o convite para atuar como professor visitante naquela universidade onde tanto aprendi. O fato de estar em Grenoble também foi muito gratificante, pois tive a oportunidade de ter aulas e seminários com Bernard Miège, Daniel Bounoux, Régis Debray, Jean Caune entre outros, além de conhecer melhor o modo francês de pensar as ciências da Informação e da Comunicação.

A França também me enriqueceu, como não poderia deixar de ser, culturalmente. Grenoble é uma cidade historicamente administrada por governos socialistas ou comunistas, berço do sindicalismo, que se tornou um modelo no estabelecimento de políticas culturais. Seus bairros, museus, teatros, bibliotecas, galerias, cinemas são pensados de uma forma ordenada, onde o cidadão faz parte de tudo, não somente como espectador, mas também como agente.

Conciliando os aspectos acadêmicos com o pessoal, boa parte do que pude vivenciar na França seria muito diferente se não fosse a figura da amiga/irmã Claude Gumery, professora no Departamento de Letras da Universidade. Sem suas dicas, acolhida e enorme afeto meu aproveitamento da experiência seria completamente outro. Pena ter nos deixado tão prematuramente.

A dissertação *“Modele de representativité sociale dans la réglementation des émissions de télévision”* me deu a oportunidade de analisar as instâncias de regulamentação e regulação do audiovisual da França, dos Estados Unidos e do Brasil – ao menos a que deveria ser o atual Conselho de Comunicação Social, previsto no artigo 224 da Constituição brasileira – e uma projeção da linha de estudos que gostaria de desenvolver mais profundamente: a participação dos atores sociais nos processos das indústrias culturais. Ainda mais porque me senti profundamente frustrado em observar que, apesar de o Brasil “ter” o mais democrático modelo de instância de regulamentação entre os três países, minha pesquisa não seria utilizada para nada de concreto. No entanto, ela me serviu como cartão de visitas para a entrada em um grupo que só conhecia de bibliografia: os membros da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Em uma viagem a Paris para assistir ao Colóquio França-Brasil de Pesquisa em Comunicação conheci a então presidente da entidade, professora Margarida Kunsch, os professores César Bolaño, Alain Herscovici, Tupã Gomes Corrêa e vários outros. Foi quando surgiu o convite para apresentar os resultados de minha

pesquisa no próximo Congresso da Intercom, no mês que estaria voltando da França, exatamente na minha cidade natal.

A volta ao Brasil foi cheia de novidades profissionais, mas nenhuma na área acadêmica. Reassumi a função de redator de Política do jornal *A Tribuna* e, a convite dos queridos amigos e referências que nos deixaram tão prematuramente: Ademir Ramos e Carlos Tourinho, passei a fazer substituições como pauteiro e chefe de reportagem na *TV Gazeta/Rede Globo*. Alguns colegas chegavam a dizer que o fato de ter feito o mestrado tinha servido como o “grande impulso” na minha carreira: sair da Capixaba/Bandeirantes para trabalhar na Gazeta/Globo. Alguns de meus colegas e chefes realmente não tinham a menor ideia da serventia de um mestrado. Mas eu sabia.

Envolvido novamente pelas rotinas do trabalho jornalístico, somente voltei a participar do congresso da Intercom em 1995, em Aracaju, logo que iniciei minha vida na academia. Naquele ano, apresentei duas pesquisas: *Modelos de regulamentação/regulação da televisão*, no III Colóquio Brasil-França, onde fazia um panorama de vários modelos internacionais de políticas públicas relativas à televisão; e no GT de Economia Política, onde desenvolvi a argumentação em defesa do texto *Proposta de participação social na elaboração de uma política de comunicação social para o Espírito Santo* trabalhando conceitualmente e propositivamente um projeto de minha autoria que havia sido apresentado pelo Sindicato dos Jornalistas do Espírito Santo aos candidatos ao governo do estado no ano anterior.

A vida dupla de jornalista/pesquisador estava ficando cada vez mais difícil. Em *A Tribuna* havia muita exigência na área de Política, já que era praticamente o carro-chefe do jornal, com 9 a 11 páginas diárias, antes de tomar uma linha mais popular/policialista em meados dos anos 1990. Acompanhei a crise dos “anões do orçamento”, uma eleição estadual e presidencial e mais uns três ou quatro escândalos políticos. Algumas reportagens que eu apurava faziam uma direta ligação da atuação de instâncias políticas, administrativas e judiciais ao crime organizado no estado. Entendia que algumas matérias que vinham para a editoria de Política deveriam estar na editoria de Política. Paralelamente, em 1994, fui efetivado na *TV Gazeta* como produtor de um novo programa regional – misto de variedades, cultura e jornalismo – que entraria no ar no horário do meio-dia, *Jogo Aberto*. Após algumas discordâncias no aspecto “variedades”, acabei sendo transferido para a pauta do telejornalismo, onde permaneci até mais um pedido de demissão, em julho de 1995, quando

foi inaugurado o curso de Comunicação Social da Faculdade de Educação e Comunicação, na antiga Faculdade de Administração Espírito-Santense (Faesa)¹, e recebi o convite para converter minha *práxis* para o ensino/aprendizagem em sala de aula.

No ano seguinte participei do congresso da Intercom de Londrina, mais uma vez com duas pesquisas: uma de minha autoria – *Exploração da infovia de fibra ótica urbana na Grande Vitória* -, sobre as estratégias da companhia telefônica local para instalar uma infovia de dados, imagens e som somente na área nobre da capital capixaba; e uma outra – *Por uma pedagogia da comunicação e uma comunicação pedagógica* -, em coautoria com a professora Maria Lúcia da Silva, sobre os questionamentos de base para a proposta de inter-relação dos cursos de Educação e Comunicação Social da Faesa. O mesmo trabalho foi apresentado no final do ano em um encontro internacional de pesquisadores em Havana, onde tive a chance de conhecer o modelo cubano de educação e cultura, o que muito me inspirou e incentivou.



Na Universidad de La Habana, em 1995, podendo com colegas da América Latina as possibilidades de associar Comunicação e Educação em uma proposta curricular de ensino superior.

¹ Posteriormente passaria a se chamar Faculdades Associadas do Espírito Santo, mantendo o acrônimo Faesa.

Participando de eventos científicos foi que pude constatar mesmo que não conseguiria conciliar as atividades do jornalismo diário com as de professor e pesquisador. De *A Tribuna* já havia pedido demissão no ano anterior, sobretudo pelo fato de minhas indagações sobre a institucionalização estatal/governamental do crime organizado não estarem sendo muito bem recebidas. Me afastei também da *Rede Gazeta*, onde havia recebido o convite para ser âncora da recém-criada *Rádio CBN*. Para não abandonar de vez minha formação profissional, enquanto dava aulas nos turnos da manhã e da noite, continuava fazendo atividades de assessoria de comunicação e de imprensa. Entre 1997 e 1998 pude colaborar com a estruturação do Núcleo de Comunicação da Faesa, onde, entre outras atividades ligadas à comunicação estratégica, fui o responsável pelas festividades de comemoração dos 25 anos da instituição, com solenidades formais, publicações, espetáculos e eventos. Trabalhei ainda no Consórcio Intermunicipal para a Preservação dos Rios Santa Maria e Jucu, organizando eventos, seminários, expedições e documentação.

Mas minha dedicação principal era mesmo a de professor. Na Faesa, o fato de ocupar a posição de um dos mais antigos – no registro dos funcionários, tinha o número 001 – fez com que tivesse de assumir várias disciplinas, o que muito contribuiu para meus estudos. As primeiras disciplinas ministradas foram *Teoria e Métodos de Pesquisa em Comunicação I e II*, com isso, tive a chance de rever todos os fundamentos da metodologia científica e compreender melhor como adaptá-las às teorias e práticas comunicacionais, não só para trabalhar em sala de aula como para minha própria atividade de pesquisa. Em 1996 e 1997 colaborei no curso de Radialismo da Escola Técnica Federal do Espírito Santo como professor da disciplina de *Teorias da Comunicação*, mas o curso não teve prosseguimento. Tratava-se de uma parceria entre a instituição de ensino os sindicatos dos trabalhadores e das empresas de rádio e TV. Ainda na Faesa, fui o responsável pela disciplina de *Comunicação Regional*, o que me deu a iniciativa de desenvolver pesquisas na área dos grupos de mídia locais – continua havendo uma grande carência de registros nesta área, e pude motivar vários estudantes a pesquisas de “iniciação científica” e Trabalhos de Conclusão de Curso. No curso de Radialismo, do qual vim a ser coordenador no ano de 2000, trabalhei com as disciplinas de *Tecnologias de Rádio e TV* e *Teledifusão* – abordando visões técnicas e teóricas sobre os usos e efeitos da televisão na sociedade. Outra disciplina com que gostei de trabalhar foi de *Elaboração de Projeto de TCC*, onde pude rever conceitos e práticas para organização das ideias sejam com

objetivos de fazer uma monografia ou um trabalho prático (TV, rádio, jornal, revista, espetáculos...).

Entre as disciplinas não ligadas diretamente a minha formação, mas que se abriram como grandes desafios, estão *Realidade Brasileira e Regional, Educação e Comunicação* e *Novas Tecnologias em Educação*. Estas duas últimas, graças a uma iniciativa minha de tentar criar uma maior inter-relação entre os dois cursos oferecidos na Faculdade de Educação e Comunicação Social que, a princípio, só faziam dividir as mesmas instalações. Desenvolvi um projeto de pesquisa e aplicação para a criação de uma habilitação em Educomunicação. Mas, mesmo com o bom acolhimento da proposta em eventos científicos – Núcleo de Comunicação e Educação da Intercom e Universidad de La Habana, em 1996; e Colóquio Brasil-França de Comunicação, em 1998 –, acabou ocorrendo uma ruptura devido à tradicional departamentalização do saber, professores de campos “distintos” não se sentiram bem com a novidade, e o projeto foi engavetado. No final de 2003 houve um aceno para sua retomada, o que gerou uma II Semana de Educação e Comunicação na Faesa, oito anos após a primeira e igualmente infrutífera.

Até o início de 2005 estava responsável pelas disciplinas de *Sistemas Nacionais e Internacionais de Comunicações*, onde tinha como temática principal os processos ligados às indústrias da cultura e midiáticas; e *Direção de Programas de TV*, onde tive a possibilidade de aplicar meus conhecimentos e práticas de televisão e cinema na elaboração de programas de TV e projetos de captação de recursos para que fossem viabilizados.

Em paralelo a minhas atividades nos cursos de graduação, também atuei na pós-graduação da Faesa, da Faculdade de Direito de Vitória e da Consultime. Nessa segunda, fui responsável pela disciplina de *Novas Tecnologias Aplicadas a Projetos Sociais*, no curso de Gestão, Planejamento e Avaliação de Projetos Sociais, onde tive a oportunidade de trabalhar principalmente com assistentes sociais e pedagogos na elaboração de projetos executáveis de melhoria nas condições sociais – a maior parte dos estudantes atuava em ONGs ou em órgãos públicos –, o que me dá um grande orgulho. Já na pós-graduação da Faesa, após ter trabalhado com disciplinas de *Metodologia de Pesquisa*, para o curso de Marketing; e de *Educação e Comunicação*, para o de Docência do Ensino Superior; atuei na disciplina de *Meios e Técnicas de Comunicação Audiovisual*, no curso de Gestão em Assessoria de Comunicação, do qual fui um dos criadores. O que diferencia o grau de envolvimento dos projetos desenvolvidos é que

os do primeiro curso eram mais voltados para ações de intervenção e transformação social, ao passo que os demais buscavam quase que exclusivamente sua aceitação pelo mercado.

Uma das atribuições que mais me agradava no processo de ensino/aprendizagem na Faesa era a da orientação de pesquisas e projetos. Mesmo não havendo bolsas para iniciação científica, a cada ano me comprometia a colaborar com cinco ou seis projetos de estudantes da graduação ou da pós-graduação. Alguns merecem destaque pela qualidade e relevância, outros pelo esforço da descoberta. Nas quatro edições do Prêmio TCC, organizado pela Faesa para homenagear as melhores pesquisas, tive a honra de ser o orientador dos três trabalhos vencedores na área de Comunicação – *Programação regional de televisão: um estudo de caso comparativo entre o Espírito Santo e o Rio Grande do Sul*, de Carla Pollake (que, na sequência, foi fazer mestrado e atuar como docente na Universidade Metodista de São Paulo; atualmente é consultora e *coach* de projetos de comunicação, em São Paulo), em 2002; *O fenômeno dos reality shows na TV Brasileira*, de Renata Mello (atualmente, diretora de Conteúdo na Colmeia Performance Digital, no Rio de Janeiro), em 2003; e *Os estudos sobre a TV por assinatura no Brasil*, de Graça Rossetto (que foi fazer mestrado e doutorado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), atualmente é professora na Universidade Estadual de Maringá).

Este caminhar dos estudantes me incentiva cada vez mais em minhas próprias pesquisas. Sempre tento dialogar com temáticas próximas às que venho trabalhando ao longo dos últimos 30 anos – principalmente ligadas aos processos das indústrias das comunicações e da cultura. Como já mencionei anteriormente, minha aproximação com os pesquisadores em Comunicação no Brasil se deu bem longe daqui. Foi por meio do II Colóquio França-Brasil que pude ter acesso à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), tendo como porta de entrada o seletivo Grupo de Trabalho de Economia Política da Comunicação e da Cultura.

A primeira pesquisa que apresentei foi um resumo de minha dissertação, recém-traduzida do francês para o português, *Modelo de Representatividade Social na Regulamentação das Emissões de Televisão*. O congresso da Intercom de 1993 foi realizado em Vitória e, como eu não tinha nenhum vínculo acadêmico, me inscrevi como membro da diretoria do Sindicato dos Jornalistas. Os debates gerados de minha apresentação renderam tantos frutos que acabei tendo o texto publicado no primeiro livro do GT e recebendo convites para dar continuidades a minha pesquisa em um doutorado no Brasil. Mas como havia voltado

da França com o objetivo de não me afastar do jornalismo, o doutorado ficaria para mais tarde.

Em 1997 participei pela segunda vez de um evento científico no exterior, foi o 1º Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, onde apresentei o trabalho *Os desafios da televisão brasileira para o próximo milênio*. Este texto havia sido encomendado por um grupo de pesquisadores portugueses para uma revista – *Tendências XXI* – que abordaria a temática da televisão. Haviam me pedido que fizesse um histórico do desenvolvimento da TV no Brasil e o que podíamos esperar dela para os anos seguintes. O fato de “escrever para português ler” fez com que o texto ficasse muito didático, o que acabou sendo aproveitado por vários colegas no Brasil para sintetizar tal evolução em seus cursos. Uma versão mais aprofundada da pesquisa foi apresentada no mesmo ano no Grupo de Trabalho de Televisão da Intercom, e publicado em um livro organizado pelo então professor da UFBA, Sérgio Mattos, em 1999. Ainda em Lisboa participei do III Congresso Internacional de Jornalismo de Língua Portuguesa, com uma pesquisa sobre *A imprensa no Brasil e sua relação com o poder Judiciário*, foi uma oportunidade única de trocar experiências com colegas de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor Leste, Portugal, Goa (na Índia) e Macau (na China).



Debutando como palestrante em um evento na Europa, no 1º Lusocom, em abril de 1997. Na mesa, é possível ainda identificar Cesar Bolaño, Margarida Krohling Kunsch e Murilo Cesar Ramos.

Já em 1998 tive a oportunidade de fazer meu primeiro contato com pesquisadores canadenses. Meu paper *Régulamentation/Régulation de la télévision: un étude de cas du Brésil, du Canada, des États-Unis et de la France et ses enjeux politiques* foi aceito para a sessão de Comunicação e Cultura do congresso da Acfas – a SBPC local. Como no ano anterior já havia me encontrado com Gaëtan Tremblay no congresso da Intercom, em Santos, meu namoro com aquele país estava tomando ares de noivado.

Voltei à temática da educação/comunicação no V Colóquio Brasil-França, no Recife, ainda em 1998, e me descobri dividido entre duas escolas metodológicas dos estudos da comunicação: a francesa e a americana. Tal complicador só fez aumentar quando, sentindo falta de voltar a sistematizar minhas pesquisas, passei na seleção do doutorado em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e me descobri um pesquisador latino-americano.

Tal descoberta se deveu, sobretudo, à inspiração do professor José Marques de Melo. Foi ele quem mostrou que o que me angustiava em minhas pesquisas e textos nada mais era do que a manifestação de meu sincretismo metodológico. Que minha inquietação com o “e daí?” nas pesquisas, e a necessidade quase pragmática de sua aplicação para a transformação social, era compartilhada por colegas do México, Venezuela, Chile, Argentina, Uruguai, Colômbia e Bolívia há muitos anos. Foi dele também a convincente indicação de que deveria ter como orientadora a professora Anamaria Fadul, que, com toda sua experiência e visão, colaborou em muito na organização do furacão de ideias, teorias conceitos que eu vinha utilizando (ou não) para estudar o comportamento dos atores sociais em relação ao estabelecimento de políticas públicas de comunicação e de cultura.

Marques de Melo também me colocou em uma daquelas encruzilhadas da vida, ao me fazer o convite para me mudar para São Paulo e ser professor nos cursos de graduação da Universidade Metodista. Poucos meses antes eu havia recusado outro convite também muito tentador, para assumir a função de editor da revista mensal *Teletime News*, que estava para ser lançada. Ela completaria a lista de publicações especializadas que já contava com os títulos *Tela Viva* e *PayTV*, às quais eu era articulista colaborador. Eu havia acabado de ser selecionado para o doutorado, e acho que o que mais colaborou para a recusa foi o fato de o dono da editora ter dito que seria difícil conciliar as aulas e pesquisas com o dia-a-dia da redação. Só

que ele não foi nada próximo da delicadeza demonstrada por Anamaria Fadul no diálogo relatado na abertura deste Memorial. Ele usou da famigerada expressão: “Sai dessa! Quem sabe faz, quem não sabe ensina!”. Eu tinha ouvido algo semelhante quando pedi demissão da *TV Gazeta* alguns anos antes. Pois eu queria enfrentar o desafio de mostrar que ambos estavam errados. Talvez eles estejam felizes fazendo as mesmas coisas que fazem há mais de 30 anos. Eu, ao contrário, vivi várias novas experiências, aprendi e acho que ensinei muito.

O fato é que, mesmo recebendo bem menos em dinheiro do que se fosse trabalhar em São Paulo na revista ou na universidade, a direção da Faesa me ofereceu uma complementação do salário com uma bolsa de estudos que cobria as taxas do curso e as despesas das viagens quinzenais a São Bernardo do Campo. Acabei optando por Vitória.

Na Metodista, tive a felicidade de reencontrar Cicilia Peruzzo, com quem já havia aprendido muito sobre a necessidade de institucionalização e o mundo das pesquisas desde quando tive a oportunidade de fazer parte do Nexo – Núcleo de Estudos e Extensão em Comunicação, na Ufes. Ao lado de Giovandro Ferreira, Victor Gentilli, Juçara Brittes e dos então estudantes Josenildo Guerra, Edson Fernando Dalmonte e Iluska Coutinho conseguimos incrementar tanto o campo da Comunicação no Espírito Santo que, não apenas ganhamos o 1º Prêmio Luiz Beltrão de Grupo Inovador, em 1998, como plantamos a semente para os futuros grupos que se instalaram e se consolidaram na Ufes, a exemplo do Observatório da Mídia e do Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura (Labic), e da diáspora de notáveis pesquisadores capixabas em Comunicação que hoje ocupam posições de destaque no cenário nacional.



Na solenidade de entrega do Prêmio Luiz Beltrão, no Recife, em setembro de 1998, ao lado de Victor Gentilli, Margarina Krohling Kunsch, Cílicia Peruzzo e Giovandro Ferreira.

Também foi na Metodista que tive a honra de ter aulas com boa parte de minha bibliografia, desde o tempo de graduação: Isaac Epstein, José Marques de Melo, Sebastião Squirra, Sandra Reimão, Gino Giacomini, José Salvador Faro, Jacques Vigneron, Wilson Bueno e outros. Tive ainda a oportunidade de me aproximar da Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento, onde exerci a função de editor associado e entrevistador internacional da revista do Pensamento Comunicacional Latino-americano – PCLA, na qual pude entrevistar, entre outros, Armand Mattelart, Robert White, Manuel Pares I Maicas, Joseph Straubhaar, John Sinclair, Claude-Yves Charron e Gaëtan Tremblay.

Por esse vínculo com a Cátedra Unesco, recebi o incentivo de professores para que me empenhasse na parte de minha pesquisa relativa ao Canadá. Elaborei, então, um projeto para concorrer ao *General Governor's Award*, uma bolsa oferecida pelo Estado canadense para pesquisadores em Ciências Sociais de países em desenvolvimento. Fui o vencedor brasileiro do concurso e, em 2000, recebi uma bolsa para passar seis meses no Canadá a convite da representante da rainha Elizabeth II. Como não havia perdido o contato com o grupo de pesquisadores canadenses em indústrias culturais e midiáticas, acabei também sendo convidado a trabalhar como pesquisador-visitante na Université du Québec à Montréal

(UQAM), onde me ofereceram todas as condições necessárias para o desenvolvimento de minhas pesquisas e ainda me incentivaram a dar seminários sobre cultura, política, economia e comunicações no programa de mestrado daquela universidade. Lá, fui acolhido por Gaëtan Tremblay, que atuou como coorientador de minha tese, e pelo então também estudante de doutorado Éric George, não por coincidência, atualmente professor da UQAM e coordenador do Centre de recherche interuniversitaire sur la communication, l'information et la société (CRICIS), que me acolheu recentemente em um estágio de pós-doutorado sênior.

Meu período em Montreal foi tão enriquecedor culturalmente quanto o tempo passado na França. A cidade é conhecida mundialmente por suas atrações culturais: os festivais de jazz, circo, cinema e teatro, os museus e centros culturais. A dedicação à cultura foi a forma encontrada pelos moradores de Montreal para enfrentar os meses mais frios, e eu soube aproveitar cada momento daquele calor. Após meu retorno ao Brasil, em 2001, voltei ainda muitas outras vezes ao Canadá para participar de eventos ou realizar pesquisas na condição de “canadianista” – título que recebi oficialmente do Governo Canadense. Minha ligação com os pesquisadores canadenses se fortaleceu mais ainda ao longo dos anos, com a coorganização de dois colóquios binacionais em parceria com o professor Gaëtan Tremblay.

Ao mesmo tempo em que realizava meus estudos de doutoramento, fui convidado pela diretoria da Intercom para ser o responsável pelo Prêmio Intercom, que a entidade atribui anualmente aos melhores trabalhos de graduação, especialização, mestrado e doutorado, e organizar os Seminários de Inovações Científicas em Comunicação, entre 2000 e 2002. Esta experiência foi muito enriquecedora pelo fato de poder estabelecer contatos com pesquisas desenvolvidas em praticamente todas as universidades brasileiras. Pedi para sair da coordenação do Prêmio Intercom e do Inovcom quando, em 2003, fui eleito como membro do Conselho Fiscal da entidade e assumi a coordenação do Núcleo de Pesquisa de Políticas e Estratégias de Comunicações. Voltei a compor o Conselho Fiscal da entidade em mais duas ocasiões, assim como também por duas vezes fui eleito para sua Diretoria de Relações Internacionais. A vivência de estudos em outros países me possibilitou ainda a realização de eventos com colegas estrangeiros em países como Argentina, México, Canadá, Espanha, Portugal, Estados Unidos, França, China e Turquia. Também possibilitou a representação institucional da Intercom junto à Associação Latino Americana de Pesquisadores da Comunicação (Alaic), Associação Internacional de Comunicação (ICA) e Associação

Internacional de Pesquisa em Mídia e Comunicação (IAMCR). Tal interlocução com entidades e colegas de outros países gerou convites para a elaboração de textos em livros internacionais e para participar de um programa de colaboração técnico-científica em comunicações da Comunidade Europeia (CoMundus).

No campo da militância pela democratização da comunicação, a partir do ano de 2004, me envolvi com mais dedicação na campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”, ocupando a representação da Intercom na Secretaria-Executiva do grupo que atuava sob a estrutura da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados. Tive a oportunidade de colaborar na estruturação do Dia Nacional Contra a Baixaria na TV, ocasionando uma queda de 14 pontos percentuais na audiência dos programas dominicais. Também me envolvi nos debates sobre a regulamentação da publicidade para crianças, desenvolvendo um estudo sobre a regulamentação em outros países e coordenando um grupo de estudos junto às comissões de Direitos Humanos e de Defesa do Consumidor do Congresso Nacional sobre os efeitos da publicidade sobre crianças e adolescentes.

A riqueza dos debates mensais em Brasília e o aprendizado que tive com os representantes das cerca de 60 entidades que compunham a campanha me fizeram mais consciente da importância que a participação da sociedade nas decisões tomadas na capital do poder político nacional. Isso faz com que tenha que abrir aqui um outro parêntese específico:

Meu primeiro contato com a campanha “Quem Financia a Baixaria É contra a Cidadania” havia sido no dia de minha banca de doutoramento, em fevereiro de 2003, na Universidade Metodista de São Paulo. Um dos membros da banca, o professor Laurindo “Lalo” Leal Filho, questionou-me sobre o motivo de eu não a ter citado em minha tese, já que tinha como título “Grupos de pressão e de interesse nas políticas e estratégias de comunicações: um estudo de caso dos atores sociais no Brasil e no Canadá”. Gelei! Desde 1992, eu vinha pesquisando sobre algo que me incomodava muito: o fato de a sociedade ter pouquíssima participação nos conteúdos do que é veiculado na televisão, a não ser a posteriori, indiretamente, via pesquisas de opinião. Este havia sido o objeto de pesquisa de minha dissertação de mestrado em Grenoble. Desde então, vinha acompanhando as articulações dos atores sociais em torno do tema das comunicações no Brasil e em outros países.

Todo esse filme passou por minha cabeça para tentar responder sobre o motivo de não ter citado sequer uma linha sobre a tal campanha em minha tese, já que havia passado os últimos quatro anos debruçado sobre o tema. A resposta poderia colocar em risco dez anos de estudos. Lancei as palavras-chave no meu “google” mental, e nada. Tentei visualizar cada uma das milhares de páginas de livros, artigos científicos, sites, jornais e revistas lidas nos últimos anos. Nada! Por que motivo eu havia me concentrado tanto no Conselho de Comunicação Social – então recém-empossado no Senado com dez anos de atraso, em troca da emenda ao artigo 222 – e não tinha trabalhado nada sobre a tal campanha?

Para minha sorte, o tempo de fala para perguntas e comentários de Lalo durou cerca de cinquenta minutos. E em um determinado ponto, falando novamente da campanha, ele citou, *en passant*, que ela havia sido criada em novembro de 2002. Alívio geral. Estava ali minha resposta: por opção metodológica, havia encerrado a coleta de qualquer material conjuntural no mês de setembro de 2002, e dedicado os meses finais para a redação e revisão dos capítulos. Nesse período – e quem já passou pela experiência de uma tese, sabe o que isso significa – não atendia nem telefone, quanto mais acompanhar o que estava acontecendo no dia a dia da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados. A resposta técnico-metodológica do pesquisador foi aceita pela banca, mas meu outro lado *mezzo* jornalista/militante me dizia, bem no fundo, que eu tinha dado um vacilo. Felizmente, nos anos seguintes pude me redimir colaborando com a campanha ativamente e até escrevendo dois artigos em coautoria com Lalo para apresentações em eventos internacionais com pesquisadores dos Estados Unidos e do Canadá.

No início de 2005, outra daquelas decisivas encruzilhadas da vida apareceu na minha frente. A colega Isaltina de Mello Gomes me fez um convite para disputar uma bolsa de pós-doutorado oferecida pela Capes ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Desde a defesa do doutorado, no início de 2003, já vinha fazendo concursos para professor em algumas universidades federais, pois as condições de trabalho na Faesa estavam começando a ficar arriscadas. Prontamente aceitei o desafio, e vi a possibilidade de desenvolver uma adormecida pesquisa sobre os grupos de mídia no Nordeste brasileiro para testar a proposição de alguns colegas sobre o chamado “coronelismo eletrônico”. Quando do anúncio do resultado da seleção junto à Capes, em

maio, prontamente pedi demissão da instituição onde trabalhava há exatos 10 anos para me lançar novamente na aventura da pesquisa aprofundada e sistematizada.

Sabia que não era apenas uma decisão de melhor oportunidade de trabalho, como várias outras que havia tomado desde que comecei a receber por alguma atividade profissional, aos 16 anos, vendendo assinaturas de *A Gazeta* de porta em porta. Em termos financeiros, a bolsa da Capes era menor do que recebia de salário. Tratava-se ainda de uma mudança de estado, para uma cidade a dois mil quilômetros de distância da minha filha, minha mãe e meus irmãos, na qual tinha ido apenas uma vez, no congresso da Intercom de 1998. Havia também todo o imaginário sobre o Nordeste e os estereótipos que me foram construídos pela mídia sobre Recife. Mas guardava na lembrança da adolescência o que um dia escreveu Bandeira, então... Fui-me embora pra Pasárgada! Já havia recusado por três vezes ir morar em São Paulo, mas, como diz o frevo: “Recife mandou me chamar”.

Ao chegar na cidade, o choque foi enorme. Com toda a riqueza cultural e econômica do lugar; com muito mais do que frevo, maracatu e tapioca; com seus prédios de 40 andares; com voos diretos para Lisboa; Madrid, Miami e Nova York; com shows de Alceu, Elba e Nação Zumbi, mas também de Chico, Alanis, Iron Maiden, Amy Winehouse e Cirque du Soleil; realmente, eu estava em um lugar que o brasileiro não conhece. E o que encontrei na Universidade não foi diferente. Era tanta efervescência, tantos debates, tantas pesquisas. Mas o mais impressionante era o respeito que a população tinha pelos professores. Fosse o gerente do banco ou o borracheiro, a atendente da companhia aérea ou a caixa do mercadinho da esquina, todo mundo prestava a mesma reverência diante de um professor da UFPE: “O senhor é da federal?!”. Às vezes eu achava que estavam confundindo com a Polícia Federal. Mas não. Todos tinham alguma história para contar sobre um parente ou conhecido que havia se formado ou estudava lá. E também sobre algum projeto social que a Universidade havia feito em seu bairro, fosse um atendimento odontológico, um projeto de casas populares, uma rádio comunitária, uma horta coletiva, um sistema de coleta de esgoto. Pude descobrir a essência do conceito de ensino-pesquisa-extensão a partir do relato do povo. Mesmo não sendo amigo do rei, como dizia o poeta, descobri que ali era um bom lugar para estabelecer uma nova vida.

Foi a partir dessa proximidade da universidade com os movimentos sociais que tive a oportunidade atuar *in loco* sobre temas que discutíamos a distância na Campanha “Quem

e professores. Foi de uma dessas iniciativas que recebi o convite do Programa Erasmus Mundus, vinculado à União Europeia, para atuar como professor visitante em três universidades – Estrasburgo, Grenoble e Bolonha – ao longo de 2006: Como era bolsista da Capes, tive autorização para me ausentar do país por apenas quatro meses, e acabei escolhendo ir para a cidade onde havia feito meu mestrado.

A oportunidade de voltar a encontrar e dialogar com meus antigos professores Bernard Miège, Isabelle Paillard e Luiz Busato, agora, também como professor e recebendo em euros, é indescritível. Já havia estado com Miège em outras ocasiões, em eventos no Brasil, na França e no Canadá, e também havia feito a revisão técnica e prefácio da edição brasileira de seu livro *O Pensamento Comunicacional*, publicado pela Editora Vozes, em 2000; mas, dessa vez, pude explorar muito mais de nossas conversas sobre as dinâmicas das indústrias culturais e midiáticas. E não nos faltava tempo: coincidentemente, uma semana após o início das aulas, em fevereiro de 2006, os estudantes universitários e secundaristas franceses entraram em greve contra a legislação sobre o primeiro emprego, montando barricadas em frente aos prédios de salas de aulas. A paralisação durou até o final de abril, poucas semanas antes de meu retorno para o Brasil.

De volta ao Recife, fui aprovado no concurso para professor efetivo da UFPE para atuar nas áreas de Ética e Indústrias Midiáticas, nos cursos de graduação em Jornalismo, Cinema e Rádio e TV. Na pós-graduação, tornei-me professor permanente. O ritmo de trabalho em uma instituição que presa pela conjunção entre ensino, pesquisa e extensão é muito diferente da experiência que tive anteriormente, quando chegava a ter 32 horas semanais dentro de sala de aula. A nova realidade propiciou um período muito enriquecedor de produção de artigos, capítulos de livros, organização de eventos e articulações políticas em defesa da democratização da comunicação.

Também foi enriquecedor descobrir um novo patamar do processo de orientação. Como já relatei, sempre foi gratificante ver estudantes de graduação seguindo a carreira acadêmica, mas poder acompanhar quem já estava cursando um mestrado ou doutorado colocava o desafio em outro nível. Sobretudo, pelo fato de ter tido a oportunidade de trabalhar com estudantes do calibre de Aline Lucena, minha primeira orientação de mestrado, hoje professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Bruno Nogueira, hoje professor da UFPE e atual superintendente de comunicação da universidade; Ana Veloso, a

minha primeira orientanda de doutorado, que também é professora da UFPE; Mariana Martins, gestora da Empresa Brasil de Comunicação e pesquisadora com doutorado na Universidade de Brasília (UnB); e Fabiola Mendonça, vencedora do Prêmio Capes 2022 de melhor tese do país em Serviço Social. E tiveram ainda aquelas que não seguiram a carreira acadêmica, mas que colaboram em muito para uma comunicação transformadora, como Rosário Pompeia, empresária no setor de novas mídias; e Patrícia Cunha, secretária de Comunicação da Prefeitura de Olinda. De todos esses processos de ensino/aprendizagem restaram fortes amizades para o resto da vida.

A UFPE e as parcerias com entidades eu defendem a democracia foram de muita importância para termos realizado o primeiro Seminário de Mídia Cidadã fora da Cátedra Unesco, em São Paulo. A partir de uma proposta do Observatório da Mídia, não só nacionalizamos o evento, como mudamos seu nome para Conferência Brasileira de Mídia Cidadã; criamos a Feira de Mídia Cidadã, com a exposição de ações práticas de várias partes do país; e convidamos referências internacionais no tema para compartilhar conosco suas reflexões. Foi quando pudemos reunir no Recife o casal Armand e Michelle Mattelart e John Downing. Cees Hamelink também estava confirmado na programação, mas um problema de última hora impediu que viesse ao Brasil. A partir daquele evento foi criada a Rede Brasileira de Mídia Cidadã e, poucos anos depois, a Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã (ABPCom), da qual tive a honra de compor a primeira diretoria como diretor de Relações Institucionais.



Em um intervalo da Conferência de Mídia Cidadã, em 2008, ao lado de John Downing, Armand e Michelle Mattelart, Círcia Peruzzo e Oswaldo Trigueiro.

A passagem por Pernambuco acabou não sendo tão permanente como havia previsto. A pedido da Reitoria da UFPE, havia elaborado uma política de comunicação para a TV Universitária – a mais antiga TV pública do país – e as rádios AM e FM da instituição, e estava fazendo viagens pelo país para conhecer outras experiências, já no papel de futuro diretor do sistema RTV da universidade. Eis que em um evento em Uberlândia sobre TVs e rádios universitárias, encontrei dois colegas da Ufes – Dalva Ramaldes, então secretária de Comunicação da instituição, e Cleber Carminati, chefe do Departamento de Comunicação Social. Eles me contaram das dificuldades que estavam tendo com a TV e a rádio, além dos entraves para a aprovação do mestrado junto à Capes. Ofereci para ajudar de alguma forma, pois estava coordenando a reformulação do sistema de radiodifusão da UFPE e havia participado do grupo que formalizou o pedido do curso de doutorado recém-aprovado. Daí me perguntaram se não tinha interesse em voltar para Vitória, pois uma antiga professora estava em processo aposentadoria, e sua vaga poderia ser permutada com a minha da UFPE. Não pensava nisso, mas respondi que iria ponderar as possibilidades e conversar com a família, já que estávamos bem estabelecidos no Recife, com uma filha por nascer e prestes a assumir um cargo na Reitoria.

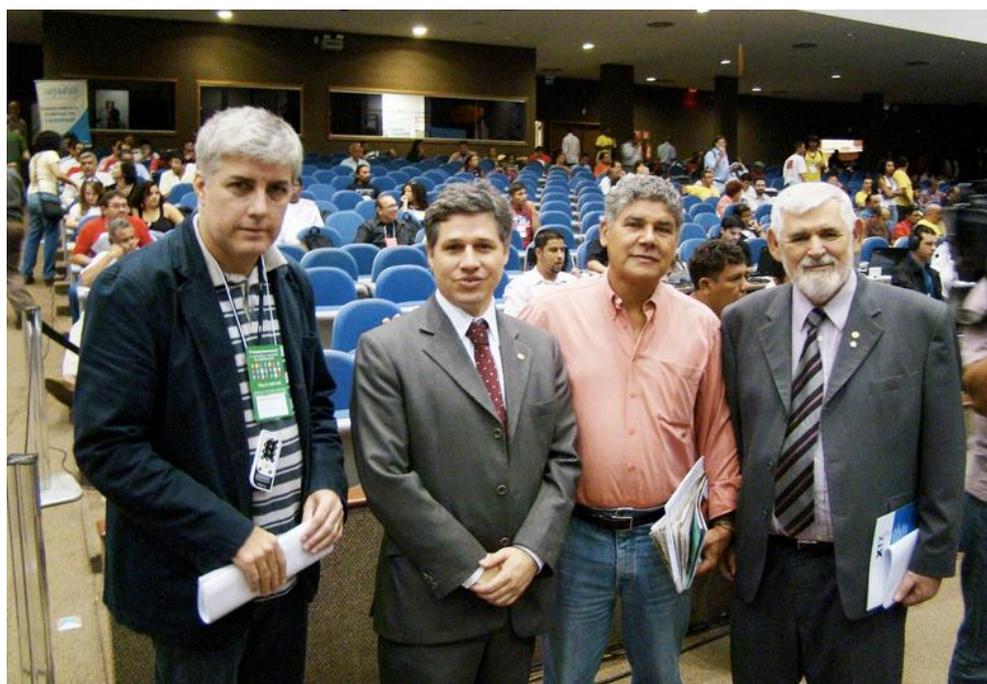
Alguns dias depois fui contatado pelo professor Fabio Malini, que me enviou o projeto que havia sido rejeitado e as ideias para o novo pedido. Fiz algumas observações, sendo que

o que mais me incomodava era o termo “regional” do nome originalmente proposto para o programa: “Comunicação Regional”. Na verdade, achava que poderia ser bom como diferencial, ainda mais que eu trabalhava com este conceito para estudar os grupos de mídia na região Nordeste, porém, o achava muito limitador para uma avaliação na Capes. Daí começaram as discussões que derivaram para o conceito de “territórios”, chegando alguns meses depois em “territorialidades”. Inicialmente, eu entraria no corpo docente como professor colaborador, mas como começou a se materializar a possibilidade da redistribuição da UFPE para a Ufes, acabaram me colocando como coordenador na proposta encaminhada do programa, pois já vinha de uma experiência de aulas, pesquisas e orientações em níveis de mestrado e doutorado em Pernambuco e como professor visitante na Universidade de Grenoble. A proposta foi mais uma vez negada.

Em maio de 2009 desembarquei de retorno a Vitória. Dessa vez para trabalhar na universidade onde havia me formado em Jornalismo 19 anos antes. Assumi as disciplinas de Legislação e Ética nas habilitações em Publicidade e em Jornalismo e também as de Teorias da Comunicação. Diferentemente da UFPE, o curso não tinha uma tradição de pesquisa. Do Núcleo de Pesquisa Nexo havia restado apenas o troféu do Prêmio Luiz Beltrão de Grupo Inovador em cima de uma estante e poucos eram os projetos com bolsas de Iniciação Científica. Também não havia muitas atividades de extensão. E quanto à internacionalização, tive dificuldades até para conseguir ser liberado para participar de uma missão técnica a convite do Ministério das Comunicações, onde visitaria experiências de políticas e implantação de TV digital interativa na Espanha, França e Inglaterra. Cheguei a ouvir de um colega durante e reunião de Departamento algo do tipo: “Aqui a gente dá aula, enquanto tem gente que gosta de ficar só pesquisando e viajando”.

Apesar desse clima que me deparei, mantinha minhas atividades de pesquisa e de militância orgânica sem depender da estrutura universitária. Naquele ano de 2009 estava ocorrendo no país algo que eu havia identificado desde meu mestrado como essencial para qualquer processo de democratização: uma Conferência Nacional de Comunicação (Confecom). A exemplo do que já ocorria em várias outras áreas, como da Saúde e da Educação, ambas desde 1941, dos Direitos Humanos, desde 1996, ou do Meio Ambiente, desde 2003, após muitas demandas da sociedade, enfim, o Governo Federal convocou uma conferência específica para nossa área. Tive a oportunidade de participar da articulação

nacional e com isso pude atuar como palestrante de algumas das etapas estaduais: Pernambuco, Paraná, Paraíba e Espírito Santo. Para a etapa final, em Brasília, consegui ainda, via Ministério da Educação, que 10 associados da Intercom vinculados a universidades federais fossem convidados como representantes do Poder Público.



Na Confecom, em 2009, fazendo lobby com os deputados Paulo Teixeira (SP), Chico Alencar (RJ) e Luiz Couto (PB) para garantir a regulamentação das propostas.

Cada vez mais eu me convencia de que a atuação política do intelectual tem que ser a mais ampla possível. Eu sempre gostei do ambiente de sala de aula, mas sabia que minhas pesquisas, ações de extensão e inserções no debate público – fossem na associação de moradores de São Pedro ou por corredores de Brasília – era a minha parcela para a transformação da sociedade.

Naquele início dos anos 2010 eu sabia que precisava me empenhar mais na aprovação do mestrado de Comunicação da Ufes. Após as duas negativas, optamos por reestruturar melhor tudo e revisar o corpo docente das propostas anteriores, e em 2012 enviamos novo projeto. Negado mais uma vez. Insistimos em 2013 e em dezembro fomos contemplados com o aceite da Capes. Mas aí havia um novo complicador para eu assumir a coordenação do programa em sua instalação. Desde setembro daquele ano eu estava trabalhando em Brasília,

onde havia aceitado o convite para um cargo à frente da Coordenação-geral de Mídias e Conteúdos Digitais no Ministério da Educação (CGMID/SEB/MEC), e não poderia sequer ser professor efetivo, já que estava cedido para atividade administrativa na capital federal.

A experiência em Brasília foi a materialização de algo que sempre acreditei: que, com políticas públicas democráticas e pessoas comprometidas com o interesse público, teríamos um país insuperável em muitos aspectos. Em meio ao acúmulo de experiências com as pesquisas e ações desenvolvidas ao longo de minha trajetória até então, o cargo na CGMID era a oportunidade da aplicação prática de metodologias que vinham sendo debatidas ao longo de muitos anos. E mais, a possibilidade de influenciar diretamente nas políticas públicas relativas à inter-relação da Educação e da Comunicação, dois setores tão importantes e centrais para a sociedade.

A CGMID era o órgão responsável pela *TV Escola*, o *Portal do Professor*, o *E-Proinfo* (Ambiente Colaborativo de Aprendizagem), o Banco Internacional de Objetos Educacionais (Bioe), e ainda jogos educativos e aplicativos para dispositivos móveis a serem distribuídos para estudantes e professores de todo o país. Era o órgão do MEC que cuidava tanto de conteúdos, como de infraestrutura e formação para o uso adequado das tecnologias em prol da educação. Tratava-se da antiga Secretaria de Educação a Distância (SEED), só que rebaixada em dois escalões na estrutura do MEC. Mas quase nada disso era operacionalizado por servidores públicos da área. Praticamente tudo havia sido comodamente terceirizado por dispensa de licitação por meio de um Contrato de Gestão de cerca de R\$ 45 milhões por ano com a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (Acerp); a antiga Fundação Roquette Pinto, que havia sido transformada em “Organização da Sociedade Civil de Interesse Público” (OSCIP) no governo de Fernando Henrique Cardoso. O setor contava com cerca de 150 profissionais em Brasília e no Rio de Janeiro, sendo que servidores públicos federais eram apenas cinco, contando comigo.

O plano de trabalho que apresentei para os escalões superiores, com o título “Institucionalização dos conteúdos educativos do MEC no cenário midiático brasileiro” tinha entre seus objetivos: “Ampliar o acesso a conteúdos educativos para a população via meios de comunicação” e “Propor políticas de educomunicação no âmbito de conteúdos e suportes midiáticos”. O texto de justificativa destacava os desafios a serem enfrentados:

O MEC tem uma longa tradição de uso dos meios de comunicação em prol da educação nacional, no entanto, diante dos constantes desafios lançados pelo avanço das tecnologias, há o risco de os processos de ensino e aprendizagem se tornarem reféns de tal dinâmica. Nesse contexto, decisões políticas vêm sendo tomadas por outras instâncias, desconsiderando o acúmulo do MEC nessa área, e deixando-o de fora de processos de decisão dificilmente reversíveis a curto prazo. Exemplo disso são os encaminhamentos a respeito do uso do Canal da Educação no Sistema Brasileiro de TV Digital, em implantação desde 2006.

Faz-se necessário um posicionamento do MEC a respeito deste e de outros temas, e, valendo-se de seu vasto capital simbólico no estabelecimento de políticas de Estado, tem a possibilidade de reocupar uma posição de protagonismo, assim reconhecido pela sociedade. Neste aspecto, além do respeito junto a outros órgãos, tem a capilaridade necessária para ampliar suas ações para as demais esferas federativas.

No plano de ação para que tais objetivos se materializassem havia uma série de iniciativas, dentre elas a elaboração de uma Portaria Interministerial MEC/MCom para a regulamentação do Canal da Educação previsto no Decreto nº 5.820/2006, e que colocaria a *TV Escola* nos canais abertos de multiprogramação. Outras ações envolviam principalmente o estabelecimento de parcerias com outros ministérios, embaixadas, emissoras do Legislativo e do Judiciário, TVs universitárias e TVs educativas/públicas dos estados. Havia também uma proposta de reestruturação de sistema de rádios educativas, iniciando com a tentativa de recuperar a histórica *Rádio MEC*, no Rio de Janeiro, da estrutura da *Empresa Brasil de Comunicação (EBC)*, e ainda propor parcerias com as dezenas de rádios universitárias sediadas nas instituições federais de ensino. Por fim, pensando nas mutações que estavam ocorrendo em um clássico suporte educacional usado nas escolas, havia a indicação de elaboração de um estudo e proposta para futura política de conteúdos e formatos de livros digitais, a ser incluída nas diretrizes do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

No entanto, ao encontrar naquele ambiente posicionamentos de interesses não tão públicos e posturas de marcações de lugar arraigados em uma cultura do “não mexe nisso” ou “isso tudo é muito ousado” – típica de algumas estruturas governamentais –, no final, ocorreram mais frustrações do que realizações. Assim, a esperança de tentar mudar arraigadas visões ultrapassadas a partir do centro deliberativo das políticas públicas, infelizmente, acabou durando apenas pouco mais de seis meses.



Com parte da equipe do MEC em evento de tecnologias da educação, em Salvador, no final de 2013.

O resultado mais frutífero da passagem pelo MEC, além de poder vivenciar de perto os meandros das relações de interesses no Executivo e no Legislativo, foi a de conseguir elaborar, redigir, encaminhar e fazer publicar a portaria interministerial que criou o Canal da Educação. A partir de uma parceria com o colega Octávio Pieranti – na época atuando em uma diretoria do Ministério das Comunicações –, criamos a possibilidade de uso de canais abertos de TV digital, com recurso de multiprogramação, para a educação básica e superior.

De volta a Vitória no início de 2014, aproveitei o início das atividades do mestrado para ajudar a esquecer as frustrações de Brasília. Mas sempre resta uma esperança. Como diziam Jards Macalé e Waly Salomão: “Talvez eu volte. Um dia eu volto. Quem sabe...”.

Como ainda tinha orientações no PPGCOM da UFPE em andamento – Fabiola Mendonça estava finalizando o mestrado e Ana Veloso o doutorado –, não cheguei a ficar longe de atividades ligadas à pós-graduação até o início da primeira turma da UFES. E, para minha felicidade, assumi logo a orientação de duas pesquisas muito motivadoras: Marialina Antolini,

que culminou na dissertação “A comunicação dos movimentos sociais como meio de empoderamento para a sociedade”, e Ana Paula Vieira de Souza, com o estudo “As TVs universitárias no contexto das indústrias culturais e midiáticas: o desafio conceitual e a busca de um modelo”.

No Observatório da Mídia, pude reassumir a coordenação dos projetos de iniciação científica da Cartografia dos Grupos de Mídia no Espírito Santo e a ampla pesquisa sobre Publicidade Infantil que estávamos fazendo em parceria com o Instituto Alana. Desse caso em particular, tivemos a oportunidade de criar um procedimento metodológico específico para o acompanhamento e análise de anúncios destinados a crianças ao longo de três anos, em 15 canais de TV, por 15 horas diárias nos períodos de 15 dias que antecediam o Natal, a Páscoa e o Dia das Crianças, além de uma quinzena típica composta ao longo do ano.

Nesse mesmo período de 2014 e 2015 fomos contemplados em dois editais da Secretaria Nacional de Direitos Humanos e do Ministério da Educação para a realização de oficinas e eventos no projeto “Capacitação de Jornalistas para o Respeito e a Promoção dos Direitos Humanos”, destinado a profissionais de imprensa, estudantes de Comunicação e participantes de movimentos sociais. A iniciativa era uma parceria com o Sindicato dos Jornalistas e o Conselho Estadual de Direitos Humanos. Voltar às bases foi muito bom para contrastar com as oportunidades perdidas nas/pelas idiossincrasias de Brasília, distantes de problemas da realidade nacional.

No início de 2015 fui convocado para um novo desafio: voltar às atividades administrativas. Dessa vez, à frente da Superintendência de Comunicação e Cultura da Ufes (Supecc). Encarei como uma oportunidade semelhante à do MEC, de poder trabalhar com a inter-relação educação e comunicação. A antiga Assessoria de Comunicação da universidade, na última reforma administrativa, havia ganho corpo e se tornado quase uma pró-reitoria, com uma estrutura que envolvia, além da assessoria de imprensa da Reitoria, um informativo impresso, uma revista de divulgação científica, a Rádio Universitária, a TV Universitária, um setor de criação e arte de material promocional, um Portal de informações na internet, as redes sociais digitais oficiais, a Editora da Ufes, o Cinema Metrópolis, o Teatro Universitário, a Galeria de Artes Espaço Universitário e o Coral da Ufes.

Assim como no MEC, em menor escala, algumas idiossincrasias e falta de vontade política para a compreensão das potencialidades de uma instância como essa para a

ampliação da divulgação do papel da universidade para a sociedade, mais uma vez fizeram com que frustrações disputassem muito espaço com os avanços e realizações. Por fim, após dois anos e meio à frente da Supecc, a opção de retorno às atividades de pesquisa e sala de aula, de coordenação do Observatório da Mídia e também do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, mostrou-se mais uma vez a mais correta para manter o caminho da utopia de colaborar com a transformação. As duas experiências frustrantes de tentar pressionar as mudanças de dentro das estruturas geraram um grande aprendizado.



Em uma aula peripatética, diante de problemas ocasionais de falta de estrutura no campus da Ufes.

Ao longo dos últimos anos continuei me dedicando às atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de algumas funções administrativas, políticas e de militância acadêmico-cidadã. Dentre elas a coordenação do PósCom-Ufes, as funções nas diretorias da ABPCom e da Intercom, a atuação no Conselho Estadual de Ética Pública e a colaboração na criação e coordenação da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD). Nesse tempo, me envolvi cada vez mais em ações e debates em defesa da democratização da comunicação e defesa dos direitos humanos, entre as quais algumas registradas nas fotos a seguir:



Ao lado de Maria da Penha Maia Fernandes, Rita Freire e Juliana César Nunes debatendo sobre mídia e violência contra a mulher no Fórum Mundial de Direitos Humanos.



Ao lado de Alberto Dines, debatendo sobre liberdade de expressão e democracia em evento do Ministério Público Federal.



Recebendo Audálio Dantas, ao lado de Victor Gentilli, para debate e lançamento de livro no Observatório da Mídia.



Prestando consultoria sobre Classificação Indicativa no Audiovisual para o Ministério da Justiça.



Dando parecer sobre o tema Publicidade, na comissão do Senado para revisão do Código de Defesa do Consumidor.



Ao lado de Anamaria Fadul, Tapio Varis e Sonia Virgínia Moreira, debatendo sobre a internacionalização da pesquisa em Comunicação.



Na Université du Québec à Montréal, participando das homenagens pela carreira acadêmica de Gaëtan Tremblay.



Na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, reforçando a importância do sistema público de comunicação.



No Instituto de Estudos Latino-americanos, falando dos desafios da comunicação em tempos sombrios



Atuando como entrevistador/provocador no programa *Temas em Educação*, exibido em TVs universitárias.

Durante todo o período desde que entrei no serviço público federal, nunca tive a oportunidade de solicitar nenhum dos dois direitos que temos para aperfeiçoamento profissional, seja como Licença Capacitação de três meses, possível a cada cinco anos de serviço; ou afastamento para estágio pós-doutoral. Toda vez que começava a me programar para um ou outro acabava assumindo algum cargo ou função na administração, e adiava os planos. Foi assim em 2013, quando fui para o Ministério da Educação, em Brasília; em 2015, quando assumi a Superintendência de Comunicação e Cultura de Ufes; e em 2018, quando fui eleito para coordenar o PósCom-Ufes. Até que tomei a decisão de não reapresentar candidatura à coordenação da pós-graduação e comecei a preparar meu afastamento para passar um ano como pesquisador visitante na University of Texas at Austin, finalmente, atendendo a um antigo convite do colega Joseph Straubhaar.

Passei todo o segundo semestre de 2019 preparando a burocracia de projeto de pesquisa, tramitação e aprovação nas várias instâncias da Universidade, solicitação de bolsa ao CNPq – para receber aquela resposta de que o estudo tem mérito, mas o Ministério não tem dinheiro –, vai e vem de documentação para os Estados Unidos, vai e vem a São Paulo para os vistos de trabalho e estudo para a família, busca e aluguel de apartamento não muito distante da UTexas, conciliando com a procura e matrícula das crianças nas escolas locais, planos de saúde, passagens, enfim, tudo nos conformes para que toda a família se instalasse na acolhedora cidade de Austin ao longo de 2020. As passagens estavam marcadas para o dia 16 de março. No entanto, em 11 de março, a Covid-19 é anunciada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia de escala global.

A Portaria nº 1.342, de 21 de novembro de 2019, publicada no Diário Oficial da União, estabelecia um período de afastamento de 12 de março a 12 de dezembro de 2020 para eu poder atuar no *Department of Radio-Television-Film*, do *Moody College*, na *University of Texas at Austin*, com a supervisão do professor Joseph Straubhaar. Seria para desenvolver a pesquisa que tinha como título “Mutações nas lógicas e estratégias nas indústrias culturais e midiáticas”, em complementação a um projeto já em andamento no Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Territorialidades (PósCom-Ufes) e cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação há alguns anos.

Com a determinação da OMS, não apenas todos os voos internacionais foram cancelados, como as escolas e universidades foram fechadas. Acreditava-se, naquele momento, que a pandemia duraria algumas semanas, no máximo dois meses. Já se vão dois anos e meio e cerca de 6,5 milhões de pessoas mortas pelo vírus, sendo 10,5% delas no Brasil e 16% nos Estados Unidos.

Passados alguns meses, realizando reuniões remotas com colegas da UTexas e consultas à documentação digitalizada e disponibilizada online da biblioteca e centros de pesquisa, vimos que o avanço estava sendo inviabilizado pela distância e também pelo fato de que estava ocorrendo uma grave anomalia no fenômeno objeto e na problemática do estudo. O que envolvia questões de ordem metodológica, sob o risco de ter toda pesquisa prejudicada. Os ciclos de mutações nas lógicas e estratégias nas indústrias culturais e midiáticas estavam presenciando um impulso de aceleração fora dos parâmetros históricos de referência. Processos que ainda levariam anos para ocorrer nos setores das comunicações estavam sendo implantados em questão de meses – o mesmo ocorreu na área de Educação. De uma hora para outra, o termo “novo normal” foi resgatado e amplamente utilizado com interesses econômicos travestidos de “soluções inovadoras”. No entanto, ao que se tem registro, este termo já havia sido utilizado há mais de 100 anos, não como algo bom, e sim como um alerta. Diante dos processos de aceleração das lógicas sociais a partir da implementação de novas técnicas e engenhos logo após a crise do início da Primeira Guerra Mundial, o engenheiro e inventor Henry Alexander Wise Wood publicou o artigo intitulado “*Beware!*”:

Para considerar os problemas diante de nós, devemos dividir nossa época em três períodos, o da guerra, o da transição, o do novo normal, que sem dúvida substituirá o antigo. As questões diante de nós, portanto, são, em linhas gerais, duas: Como passaremos da guerra para o novo normal com o mínimo de sobressaltos, em um curto período de tempo? A esse respeito, o novo normal deve ser moldado para diferir do antigo? (WOOD, 1918, p. 604)³.

Assim como naquela época, o atual “novo normal” afetou a vários setores da sociedade, sendo que aqueles vinculados ao projeto original sobre a mutações nas indústrias culturais e midiáticas foram alguns dos mais afetados pelo processo de aceleração, sendo eles

³ WOOD, Henry Alexander Wise. Beware! **National Electric Light Association Bulletin**, v. 5, n. 2, Dec. 1918.

o cinema, a música, a televisão, o livro, o rádio, os jornais e as revistas, independentemente dos suportes utilizados.

Diante de tal constatação e da previsão de que a pandemia seria mais longa do que o previsto inicialmente, foi tomada a decisão de interromper o estudo original e reconfigurar o projeto para tentar propor parâmetros de reflexão e análise dessas novas realidades pandêmica e midiática. Assim, no início de julho daquele primeiro ano de pandemia global, o processo de afastamento para a pesquisa foi interrompido formalmente, e retornei às atividades remotas na Ufes.

Ao longo do segundo semestre de 2020, juntamente com outros pesquisadores que também seguem a perspectiva da economia política das indústrias culturais e midiáticas, fizemos várias observações sobre o processo de aceleração das mutações durante a pandemia. Uma das constatações era a de que não tínhamos referenciais teóricos e metodológicos adequados para o devido acompanhamento e análise do fenômeno. Por fazer parte, há mais de 20 anos, do grupo de estudiosos de vários países que integram o *Centre de recherche interuniversitaire sur la communication, l'information et la société (CRICIS)*, sediado na *Université du Québec à Montréal (UQAM)*, e por já ter um projeto iniciado com colegas da UTexas, fui sondado sobre a possibilidade de adaptar o objeto e problemática do estudo para poder tentar encontrar metodologias mais eficazes.

Imaginando que a pandemia iria recuar com o início das campanhas de vacinação em massa, aceitei o desafio dos canadenses/quebequenses. Como os colegas do Texas não estavam tão seguros quanto ao breve fim da pandemia, no início de dezembro de 2020, foi protocolado o ofício informando que retomaria o processo de afastamento do país, fosse nos Estados Unidos ou no Canadá. As tratativas com colegas de Austin e de Montreal ocorreram ao longo de dezembro de 2020 e janeiro 2021, e, entre outros fatores, diante das declarações negacionistas do então presidente dos Estados Unidos em relação à vacina, optei por retomar os estudos no Canadá. O título do projeto havia sido modificado para “Reconfigurações nas lógicas e estratégias das indústrias culturais e midiáticas em tempos de crises globais: da 1ª Guerra Mundial à Pandemia do Covid-19”. Outra portaria de afastamento do país foi publicada no Diário Oficial da União, dessa vez para estudo no Canadá, no período de 14 de junho de 2021 a 13 de junho de 2022.

Mais uma vez, agora para outro país, foi dado início a todo o processo de solicitação de vistos de trabalho, de estudos e de visitante para toda a família, pois o projeto previa ficar um ano fora do Brasil. No entanto, as medidas de barreiras sanitárias adotadas pelo Governo Canadense foram muito rígidas, e, além da burocracia e exigências para a emissão dos vistos, as fronteiras do país ficaram fechadas para a entrada de estrangeiros até novembro de 2021. Cinco meses do período de afastamento já haviam sido perdidos. As reuniões com os colegas estavam ocorrendo no formato remoto. Enfim, com a flexibilização das medidas sanitárias, tive a oportunidade de viajar para o Canadá em março de 2022, retornando no final de maio. O estava previsto no projeto para um estudo presencial de 12 meses teve que ser realizado em 1/4 do tempo.

Em meios a essas incertezas sobre o afastamento para a pesquisa, a pandemia não dava mostras de que iria dar alguma trégua. E o fenômeno da desinformação passou a ser uma das principais estratégias daqueles negacionistas que tentavam minimizar a gravidade da crise. Dessa forma, juntando esforços a uma iniciativa proposta pela professora Ana Regina Rêgo, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), emprestamos as experiências acumuladas no Observatório da Mídia e do projeto Comunicaê – Educação para a Mídia, e criamos a Rede Nacional de Combate à Desinformação. Um setembro de 2020 lançamos o portal RNCD.ORG, criado a partir da concepção da agência de publicidade de Itamara Walério, antiga bolsista no Observatório. Naquele ponto de partida éramos em 30 parceiros na iniciativa, atualmente somos em 157, incluindo o Supremo Tribunal Federal (STF), Instituto Palavra Aberta, Sleeping Giants, Lupa e muitos outros projetos, agências de checagem, instituições, associações científicas, observatórios de mídias e veículos de comunicação.

Uma das formas para tentar não me abater tanto com os problemas gerados pela pandemia foi a de utilizar ao máximo as potencialidades das tecnologias de informação e comunicação. Nunca fui adepto das redes sociais digitais, mas as circunstâncias me forçaram a criar uma conta de Instagram, na qual fazia comentários sobre temas conjunturais e atendia a provocações de análises por parte de estudantes e colegas. Também passei a utilizar os aplicativos de reuniões, aulas ou palestras, pois já bastava o isolamento físico.

Diante do isolamento, do limão, percebi que era possível fazer bem mais do que uma limonada, e comecei a diversificar com outras receitas, como caipirinhas, mojitos, daiquiris, mouses e tortas de limão. Traduzindo, ao longo de mais de dois anos, sem sair de casa,

participei de tantas palestras, entrevistas para TV, rádio, jornais e revistas online, bancas, reuniões e debates que quase me perdia. Na maioria dos casos, o tema era a desinformação, seja em aspectos de saúde ou de política.

Para não ficar muito enfadonho, e como boa parte dessas ações tiveram divulgação online, exponho na sequência algumas dessas iniciativas:

TENDÊNCIA PÓS COVID-19

TEMA
A importância da informação correta em tempos de crise

ASSISTA NO FACEBOOK:
[@prefeituradearacruz](https://www.facebook.com/prefeituradearacruz)

PREFEITURA ARACRUZ

LIVE
04 DE JUNHO 2020
quinta-feira, às 17:00 horas

Qualis os conceitos de Fake News? É como usar as mídias corretamente?
Edgard Rebouças
Doutor em Ciências da Comunicação

Como comunicar regionalmente num ambiente de internet global?
Sergio Dencicoli
Doutor em Comunicação Social

Como combater a disseminação de notícias falsas?
Alicione Pinheiro
Secretária de Comunicação de Aracruz

Quais as recomendações jurídicas de combate às Fake News?
Dr. Wagner Carmo
Procurador Geral de Aracruz

COORDENADOR
Guerino Balestrassi
Secretário de Desenvolvimento Econômico de Aracruz

Sessão remota
CÂMARA DE VITÓRIA

PROLIFERAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS E DESINFORMAÇÃO INTENCIONAL

2 JULHO - 16H QUINTA

TRANSMISSÃO AO VIVO PELA TV CÂMARA

[facebook.com/camaradavitória](https://www.facebook.com/camaradavitória)
[youtube.com/canalcvm](https://www.youtube.com/canalcvm)

EDGARD REBOUÇAS
Diretor da Intercom, prof. UFES e jornalista

© 2020 www.ileanti.com.br

Instituto de Aplicação
Fernando Rodrigues da Silveira
CAP-UERJ

XI SIMPÓSIO EDUCAÇÃO E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: desafios e propostas
HOMENAGEM À PROFESSORA LEILA MEDEIROS DE MENEZES

**Fake news, pós-verdade, cancelamentos:
as linguagens nas experimentações pedagógicas no mundo virtual**

EDGARD REBOUÇAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

GAUDÊNCIO FRIGOTTO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CLAUDIA CRISTINA DOS SANTOS ANDRADE
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

REGISADORA ANNA CAROLINA DA MATA MACHADO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Dia: 17/11/2020 - 11h
Canal NEPE/CAP-UERJ no YouTube

NEPE

6º SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO E TERRITORIALIDADES *caminhos da comunicação no mundo em crise*
Encontro Virtual | Setembro/2020

**Comunicação e crise política:
Tensões e disputas do mundo em crise**

EDGAR REBOUÇAS MAURO PEREIRA PORTO

MARIA HELENA WEBER

01 de setembro, às 18h.

Realizado por: **PÓS.COM** | **UFES**

LIVE

CINE CLUBE *música capixaba e desafios em movimento*

DEBATE SOBRE AS PRODUÇÕES:

EDGAR REBOUÇAS TATI RABELO GUSTAVO GOUVEA GABRIEL DA CUNHA

9 · SET - 19H
QUARTA-FEIRA

TRANSMISSÃO: [f](#) [e](#) [p](#) [panelaaudiovisual](#)

Realização: **Panela** | Apoio: **Funcultura** | GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

XII FÓRUM ARTÍSTICO, CIENTÍFICO E CULTURAL

06 E 07 DE OUTUBRO
A PARTIR DAS 18H30

PARA TER ACESSO ÀS TRANSMISSÕES
[FSMA.EDU.BR/ACC](https://fsma.edu.br/acc)

O FUTURO DA CULTURA E DAS ARTES PÓS-PANDEMIA
07 OUT - 18h30 | Plataforma TEAMS

Prof. Msc. Gerson Dudus
Jornalista, Mestre em Comunicação e Cultura, Poeta com 3 livros publicados e Produtor Cultural.

Prof.ª Msc. Dilma Negreiros
Mestre em Comunicação Acessível, Especialista em Acessibilidade Cultural, Pós-graduada em Gestão Pública Municipal, Graduada em Pedagogia.

PUBLICIDADE, PROPAGANDA E "FAKE NEWS"
07 OUT - 18h30 | Plataforma TEAMS

Prof. Dr. Edgard Rebouças
Jornalista, mestrado em Ciências a Informação e da Comunicação, doutorado em Comunicação Social pela UMESP e pós-doutorado em Grupos Midiáticos pela Univ. Federal de Pernambuco.

MARATONA JUVENTUDE, JORNALISMO E DIREITOS HUMANOS

Dia 29/10 **Direito à informação, combate às fake news** **19h**

17h30 Oficina - Aprenda a combater a desinformação.

19h Abertura - Artigo da DUUD

19h10 Apresentação - O papel do jornalismo, das universidades e da juventude no combate à desinformação, com Edgard Rebouças, coordenador do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência, representando a RNCQ e Patrícia Pasquini, repórter da Folha de S. Paulo.

20h30 Pipoca e Reflexão - Dilema das Redes. Algoritmos, corporações e o impulsionamento da desinformação.

21h30 Apresentação Cultural - apresentação dos alunos

21h50 Encerramento

Assista **AO VIVO** no [Facebook](#) [YouTube](#) [@codigoaun](#) Agência Código

Inscrição gratuita e certificação

O LUGAR DO VIDEOCLÍPE DO 26 DE MAIO

19H - MESA II: VIDEOCLÍPE NAS REDES: O MERCADO DA MÚSICA E A ECOLOGIA DIGITAL

Palestrante: **EDGAR REBOUÇAS**

Realização: **Panela** | Apoio: **UFES** | **SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA** | **MINISTÉRIO DO TURISMO** | **PÁTRIA AMADA BRASIL**

PONTO DE VISTA.

ENTREVISTA: **EDGARD REBOUÇAS** JORNALISTA

Tema: **Disseminação de Fake News**
Apresentação: **Thelmo Scarpini**

TV Educativa do Espírito Santo – Canal 2

[/tv-educativa-es](https://www.youtube.com/tv-educativa-es)

8 Dez – 13h15
9 Dez – 18h45 (reprise)

25 SEMINÁRIO ACADÊMICO INTERNACIONAL APEC ONLINE

COOPERAÇÃO CIENTÍFICA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: OLHARES E PERSPECTIVAS IBERO-AMERICANAS

PAINEL
Desafios da informação: fact-checking em tempos de Fake News

TERÇA 24/11 - 15:30 BR - 19:30 ES

CONFIRMADO

 GERSON MARTINS Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (MODERADOR)	 LETÍCIA ARCOVERDE Nexo Jornal	 VINÍCIUS SOUZA Universidade Federal do Sul/ Journalistas Livres	 EDGARD REBOUÇAS Universidade Federal do Espírito Santo/ Intercom
---	---	---	--

25seminario.apecbcn.org

43º Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação

MESA 1 – 40 anos do Relatório MacBride: avanços e desafios no campo da comunicação

Participants: Fernando Oliveira Pinheiro, Edgard Rebouças - Ufes/Intercom, Cláudio Jambolito, Edson Medeiros, Dália Maria Crow Droulla.

YOUTUBE.COM/CRB8SP

15/03 18H

DESINFORMAÇÃO E FAKENEWS: QUESTÕES CONCEITUAIS E APLICADAS

CONVIDADO - JONATHAS LUIZ CARVALHO SILVA
Graduado em Biblioteconomia pela UFC, Mestre e Doutor em Gênia da Informação pela UFBA. Pós-Doutor em Cr. da Inf. pela UNESP. Professor de Graduação e Pós Graduação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas em Biblioteconomia da UFCA. Coordenador dos Programas Profissionais da Área de Comunicação e Informação - Capes. Vice-Presidente - CRB - 3ª. Região. Diretor Regional Nordeste da ABECIN -2016-2019. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UFCA 2016-2017. Colunista da Revista Biblio e do site Infhome.

CONVIDADO - EDGARD REBOUÇAS
Professor de Ética na Comunicação na UFES. Coordenador do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência. Diretor de Relações Internacionais da Intercom. Membro do Conselho Estadual de Ética Pública do Espírito Santo. Membro da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD).

MEDIADORA - REGINA FAZIOLI
Mestre em Tecnologia e Formação Tecnológica pelo CEETEPS. Especialização e Graduação pela FISP-SP. Criadora e coordenadora da Biblioteca Virtual do Governo do Estado de SP. Professora de Graduação e Pós Graduação - UNIFAI e Professora de Pós Graduação da FESP-SP. Conselheira do CRB8.

socicomorg

SOCICOM

DEBATE SOCICOM
Comunicação, Ciência e Democracia
23 de novembro | 16h

Fernanda Sobral (SBPC) Fernando Oliveira Paulino (SOCICOM) Edgard Rebouças (Intercom)

Roseli Figaro (COMPÓS) Felipe Saldanha (ASPEducom)

Transmissão pelo Canal da Intercom: www.youtube.com/c/Intercomcomunicacao

mcdbrasil

LANÇAMENTO EDUC
dia 11/3 às 15h

Participe pelo www.youtube.com/vpsic

COMO SAIR DAS BOLHAS
POLLYANA FERRARI

José Luiz Goldfarb
MEDIÇÃO

Pollyana Ferrari: Pesquisadora, professora da PUC-SP, autora de 8 livros sobre Comunicação e Desinformação.

Ana Regina Régo: Jornalista, professora do PPGCOMSPE, ex-presidente da Sociocom e da Alcar, coordenadora do Observatório da Mídia, diretoras literárias, políticas, sistemas e transparência.

Edgard Rebouças: Professor de Ética na Comunicação na UNES, coordenador do Observatório da Mídia, diretor literário, políticas, sistemas e transparência.

Lucia Santaella: Professora titular nos programas de pós-graduação em Comunicação e Semiótica e em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP.

TV PUC SÃO PAULO educ

#cnnews

AO VIVO DESINFORMAÇÃO NAS ELEIÇÕES
AS REDES SOCIAIS E A DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES FALSAS
Como o TSE e sociedade organizada combaterem as fake news nesse ano de eleições?

NEWS @@ @revistadadesenegocios | Dolar 5,14 Real brasileiro Taxa Selic 13,25%

RNC REDE NACIONAL DE COMBATE À DESINFORMAÇÃO

DEBATE

Uma rede contra a desinformação: o trabalho dos Observatórios.

ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI (SC) objETHOS MARIA HELENA WEBER (RS) Obcomp

EDGARD REBOUÇAS (ES) Observatório da Mídia GILSON PORTO (TO) Opaje

youtube.com/c/RNCDBRASIL 17/11 19h00

Live dos Jornalistas
Quarta (28) às 20h

SINDICATOS DE JORNALISTAS ES
FENAJ

- Eleições 2022 - A segurança dos jornalistas durante a cobertura do primeiro turno
- Lançamento do "Guia de Proteção a jornalistas na cobertura eleitoral"

Samira de Castro
Presidenta da Fenaj

Edgard Rebouças
Coordenador da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCDB) e do Observatório da Mídia.

Mediação: Douglas Dantas - Diretor do Sindijornalistas/ES e vice-presidente Sudeste/Fenaj

* Live será realizada pelo MEET: link disponível 30 minutos antes nas redes sociais @sindijornalistas e nosso site www.sindijornalistas.org.br.



abpeducom UMA DE COMBATE À DESINFORMAÇÃO DO STF

CICLO DE LIVES:
Educomunicação, Democracia e Eleições

T E M A: Educomunicação, mobilização social e ativismo pela democracia

22 de setembro | 19h

CONVIDADOS:

- Edgard Rebouças**
UFES / RNCd
- Andrea Triqueiro**
EducomBH / Unicap
Sócia ABPEducom
- Gabriela Guerreiro**
STF

MEDIAÇÃO:

- Suéller Costa**
Educom Alto Tietê
Sócia ABPEducom VP

TRANSMISSÃO:

- TV Justiça
youtube.com/abpeducom

Logos: ABPEducom, Educom, RNCd, Educom, STF

Colaborando para o debate!!!

PODCAST

ALTOSPAPOS

DESTAQUES | PODCASTS

A Lei Rouanet e a contratação de shows por prefeituras; Ouça no Podcast Altos Papos

O episódio do Podcast Altos Papos, disponibilizado nesta quarta-feira, 08, nas principais plataformas de streaming, discute sobre a Lei Rouanet e shows de prefeituras com o professor da Universidade Federal do Espírito...

altos-papos

#JornalDaCultura

EDGAR REBOUÇAS
COORD. DE PESQUISA/RNCd

FAKE NEWS **OCDE: 66% NÃO DIFERENCIAM FATOS DE OPINIÕES**

ÃO NO BRASIL, SEI NÃO, ACHO QUE INTERPRETAMOS MAL ESSA LEI, POIS HOJE ATÉ O II

Edgard Rebouças - Ufes

Acredito que esta parte introdutória, mesmo tendo ficando muito extensa, apresenta um panorama o mais fiel que possa me recordar a título de trajetória profissional. As partes obrigatórias deste Memorial que vêm a seguir descrevem com mais detalhes várias das passagens resgatadas nestas páginas iniciais, tocando especificamente a minha formação, domínio de idiomas, reconhecimentos e distinções ao longo da carreira, experiência como professor, atividades de orientação, produção bibliográfica, projetos de pesquisa, ações de extensão universitária, atividades administrativas, funções de entidades científicas e no sindicato, participação em eventos (com publicação em anais) e colaboração em comissões julgadoras de concursos e premiações.

02. FORMAÇÃO

Minha formação formal não tem nada de muito diferente de alguém que pretenda se tornar um professor titular. Somente não estão listados abaixo meus anos de Educação Infantil e Fundamental – na época chamados de Primário e Pré-Primário. Do Segundo Grau em diante, sempre tive formação profissionalizante, e que constam como parte integrante da trajetória descrita neste Memorial.

Um ponto que talvez mereça destaque é que dos 27 anos de estudos formais que acumulei até o momento, dois terços deles foram realizados em instituições públicas, e do um terço cursado em instituições privadas, mais da metade foi com bolsa de estudos integrais.

2021-2022 - Estágio Pós-doutoral sênior na Université du Québec à Montréal (UQAM)

Título da pesquisa: Reconfigurations dans les logiques et les stratégies des industries culturelles et médiatiques en temps de crises mondiales

Supervisão: Prof. Éric George

2020-2020 - Estágio Pós-doutoral sênior na University of Texas at Austin [*Interrompido*]

Título da pesquisa: Mutations on Logics and Strategies in the Cultural and Media Industries

Supervisão: Prof. Joseph Straubhaar

2005-2006 - Estágio Pós-doutoral na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Título da pesquisa: Os grupos regionais de mídia face as estratégias globais do mercado de comunicações e de cultura (Bolsa Prodoc-Capes)

Supervisão: Profa. Isaltina de Mello Gomes

1999-2003 - Doutorado em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)*

Título: Grupos de pressão e de interesse nas Políticas de comunicações: Um estudo de caso dos atores sociais no Brasil e no Canadá (Bolsa Funadesp)

Orientadora: Profa. Anamaria Fadul

(*) Estágio de pesquisa sanduíche na Université du Québec à Montréal (UQAM), entre 2000 e 2021, com bolsa Governor General's Awards, sob a supervisão do Prof. Gaëtan Tremblay.

1996-1997 - Especialização em Docência do Ensino Superior nas Faculdades Integradas do Espírito Santo (Faesa)*

Orientação: Profa. Raquel Baião Duemke e Profa. Regina Murad

(*) Formação complementar oferecida com bolsa integral da instituição.

1992-1994 - Mestrado em Sciences de l'Information et de la Communication na Université Grenoble 3

Título: Modèle de représentativité sociale dans la réglementation des émissions télévisuelles

Orientador: Prof. Luiz Busato.

1986-1990 - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

Título: PRJ-90 - Programação jornalística de uma rádio FM para as classes A e B.

Orientador: Prof. Hésio Pessalli.

1982-1984 - Curso técnico/profissionalizante em Edificações na Escola Técnica Federal do Espírito Santo (ETFES)

03. IDIOMAS

Desde muito jovem tive curiosidade por outras línguas. Sabia da necessidade delas para poder chegar próximo de realizar meus desejos de conhecer outros países. O primeiro contato com línguas estrangeiras foi pelo rádio. Gostava de ficar à noite, no escuro, navegando pelo dial das estações de ondas curtas, ouvindo e tentando entender as transmissões da *BBC*, *Radio France*, *Voice of America* e *Radio Vaticana*. No rádio do barco de meu pai, as vezes tentava acompanhar os diálogos entre comandantes dos navios esperando para entrar nos portos de Vitória ou Tubarão. Como percebi logo cedo que as disciplinas obrigatórias de Inglês oferecidas ao longo do ensino fundamental e médio jamais atenderiam àquilo que eu queria, e, como estudava em escola pública, meu pai pagava com prazer cursos particulares de inglês, pois devia prever algum futuro internacional para seu filho caçula, sendo que ele jamais havia saído do país.

Com isso, ao longo da adolescência, foram algumas passagens por cursos como IBEUV, Number One ou CCAA, o que fez como que estabelece um nível intermediário de conhecimento do inglês, algo que tem me ajudado a me virar um pouco ao longo da trajetória como jornalista, professor e pesquisador.

Já o francês, que tenho como segunda língua, e domínio em nível avançado, surgiu por acaso. Foi após o convite do colega Luciano Venturim para substituí-lo como responsável pela programação do Cineclube da Aliança Francesa de Vitória. Em paralelo às exibições e aos debates semanais de clássicos do cinema francês, podia fazer o curso gratuitamente. Além das aulas, a convivência com professores e diretores da representação da França na cidade

me possibilitou uma quase vivência com a cultura daquele país, onde acabei indo morar e fazer meu mestrado alguns anos depois.

Por dominar o francês e ter facilidade para aprender de ouvido, acabei me aproximando autodidaticamente do espanhol, arranhando alguns diálogos com colegas latino-americanos e em viagens a Argentina, Chile, Cuba, México, Costa Rica, Equador e Espanha. Aos poucos, colegas foram me informando que eu já havia avançado para além do pretense “portunhol” de outras épocas.

E o italiano, aproveitando o razoável conhecimento das outras três línguas latinas, se aperfeiçoou durante minha estadia em Grenoble, entre 1992 e 1993, por três motivos: 1) esta ser a cidade de maior colonização italiana da França; 2) ter feitos boas e especiais amizades com colegas da Itália que moravam lá, e que preferiam falar comigo em italiano do que em uma língua estrangeira para nós; e 3) ter um grande amigo da época de Escola Técnica, José Augusto Marino, que morava na região do Veneto – há poucas horas de carro ou trem dali –, e tinha que me virar em italiano para ir visita-lo. Então, meu italiano não vem do fato de morar em um estado com grande colonização daquele país. Não tenho nenhuma ascendência italiana, sou 100% descendente de cearenses.

Posteriormente, o fato de ter morado na França e no Canadá, contribuiu ainda mais para o reforço, fixação e quase naturalização do uso de outras línguas para melhor me comunicar. Para minha atuação acadêmica, o conhecimento de tais idiomas foi muito proveitoso em três aspectos: 1) para a leitura de textos fundamentais e atuais por meio das revistas científicas internacionais; 2) para poder participar de eventos e dialogar com colegas de outros países; e 3) para colaborar na difusão do pensamento de pesquisadores estrangeiros a partir da tradução para o português ou coautoria de artigos publicados no Brasil, dentre eles Armand Mattelart, Gaëtan Tremblay, Bernard Miège, Joseph Straubhaar, Craig Calhoun, John Sinclair, Robin Mansell, Luiz Ramiro Beltrán, Manoel Pares i Maicas e José Carlos Lozano Rendón.

04. DIPLOMAS, DIGNIDADES UNIVERSITÁRIAS E PRÊMIOS DE CUNHO CIENTÍFICO E CULTURAL

As distinções e prêmios no mundo acadêmico têm a função de reconhecimento das atividades do pesquisador e também colaboram para seu capital simbólico. Não conheço nenhum dos colegas da academia que trabalhe especificamente para isso, com ocorre em outras áreas que já atuei, como o Jornalismo e a Publicidade. No nosso caso, acredito que o reconhecimento maior seja exatamente o processo que está ocorrendo neste momento, o de poder ser avaliado por pares que respeito por suas trajetórias e que tirão se tenho competência para me tornar um professor titular.

Na lista cronológica abaixo, enumero algumas distinções que considero importantes na motivação às atividades que já desenvolveria, independentemente de terem recebido reconhecimento público ou não:

2022

Prêmio Intercom de Mestrado 2022 - 1º Lugar / Orientador da dissertação “As emissoras estatais de rádio e a radiodifusão de serviço público”, de Ivana De Mingo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom.

2019

Honra ao Mérito por serviços prestados à cidade de Vitória - 40 anos do Sindijornalistas-ES, Câmara Municipal de Vitória.

2019

Homenagem pelos serviços prestados à comunidade por meio do Projeto Comunicaê, Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo.

2014

Patrono da Turma de Jornalismo - UFES 2013/2, Universidade Federal do Espírito Santo.

2012

Faculty Research, Foreign Affairs and International Trade Canada.

2009

Voto de Louvor, Câmara Municipal de Vitória.

2007

Faculty Research, Foreign Affairs and International Trade Canada.

2006

Honra ao Mérito 1996-2006, 10 anos da Cátedra Unesco/Methodista de Comunicação.

2006

Concurso para professor adjunto em Ética e Indústrias Midiáticas, Universidade Federal de Pernambuco.

2005

Prêmio TCC "Waldeth Nunes Theodoro" - Orientador, Faculdades Associadas do Espírito Santo.

2005

Concurso para professor adjunto em Processos Comunicacionais, Universidade Federal de Pernambuco.

2005

Erasmus Mundus Scholarship, International Consortium for Media, Communication and Cultural Studies.

2005

Bolsa de Pós-doutorado Prodoc 2005-2006, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes.

2004

Melhor tese de Doutorado em Comunicação Social - 2003, Universidade Metodista de São Paulo.

2004

Concurso para professor adjunto em Produção Cultural, Faculdade de Comunicação - Universidade Federal da Bahia.

2002

Prêmio TCC "Waldeth Nunes Theodoro" - Orientador, Faculdades Associadas do Espírito Santo - Faesa.

2001

Prêmio TCC "Waldeth Nunes Theodoro" - Orientador, Faculdades Associadas do Espírito Santo - Faesa.

2000

General Governor's Award, International Council for Canadian Studies.

1999

Bolsa de Doutorado 1999-2002, Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular - Funadesp.

1998

Prêmio Luiz Beltrão na categoria "Grupo de Pesquisa Inovador" concedido ao NEXO - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Comunicação da Ufes, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom.

05. EXPERIÊNCIAS DOCENTE NA UNIVERSIDADE

O gosto pela atividade docente começou na Universidade, mas não propriamente quando me tornei professor das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa), em 1995. Alguns anos antes, em 1991, a amiga Claudia Pasolini me convidou para assumir uma disciplina em um curso noturno que ela estava trabalhando, promovido pela Ufes. Tratava-se de um Supletivo de 2º Grau destinado a servidores técnicos que queriam se qualificar. Assumi a disciplina de Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Era uma daquelas matérias remanescentes da época da ditadura, com objetivo de doutrinar estudantes para o ideário cívico. Mas era constantemente subvertida por professores progressistas em sala de aula, trabalhando com conteúdos de formação cidadã. E foi o que fiz. Como era jornalista da área de Política, e via no cotidiano a deficiência da compreensão sobre o papel das instituições e agentes públicos, aproveitei para fazer um B+A=BA trabalhando com os conceitos de Democracia, Três Poderes, Eleições... Tal experiência durou alguns meses, mas foi definitiva para eu ver e sentir o poder transformador da educação. O interessante é que uso de conteúdos dessas aulas até hoje, quando, semestralmente, vou iniciar a disciplina de Legislação e Ética na Comunicação e “descubro” que estudantes universitários de Jornalismo e de Publicidade, no terceiro ano do curso, com seus 20 anos de idade, não têm a menor ideia da diferença entre uma lei, um decreto ou uma bravata publicada por algum governante no Twitter; pouco menos o que faz um senador, um deputado ou um vereador; ou ainda os papéis de um tribunal ou do Ministério Público.

Como relatei anteriormente, iniciei a carreira de professor universitário na Faesa e, como o salário era calculado em hora/aula, quanto mais disciplinas assumisse melhor seria a remuneração. Como conciliava a experiência prática de ter trabalhado em jornal, televisão e

assessoria de imprensa, com o conhecimento teórico trazido do mestrado, acabei ocupando muitas disciplinas. Somava-se a isso o fato de a faculdade querer faturar, abrindo vagas para seis a oito turmas semestralmente nos cursos de Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas e Rádio e TV.

Tal maratona de chegar a oferecer 32 horas semanais dentro de sala de aula só diminuiu quando os dirigentes da Faesa pareciam querer me forçar a pedir demissão – já que a indenização trabalhista por 10 anos intensos seria alta se me demitissem –, e passaram a me destinar poucas horas de aula. Foi quando optei por aceitar a bolsa de pós-doutorado da Capes e me mudar para a UFPE.

Na Universidade pública, com vocação para a pesquisa, a extensão e a preocupação com a qualidade do ensino pude descobrir que o tempo para planejamento de aulas e a associação com conhecimentos e práticas do tripé da função universitária qualificavam em muito a minha práxis. Nessa mesma época, boa parte da riquíssima geração de professores do curso de Comunicação da Faesa também rumou para universidades públicas em busca de mais estabilidade e possibilidade para a pesquisa. Desse grupo, é possível destacar nomes como Iluska Coutinho e Jorge Felz, que foram para a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Vanessa Maia e João Barreto, que foram para a Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ); Katia Fraga, aprovada em concurso na Universidade Federal de Viçosa (UFV); Alessandra Carvalho, atuando na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Conceição Soares, que foi para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Hérica Lene, hoje professora na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB); Rodrigo Rossoni, professor na Universidade Federal da Bahia (UFBA); Celina Rosa, atualmente no Instituto Federal da Bahia (IFBA); Francisco Machado Filho, hoje na Universidade Estadual Paulista (Unesp); Cláudio Rabelo, que se deslocou para a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), atualmente na Ufes; e Janaina Leite e José Soares de Magalhães, também professores no Curso de Comunicação da Ufes; além de Sandro José Silva e Luís Claudio Ribeiro, atuando em outros cursos da Ufes e Roberta Traspadini, atualmente na Universidade Federal da Integração Latino-americana (Unila). Se a Faesa tivesse um projeto de investir na pesquisa e fixação de talentos, com esse time, já teria hoje um curso de Doutorado em Comunicação.

Logo que fui aprovado no concurso da UFPE, em 2006, assumi as disciplinas de Legislação e Ética, na graduação, e as de Indústrias Culturais e de Teorias da Comunicação na

pós-graduação. Tive a oportunidade de me aperfeiçoar nessas áreas direcionando minha produção científica para tais reflexões. Ao longo dos anos em Pernambuco e desde que fui redistribuído para a Ufes, em 2009, ministrei basicamente as mesmas disciplinas originárias do edital de minha contratação. Algumas incursões em disciplinas mais práticas como Produção e Direção de Programas de TV ou ainda Telejornalismo me remetiam aos tempos do início da carreira, mas deixava claro que não era um estudioso de tais áreas, só me habilitava a assumi-las em substituição a algum colega específico dessas cadeiras quando em afastamento por questões de saúde ou para pós-doutorado.

Em resumo, fazendo uma conta rápida, nesses quase 28 anos em sala de aula, tive a oportunidade de colaborar com a formação de aproximadamente dois mil estudantes. Com certeza, aprendi muito mais do que ensinei. E muitas emoções eu vivi.

06. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO

O momento da orientação é o que mais aproxima os sujeitos no processo de ensino/aprendizagem de forma horizontalizada. Dedicar um tempo específico para uma atividade individualizada e aprofundada sobre um objeto ou problemática de estudos é o mais próximo daquilo que antigos filósofos destacavam dos diálogos entre mestre e discípulo. Nunca gostei do conceito genérico de “discípulo” – tampouco o de “aluno” –, e sempre optei por seguir o modelo dialógico e interpessoal, na tentativa de uma construção solidária.

Normalmente, no primeiro dia de orientação, exibio para quem me escolheu um trecho de Alice no País das Maravilhas, de Disney. É aquele em que ela se encontra com o Gato Cheshire em uma encruzilhada:

“Você poderia me dizer, por favor, qual o caminho para sair daqui?”

“Depende muito de onde você quer chegar”, disse o Gato.

“Não me importa muito onde...” foi dizendo Alice.

“Nesse caso não faz diferença por qual caminho você vá”, disse o Gato.

“...desde que eu chegue a algum lugar”, acrescentou Alice, explicando.

“Oh, esteja certa de que isso ocorrerá”, falou o Gato, “desde que você caminhe o bastante”.

Alice percebeu que era impossível negar isso; então arriscou outra pergunta: “Que tipo de gente vive por aqui?”

“Naquela direção”, disse o Gato, ondulando sua pata “mora um Chapeleiro; naquela outra”, agitando a outra pata, “mora uma Lebre de Março. Visite ou um ou outro: ambos são loucos”.

“Mas eu não quero me encontrar com gente louca”, observou Alice.

“Oh, não se pode evitar”, disse o Gato, “todos são loucos por aqui. Eu sou louco. Você é louca”.

“Como sabe que eu sou louca?”, indagou Alice.

“Você deve ser”, respondeu o Gato, “ou então não teria vindo aqui”.

Sinto que nestes tantos anos de loucuras, aprendi mais do que ensinei, sobretudo com meus orientadores Hésio Pessali, na graduação; Luiz Busato, no mestrado; Raquel Baião e Regina Murad, na especialização; e Anamaria Fadul e Gaëtan Tremblay, no doutorado; além das supervisões de Isaltina de Mello Gomes, Joseph Straubhaar e Éric George, nos estágios de pesquisa na Universidade Federal de Pernambuco, na University of Texas at Austin e na Université du Québec à Montréal.

Segue abaixo uma lista contendo minhas orientações em cursos de pós-graduação – uma de Tese de Doutorado, 17 de Dissertações de Mestrado (mais três em andamento) e sete relatórios de Lato Sensu –, 61 de Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação (mais quatro em andamento), 31 de pesquisas de Iniciação Científica (mais uma em andamento) e 13 de projetos de Extensão (mais uma em andamento). Alguns poucos trabalhos de graduação foram feitos em duplas ou até em trios, com isso, são quase 150 pessoas com quem tive a oportunidade de compartilhar conhecimentos, dúvidas e descobertas nestes últimos 27 anos. Muitas delas seguiram a carreira acadêmica, outras tantas se tornaram profissionais de Jornalismo, Publicidade ou Audiovisual e algumas optaram por seguir outros caminhos. Na maioria dos casos, consigo acompanhar suas trajetórias por vínculos de amizade que permaneceram ou por estarem visíveis nas mídias.

Os títulos de muitas das pesquisas e ações dão um bom referencial da opção pelo viés transformador do uso e do estudo da comunicação e da educação para a sociedade. Na medida do possível, tentei localizar o que andam fazendo cada uma dessas pessoas no atual momento, o que destaco a seguir:

Tese de Doutorado

2013 - Ana Maria da Conceição Veloso*. **Gênero, poder e resistência: as mulheres nas indústrias culturais em 11 países.** Tese Doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE, com bolsa da Ashoka Empreendedores Sociais.

- * Atualmente é professora dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Rádio, TV e Internet da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Coordenadora do Observatório de Mídia: Gênero, Democracia e Direitos Humanos (ObMídia).

Dissertação de mestrado

2012 - Ivana Sonegheti de Mingo. **As emissoras estatais de rádio e a radiodifusão de serviço público - Estudo de caso sobre as emissoras de rádio vinculadas ao poder executivo no Brasil.** Dissertação no Mestrado em Comunicação e Territorialidades da Ufes.

- * Foi vencedora do Prêmio Intercom 2022 de Melhor Dissertação de Mestrado e atua como professora voluntária no Departamento de Comunicação da Ufes.

2020 - Alice Barcellos. **Enquadramento noticioso: as juventudes nos telejornais da Grande Vitória.** Dissertação no Mestrado em Comunicação e Territorialidades da Ufes.

2019 - Ana Carolina Ronchi*. **À margem dos jornais: uma análise da representação das áreas de vulnerabilidade social da Grande Vitória na imprensa capixaba.** 2019. Dissertação no Mestrado em Comunicação e Territorialidades da Ufes, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

- * Atualmente cursando Doutorado em História na Ufes.

2019 - Ademar Possebom Pessini Junior. **A contextualização dos crimes contra a vida das mulheres na imprensa capixaba: uma análise de conteúdo das notícias de A Tribuna.** Dissertação de Mestrado em Comunicação e Territorialidades da Ufes.

2018 - Weber Kirmse Caldas. **Mutações no papel dos jornais: estudo de caso da imprensa capixaba.** Dissertação no Mestrado em Comunicação e Territorialidades na Ufes, com bolsa da Capes.

2018 - Elaine Rodrigues Dal Gobbo. **A comunicação da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória de 1977 a 1985 e nos anos 2010: estratégias, cotejos e apontamentos.** Dissertação no Mestrado em Comunicação e Territorialidades da Ufes.

2016 - Ana Paula Vieira de Souza. **As TVs universitárias no contexto das indústrias culturais e midiáticas: o desafio conceitual e a busca de um modelo.** Dissertação no Mestrado em Comunicação e Territorialidades da Ufes.

2016 - Marialina Côgo Antolini*. **A comunicação dos movimentos sociais como meio de empoderamento para a sociedade.** 2016. Dissertação no Mestrado em Comunicação e Territorialidades da Ufes, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

* Atualmente cursando Doutorado na Michigan State University, nos Estados Unidos.

2011 - Fabiola Mendonça de Vasconcelos*. **Coronelismo eletrônico ou indústria cultural? Uma análise das empresas de radiodifusão do deputado federal Inocêncio Oliveira.** Dissertação de Mestrado em Comunicação da UFPE.

* Vencedora do Prêmio Capes 2022 de Melhor Tese de Doutorado em Serviço Social.

2011 - Patrícia dos Santos da Cunha*. **Observatórios de mídia como instrumento de controle social.** Dissertação no Mestrado em Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE, com bolsa do CNPq.

* Atualmente ocupa a Secretaria de Comunicação da Cidade de Olinda.

2009 - Rosário de Pompéia Macêdo de Barros. **Do poder político às indústrias culturais: sistema Jornal do Comercio de Comunicação.** Dissertação no Mestrado em Comunicação da UFPE.

2009 - Verônica de Fátima Pereira Lemos. **Glocal, global e local na publicidade: o exemplo do caso HSBC.** Dissertação no Mestrado em Comunicação da UFPE.

2009 - Mariana Martins de Carvalho*. **Conceituação da complementaridade dos sistemas público, privado e estatal nas comunicações.** Dissertação no Mestrado em Comunicação da UFPE.

* Atualmente doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e gestora da Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

2008 - Bruno Nogueira*. **Estratégias de divulgação das gravadoras alternativas da indústria fonográfica nacional.** Dissertação no Mestrado em Comunicação da UFPE.

* Atualmente professor no Departamento de Comunicação da UFPE e ocupa a direção da Superintendência de Comunicação da Universidade.

2008 - Bruno Marinoni Ribeiro de Sousa*. **Sistema Verdes Mares de Comunicação e indústria cultural brasileira ou Das técnicas modernas para sereias concorrerem em ambientes oligopolizados.** Dissertação no Mestrado em Comunicação da UFPE.

* Atualmente doutor em Sociologia pela UFPE e jornalista do Intervozes.

2007 - Rudson Pinheiro Soares. **Estratégia de inserção da Globo Nordeste em Pernambuco.** Dissertação no Mestrado em Comunicação da UFPE, com bolsa do CNPq.

2007 - Raimunda Aline Lucena Gomes*. **A comunicação como direito humano: um conceito em construção.** Dissertação no Mestrado em Comunicação da UFPE, com bolsa do CNPq.

* Atualmente professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e coordenadora do Amaru - Observatório Latino Americano de Comunicação, Mídias e Direitos Humanos.

Monografia de conclusão de curso de Especialização Lato Sensu

2008 - João Ricardo da Silva Virgínio. **Criança e consumo: uma análise da influência da TV brasileira da decisão de consumo a partir da publicidade.** Monografia de Especialização em Jornalismo e crítica cultural na UFPE.

2008 - Maria de Moraes Araújo Neta. **Jornalismo popular: a subversão da informalidade jornalística no Sem Meias Palavras.** Monografia de Especialização em Jornalismo e crítica cultural na UFPE.

2004 - Eduardo Brinco, Kennya Gava, Adriana Pacheco. **Apresentando o Convention & Visitors Bureau.** Monografia de Especialização em Gestão em Assessoria de Comunicação nas Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2004 - Edna Paula Fonseca Amorim. **Orientação para tratamento de alcoolistas.** Monografia de Especialização em Planejamento, Gerência e Avaliação de Projetos Sociais na Faculdades Integradas de Vitória (FDV).

2004 - Letícia Vieira Moreira. **As aplicações do audiovisual na comunicação empresarial: o que fazer com a minha televisão?**. Monografia de Especialização em Gestão em Assessoria de Comunicação nas Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2004 - Rina Priscila Noronha. **A comunicação como agente de ação no Terceiro Setor**. 2004. Monografia de Especialização em Gestão em Assessoria de Comunicação nas Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2002 - Ediléia Costa Bassetti Médici. **O uso da internet como meio de aprendizagem na educação a distância**. Monografia de Especialização em Psicopedagogia nas Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação

2019 - Alice Soares do Valle. **O Massacre e a Mídia: uma análise de capas de jornais sobre os atentados de Utöya, Suzano e Christchurch**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

2019 - Arthur Serafim Meireles*. **Telejornalismo e representação social: uma análise de conteúdo da cobertura do ES1 e do Tribuna Notícias 1ª sobre o "Território do Bem"**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

* Atualmente Analista Pleno de Marketing do Instituto Itaú e cursando MBA em Marketing na Universidade de São Paulo (USP).

2018 - Mariah Friedrich Dadalto*. **Suicídio como pauta jornalística**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

* Atualmente cursando Mestrado em Comunicação e Territorialidades da Ufes.

2017 - Itamara Camargo Walério*. A publicidade de alimentos direcionada ao público infantil e seus limites legais no direito brasileiro. 2017. TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – da Ufes.

* Fundadora e Diretora de Criação da Agência Storm.

2017 - Júlia Araújo Oliveira Couto. **Publicidade direcionada a meninas: de quem é a culpa?**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – da Ufes.

2017 - Bruna Littig Francisco. **A relação entre assessoria de imprensa e redação jornalística em tempos de crise de imagem por intermédio do release: o caso Samarco**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

2017 - Karoliny Ferreira Siqueira. **Televisão e infância: uma análise teórica da relação entre a TV e a criança**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

2015 - Matheus Rabello Temporim. **Me dá, me dá, me dá: consumismo infantil, novas mídias e eentertainment da Danoninho**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – da Ufes.

2015 - Douglas Breger. **Publicidade de alimentos direcionada a crianças: a necessidade da regulamentação**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – da Ufes.

2014 - Jheniffer Rosicleia Sodré*. **A violência na televisão e a síndrome do mundo cruel: o caso do Polícia 24 Horas**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

* Concluiu recentemente o Mestrado em Comunicação na Universidade de Gotemburgo (Suécia), com bolsa do Instituto Sueco para Profissionais Globais.

2014 - Naiara Dutra Arpini*. **Artifícios de informalidade no telejornalismo.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

* Repórter de TV Gazeta/TVGlobo.

2014 - Nathalia Rocha Gomes. **Além dos 30 segundos: convergência, publicidade infantil e Lego.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – da Ufes.

2014 - Thais Fernandes Batista. **Além dos 30 segundos: convergência, publicidade infantil e Lego.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – da Ufes.

2014 - Gabriel Cola de Melo. **Estudo sobre a situação da publicidade direcionada à criança no Brasil envolvendo legislação.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – da Ufes.

2013 - Laio Medeiros França. **O conflito entre direitos à liberdade de expressão e à intimidade na exposição do programa Big Brother Brasil.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

2012 - Marcus Vinicius de Souza Vieira*. **Liberdade de imprensa e liberdade de expressão e a relação da imprensa com o Judiciário.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

* Atualmente cursando o Mestrado em Comunicação e Territorialidade da Ufes.

2012 - Luma Poletti Dutra*. **Análise da TV Educativa do Espírito Santo sob a ótica da TV pública.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

* Concluiu os cursos de Mestrado e Doutorado em Comunicação na Universidade de Brasília, onde atua como professora voluntária.

2011 - Mariana Miranda Lorenzoni. **O uso da internet por adolescentes.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

2011 - Júlia Sacramento Fernandes. **Regulamentação e desregulamentação da profissão de jornalismo no Brasil.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da Ufes.

2011 - Camila Curto Ferreira. **Comunicação, manutenção e religião: a TV Século 21 e seus modos de financiamento.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – da Ufes.

2011 - Bárbara Oliveira Machado. **Personagens de princesas nos desenhos da Disney e sua influência no consumo infantil.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – da Ufes.

2009 - Julia de Andrade Gonçalves. **Publicidade para crianças: estudo de casos e novas perspectivas.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – da Ufes.

2008 - Renata Costa Cezar de Albuquerque. **Comunicação e integração na América Latina: a experiência da Telesur e TV Brasil-Canal Integración.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Radialismo – da UFPE.

2008 - Sofia Lemos Egito. **Espelhos quebrados.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Radialismo – da UFPE.

2008 - Ana Laura R. Souza; Flora N. Aleixo. **Gerenciamento de mídia para a publicidade online: reflexos da compra do Double Click pelo Google.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – da UFPE.

2008 - Alane de Lira Moreira. **Observatórios de mídia da América Latina: espaços de democratização da informação e construção da cidadania.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da UFPE.

2008 - Rebeca Barbosa Nunes. **Conheça o sistema.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Radialismo – da UFPE.

2007 - Ana Carolina de Senna Melo e Silva. **Que eles diriam se não estivéssemos surdos de medo? Um estudo sobre o potencial da comunicação comunitária na prevenção da violência juvenil.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – da UFPE., com bolsa da Agência Nacional dos Direitos da Infância (ANDI).

2007 - Leonardo de Albuquerque Moraes. **Web TV e suas possibilidades.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Radialismo – da UFPE.

2005 - Daniela Carla de Souza. **O negro no telejornalismo.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2004 - Ricardo Bartholomeu. **O mundo fantástico de Hollywood: como é feito um blockbuster.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Publicidade – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa)

2004 - Graça Penha Nascimento Rossetto*. **Os estudos sobre TV por assinatura no Brasil.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

* Tem Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal da Bahia, atualmente é professora de Comunicação na Universidade Estadual de Maringá.

2004 - Alcyene Almeida e Fabiana Sposito. **Mentiras e sussuros: a ficção na televisão**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Radialismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2004 - Milena Castagna. **Fluxos comunicacionais entre Brasil e Itália**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2004 - Clarissa Scardua e Kissila Mell de Almeida. **Estudos dos suplementos infantis nos jornais brasileiros**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2004 - Leandro Maia e Sabrina Ferregueti. **Telejornalismo na internet**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2004 - Ingrid do Nascimento Souza. **Verdade e realidade no filme documentário**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Radialismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2004 - Mariquisabel S. Hora; Giovanna Galvão V. Vieira. **O perfil do egresso do curso de RTV da Faesa**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Radialismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2004 - Fernanda Cipriano; Marina Ulhôa. **A representação dos jornalistas na telenovela "Celebridade"**. TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2004 - Eduardo M. Gregório. **Quão regional é o local na programação televisiva do Espírito Santo.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2004 - Thaissa C. Duarte. **A pesquisa prévia qualitativa no mercado de televisão regional.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2003 - Néilly Blanco e Silva. **O pensamento comunicacional latino-americano e sua aplicação à prática jornalística.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2003 - Ingrid do Valle e Angela Beserra. **Jornalista x Ensino Superior: a migração do profissional da redação para a sala de aula.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2003 - Olivia Broedel. **A cobertura dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo sobre a entrada do capital estrangeiro nas empresas de comunicação brasileiras.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2003 - Lorena Vasques e Patrícia Almeida. **O newsmaking diante das mudanças tecnológicas no Jornalismo.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2003 - Viviane Martinez e Sonia Sabino. **Jornalista cidadão: cartilha sobre responsabilidade social no Jornalismo.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2002 - Renata Mello. **O fenômeno dos reality shows na TV brasileira.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Radialismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2002 - Melissa Kunsch. **O negro no telejornalismo brasileiro.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2002 - Kristiane Rego. **Os 30 anos do caso Watergate e sua influência no jornalismo brasileiro.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2002 - Maira Ferreira. **A formação superior do profissional de RTV no Brasil.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Radialismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2002 - Sandra Dalton e Keila Barbosa. **História do telejornalismo no Espírito Santo.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2002 - Aneph dos Reis e Hemily Nascimento. **Porque Jornalismo? Um estudo sobre a escolha profissional.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2001 - Carla Pollake*. **Programação regional de televisão: um estudo de caso comparativo entre o Espírito Santo e o Rio Grande do Sul.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

* Fez Mestrado na Umesp e atualmente é consultora de pesquisa Focus Group e Treinamentos de TV.

2001 - Adriana Barbosa. **O jornalista em situação de perigo e o complexo de Clark Kent.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2001 - Juliana Esteves. **Em busca de um formato: as mudanças no telejornalismo da TV Gazeta no horário do almoço.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2001 - Dilva Ribeiro. **A opinião no jornalismo e o fim do editorial do jornal A Tribuna.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2001 - Mariana Flores e Eduardo Brinco. **Vida e morte das salas de cinema de Vitória.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2000 - Renata Malenza. **A moda na TV: um estudo sobre o editorial de Gloria Kalil no programa Mais Você.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2000 - Juliana Avanza* - **Videorreportagem: uma nova linguagem na televisão.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

* Editora do Bom Dia Espírito Santo, na TV Gazeta/TV Globo.

2000 - Rubieny Dalvi. **A violência na televisão: estudo de recepção junto às crianças da Escola São Camilo de Lellis.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Radialismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

2000 - Gabriela Alves*. **Recepção da telenovela Terra Nostra no município de Santa Teresa.**

TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

* Atualmente Professora no Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Ufes.

1999 - Philip Martins e Fábio Martins. **Horizonte Vertical: TV comunitária para jovens.** TCC -

Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

1999 - Júlio Caldeira. **A influência do Jornal Nacional na formação ideológica do sentido de cidadania nas comunidades.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

1999 - Ronie Angeli. **Análise do programa Jornal do Campo como veículo de transformação social no meio rural.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

1999 - Marcelle Carvalho*. **A evolução do telejornalismo no Espírito Santo: a busca de uma identidade regional.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

* Fez Mestrado em Comunicação na Umesp e atualmente é coordenadora e consultora de Comunicação do Sebrae-SP.

1999 - Fabiana Franco*. **Análise dos efeitos da recepção do telejornal E.S. Notícias 2ª Edição.** TCC - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

* Fez Mestrado e Doutorado na Umesp e atua com assessoria de comunicação.

Pesquisa de Iniciação Científica

2020 - Jonathan Neves Amaro. **Direitos humanos e mídia impressa: o posicionamento dos jornais de Vitória sobre o caso da estudante Laura Coutinho durante a ditadura.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2020 - Laura Conceição dos Santos. **Mutações das lógicas e estratégias no cenário musical brasileiro.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2019 - Marcus Vinícius Reis de Oliveira. **Representação do Femicídio na Grande Imprensa Capixaba.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Ufes.

2014 - Nathalia Rocha Gomes. **Monitoramento da publicidade de produtos e serviços direcionada a criança.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Instituto Alana.

2014 - Epaminondas Terezo Paulino*. **Monitoramento da publicidade de produtos e serviços direcionada a criança.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Instituto Alana.

* Tem Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da USP e atualmente é diretor de Cultura do Clube de Criação de São Paulo.

2014 - Tereza Eliza Dantas. **Monitoramento da publicidade de produtos e serviços direcionada a criança.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Instituto Alana.

2014 - Elisa Pereira Tavares. **Jornalista Danton Jobim: memória da produção científica.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2014 - Matheus Temporim. **Monitoramento da publicidade direcionada a crianças.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Instituto Alana.

2014 - Débora Cozer Aliprandi. **Monitoramento da publicidade direcionada a crianças.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Instituto Alana.

2014 - Carolina de Melo e Souza. **Monitoramento da publicidade direcionada a crianças.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2013 - Viviann Lúcia Barcelos de Oliveira*. **Cartografia dos Grupos de Mídia da Mesorregião Centro ES.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

* Atualmente é produtora e repórter da TV Gazeta/TV Globo.

2013 - Thais Fernandes Batista. **Monitoramento da publicidade de produtos e serviços destinados a crianças.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Instituto Alana.

2013 - Gabriel Cola de Melo. **Cartografia dos Grupos de Mídia do Espírito Santo - Publicidade impressa.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2013 - Vanessa Ferrari Passos. **Cartografia dos jornais e revistas online no Espírito Santo.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa Ufes.

2013 - Esther Ramos Radaelli*. **Cartografia das revistas impressas no Espírito Santo.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa Ufes.

* Atualmente é produtora nacional de TV Globo.

2013 - Itamara Camargo Walerio. **Publicidade de produtos e serviços destinados a crianças - Brinquedos.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Instituto Alana.

2013 - Letícia de Melo Comério. **Cartografia dos jornais e revistas online no Espírito Santo.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa Ufes.

2013 - Ronan Aguiar de Freitas. **Cartografia dos conteúdos de televisão do Espírito Santo.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2013 - Karen Vieira Pereira. **Cartografia das revistas impressas no Espírito Santo.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa Ufes.

2013 - Stephani Paiva Lima. **Cartografia dos jornais impressos no Espírito Santo.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2013 - Izabella Portinho Rodrigues. **Monitoramento da publicidade de produtos e serviços direcionada a criança.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Instituto Alana.

2013 - Gabriel Cola de Melo. **Monitoramento da publicidade de produtos e serviços direcionada a criança.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Instituto Alana.

2012 - Isabela Amorim da Silva. **Cartografia dos Grupos de Mídia da Mesorregião Sul ES.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2012 - Luanna Almeida Esteves*. **Cartografia dos Grupos de Mídia da Grande Vitória.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa Ufes.

* Atualmente é apresentadora do programa Em Movimento da TV Gazeta/TV Globo.

2012 - Itamara Camargo Walerio. **Monitoramento da publicidade de produtos e serviços destinados a crianças.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Instituto Alana.

2012 - Viviann Lúcia Barcelos de Oliveira. **Cartografia dos jornais impressos no Espírito Santo.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2012 - Thais Fernandes Batista. **Publicidade de produtos e serviços destinados a crianças - Alimentos.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do Instituto Alana.

2012 - Klebert Silva de Souza. **Cartografia dos Grupos de Mídia da Mesorregião Litoral Norte ES.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa Ufes.

2010 - Luanna Almeida Esteves. **Grupos de Mídia da Grande Vitória.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2010 - Rafaela Freitas Belo. **Grupos de Mídia da Mesorregião Litoral Norte Espírito-santense.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2010 - Rafael José Gonçalves de Assis. **Grupos de Mídia da Mesorregião Sul Espírito-Santense.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa Ufes.

2010 - Jéssika Claudino Nascimento. **Grupos de Mídia da Mesorregião Noroeste Espírito-Santense.** Iniciação Científica em Comunicação Social na Ufes, com bolsa do CNPq.

2008 - Diogo Stanley Vasconcelos de Farias. **Monitoramento e análise dos conteúdos midiáticos da televisão pernambucana.** Iniciação Científica em Comunicação Social na UFPE, com bolsa da Facepe.

2008 - Desirée Machado Moura Rodrigues de Lima. **Monitoramento e análise dos conteúdos midiáticos da rádio pernambucana.** Iniciação Científica em Comunicação Social na UFPE, com bolsa da Facepe.

2007 - Patrícia dos Santos da Cunha. **Observatório da mídia regional - estado da arte e modelos de observatórios de mídia.** Iniciação Científica em Comunicação Social na UFPE, com bolsa do CNPq.

Ações com Projetos de Extensão

2021 - Duanny Luzia Gardoni Costa. **Educação para Mídia - ComunicaÊ.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa Proex.

2020 - Marcos Antonio Santos Porfiro. **Educação para Mídia - ComunicaÊ.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa Proex.

2016 - Ana Carolina Favalessa Furtado. **Educação para Mídia - ComunicaÊ.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa Proex.

2015 - Karoliny Ferreira Siqueira. **Educação para Mídia - ComunicaÊ.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa Proex.

2015 - Julia Barone Falqueto. **Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa MEC/SEDH-PR.

2015 - Jéfica Teixeira. **Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa MEC/SEDH-PR.

2015 - Gustavo Ferreira. **Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa MEC/SEDH-PR.

2015 - Mayra Scarpi*. **Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa MEC/SEDH-PR.

* Atualmente cursando Mestrado em Comunicação e Territorialidades na Ufes.

2015 - Luiza Marcondes. **Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa MEC/SEDH-PR.

2015 - Mariah Friedrich Dadalto*. **Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa MEC/SEDH-PR.

* Atualmente cursando Mestrado em Comunicação e Territorialidades na Ufes.

2014 - Rayanne Francisco Matiazzi. **Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa MEC/SEDH-PR.

2014 - Julia Barone Falqueto. **Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa MEC/SEDH-PR.

2014 - Claudio Vervloet Ramos. **Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa MEC/SEDH-PR.

2014 - Cristian Favaro Carriço. **Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa MEC/SEDH-PR.

2014 - Bianca Bortolon Gonçalves*. **Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa MEC/SEDH-PR.

* Cursou Mestrado em Comunicação e Territorialidades pela Ufes.

2012 - Esther Ramos Radaelli. **Educação para Mídia - ComunicaÊ.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa Proex.

2012 – Maíra Mendonça Cabral*. **Educação para Mídia - ComunicaÊ.** Projeto de Extensão na Ufes, com bolsa Proex.

* Cursou Mestrado em Comunicação e Territorialidades na Ufes e atualmente é editora do Portal G1-ES.

07. PRODUÇÃO INTELECTUAL BIBLIOGRÁFICA

Ao longo dos últimos 30 anos dedicados à vida de pesquisador, acredito ter feito bom uso das publicações científicas para difusão de reflexões e, sobretudo, para receber comentários que viriam a enriquecer futuras análises. Como poderá ser visto na lista abaixo, há um equilíbrio de textos divididos entre revistas científicas e livros acadêmicos. Acredito haver uma certa coerência desde os primeiros escritos até agora, a maioria mantendo a preocupação com a democratização da comunicação como foco.

Quanto à produção de livro autoral, nunca me considerei suficientemente amadurecido para produzir algo mais amplo e duradouro. Há três manuscritos em estágios bem avançados que às vezes saem da gaveta ao longo dos últimos anos. Quem sabe, com a possibilidade de reconhecimento de minha maturidade acadêmica a partir deste processo, não me desbloqueie e libere tais contribuições em breve.

Capítulos de livros

1. REBOUÇAS, E.; NEVES, L. . Construindo pautas na comunicação pública online: um relato da experiência do Portal EBC. In: MEDEIROS, Magno; MANIERI, Tiago. (Org.). **Comunicação pública e cidadania: experiências e práticas inovadoras**. Goiânia: Cegraf UFG, 2022, v. 2, p. 66-87.



2. REBOUÇAS, E.; SOUZA, A. P. V. . A concepção bancária da comunicação a partir das ideias de Paulo Freire. In: PIROLA, Maria Nazareth Bis; HENRIQUES, Rafael da Silva Paes. (Org.). **Comunicação e produção de sentido**. Vitória: Edufes, 2020, p. 233-256.

3. REBOUÇAS, E.; TEMER, A.C.P. ; BIANCO, N. ; ESCH, C. E. ; MALCHER, M.A. ; PRATA, N. ; ZUCULOTO, V. . Mapeamento das condições de funcionamento de rádios vinculadas a instituições públicas de ensino superior. In: ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma. (Org.). **Rádios Universitárias: experiências e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFPB/Rubra, 2019, p. 17-40.



4. REBOUÇAS, E.. Lobbying groups in communications and media policies in Brazil. In: KHAJEHEIAN, Datis; FRIEDRICHSEN, Mike; MÖDINGER, Wilfried (Eds.). (Org.). **Competitiveness in Emerging Markets Market Dynamics in the Age of Disruptive Technologies**. Cham, Switzerland: Springer International Publishing AG, 2018, p. 175-186.

5. REBOUÇAS, E.. Percalços e obstáculos no processo de migração das rádios em AM para FM. In: PRATA, N.; DEL BIANCO, N.. (Org.). **Migração do rádio AM para FM: avaliação e impacto e desafios frente à convergência tecnológica**. Florianópolis: Insular, 2018, v. 1, p. 132-142.



6. REBOUÇAS, E.; BELLAN, R. ; FONSECA, L.B. . Engajamentos e hegemonias midiáticas: percepções acerca de RuPaul's Drag Race. In: BARROS, Chalini Torquato Gonçalves; CARREIRA, Fernanda Ariane Silva (Org.). **Mídia e diversidade: caminhos para reflexão e resistência**. João Pessoa: Xeroxa, 2018, p. 357-383.

7. REBOUÇAS, E.; ANTOLINI, M. C. . Comunicação, direitos humanos e cidadania: territorialidades que se entrelaçam. In: ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth. (Org.). **Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias**. 1ed.Vitoria: Edufes, 2017, p. 186-205.

8. REBOUÇAS, E.; BERNARDES, F. . Leitura crítica para a mídia nas escolas: novas resistências em tempos de conservadorismo. In: CORAÇA, Maria Auxiliadora; GONÇALVES, Maria Gorete Dadalto; REBOUÇAS, Moema M.. (Org.). **Sentidos e significados de uma educação em artes visuais em tempos contraditórios**. Vitória: Proex/Ufes, 2017, p. 139-149.



9. REBOUÇAS, E.. Regulação midiática e concentração convivem no Canadá. In: BIANCHI, Felipe. (Org.). **Mídia e democracia nas Américas**. São Paulo: Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé, 2016, p. 73-75.

10. REBOUÇAS, E.; SOUZA, A. P. V. . Estado da arte da pesquisa sobre TV Universitária. In: NAGAMINI, Eliana (Org.). **Processos educativos na Interface Comunicação e Educação - Série Comunicação e Educação**. Ilhéus: Editus - Editora da Uesc, 2016, v. 2, p. 83-100.

11. REBOUÇAS, E.; BERNARDES, F. ; RADAELLI, E. R. ; CABRAL, M. M. . Educação para Mídia: Uma experiência piloto na Universidade Federal do Espírito Santo. In: SOARES, Ismar de

Oliveira; VIANA, Claudemir; XAVIER, Jurema Brasil (Org.). **Educomunicação e alfabetização midiática: conceitos, práticas e interlocuções**. São Paulo: ABPEducon, 2016, p. 83-90.



12. REBOUÇAS, E.; BERNARDES, F. ; RADAELLI, E. R. . Leitura crítica da mídia: encorajando a participação de estudantes na sociedade a partir do Projeto Comunicaê. In: NAGAMINI, Eliana (Org.). **Práticas educativas e interatividade em Comunicação e Educação** - Série Comunicação e Educação. Ilhéus: Edituss - Editora da UESC, 2016, v. 3, p. 81-94.

13. REBOUÇAS, E.. América Latina: um território pouco explorado e ameaçador para a TV Globo. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. (Org.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. 2ed.São Paulo: Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé, 2015, p. 145-155.



14. REBOUÇAS, E.. A riqueza dos clássicos (ou uma prazerosa viagem no tempo). In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme (Org.). **Pensamento Comunicacional: o legado das Ciências Humanas. Volume 1: História e Sociedade**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 601-614.

15. REBOUÇAS, E.; GENTILLI, V. ; PAES, R. . A lógica da exclusão temática no debate político sobre mídia e direitos humanos. In: VELTEN, Paulo; POMPEU, Júlio. (Org.). **Educação em Direitos Humanos III**. Vitória: Sead/Ufes, 2014, p. 195-218.

16. REBOUÇAS, E.; VELOSO, A. M. C. ; CUNHA, P.S. . Gênero, poder e resistência: a ação das mulheres nos observatórios de mídia. In: MONDAINI, M.. (Org.). **Mídia, movimentos sociais e direitos humanos: o desafio democrático à comunicação**. Recife: EDUFPE, 2013, p. 129-150.

17. REBOUÇAS, E.. Um caminho possível para a participação da sociedade nos debates sobre o conteúdo da televisão. In: FERREIRA, Cláudio. (Org.). **Qualidade na TV: 10 anos da campanha Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania**. Brasília: Edições Câmara, 2013, p. 36-57.



18. REBOUÇAS, E.. Boston, ICA. In: CASTRO, Daniel; MARQUES DE MELO, José. (Org.). **Panorama das comunicações e das telecomunicações no Brasil 2011/2012 - Volume 2 - Flagrantes**. Brasília: Ipea, 2012, v. 2, p. 17-26.

19. REBOUÇAS, E.. Epcom: da militância à pesquisa e/ou vice-versa. In: MARQUES DE MELO, J.; DALLA COSTA, R.M.; FONSECA, J.. (Org.). **Paradigmas brasileiros em ciências da comunicação - Coleção Memórias**. São Paulo: Intercom, 2012, v. 5, p. 281-288.

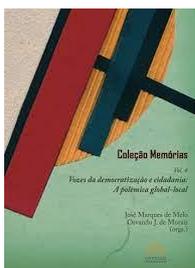
20. REBOUÇAS, E.; Ramaldes, D. ; MIRANDA, G. S. . Espírito Santo. In: PRATA, Nair; SANTOS, Maria Cláudia. (Org.). **Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2012, v. 1, p. 87-97.



21. REBOUÇAS, E.. Panorama do rádio em Vitória. In: PRATA, N. (Org.). **Panorama do Rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2011, v. 1, p. 549-571.

22. REBOUÇAS, E.. Robin Mansell: A colaboração dos pesquisadores da comunicação nos debates da Sociedade da Informação. In: MARQUES DE MELO, José; MORAES, Osvando (Org.). **Vozes da democratização e cidadania: a polêmica global-local**. São Paulo: Intercom, 2011, p. 401-406.

23. REBOUÇAS, E.; LOZANO RENDÓN, J.C. . Luis Ramiro Beltrán: A humanizadora utopia da democratização da comunicação. In: MARQUES DE MELO, José; MORAES, Osvando (Org.). **Vozes da democratização e cidadania: a polêmica global-local**. São Paulo: Intercom, 2011, p. 407-4915.



24. REBOUÇAS, E.. Straubhaar: Caminhos glocais para a televisão. In: MARQUES DE MELO, José; MORAES, Osvando (Org.). **Vozes da democratização e cidadania: a polêmica global-local**. São Paulo: Intercom, 2011, p. 435-447.

25. REBOUÇAS, E.; MARINONI, R. . Famílias proprietárias na indústria midiática. In: Intercom. (Org.). **Enciclopédia Intercom de comunicação - Vol. 1 - Conceitos**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2010, v. 1, p. 511-512.

26. REBOUÇAS, E.; CUNHA, P.S. . Observatório de mídia. In: Intercom. (Org.). **Enciclopédia Intercom de comunicação - Vol. 1 - Conceitos**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2010, v. 1, p. 884-885.



27. REBOUÇAS, E.. A participação da sociedade civil nos debates da comunicação 20 anos pós-Constituição. In: CABALLERO, F.S.; GALINDO, J.A.G.; RAMOS, M.C.; DEL BIANCO, N.R.. (Org.). **Políticas de comunicação e da cultura: contribuições acadêmicas e intervenções sociais**. Brasília/São Paulo: Casa das Musas/Intercom, 2010, p. 165-185.

28. REBOUÇAS, E.. Pelo fim da publicidade de bebidas alcoólicas. In: GOLDMAN, Clara; FERREIRA, Marcos; MORETZSOHN, Ricardo; GOLLMAN, Roseli. (Org.). **Contribuições da Psicologia para a 1ª Conferência Nacional de Comunicação**. Brasília: CFP, 2009, p. 85-95.

29. REBOUÇAS, E.. A regulamentação do Conar só funciona no eixo Rio-São Paulo-Cannes. In: Instituto Alana. (Org.). **Criança e consumo - entrevistas: juventude e bebidas alcoólicas**. São Paulo: 2PRÓ Comunicação, 2009, p. 34-46.



30. REBOUÇAS, E.. Os estudos e práticas da economia (e da) política de comunicações na América Latina. In: SOUSA, Helena (Org.). **Comunicação, economia e poder**. Porto: Porto Editora, 2006, p. 61-78.

31. REBOUÇAS, E.. Provocar uma ação transformadora em prol de uma sociedade mais igualitária. In: MARQUES DE MELO, J.; GOBBI, M. C.; SATHLER, L.. (Org.). **Mapa da Mídia Cidadã: Brasil, século XXI**. São Paulo: Metodista/Unesco/Wacc, 2006.

32. REBOUÇAS, E.. Políticas públicas: os direitos à comunicação e o regime de propriedade intelectual. In: MARQUES DE MELO, J.; GOBBI, M. C.; SATHLER, L.. (Org.). **Mapa da Mídia Cidadã: Brasil, século XXI**. São Paulo: Metodista/Unesco/Wacc, 2006.

33. REBOUÇAS, E.. O discurso/escudo da liberdade de expressão dos "donos" da mídia. In: CHAGAS, Claudia; ROMÃO, José Eduardo; LEAL, Sayonara (Org.). **Classificação indicativa no Brasil: desafios e perspectivas**. 1ed.Brasília: Ministério da Justiça, 2006, p. 95-106.



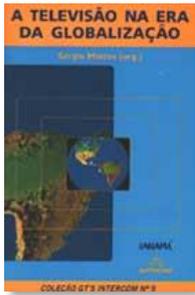
34. REBOUÇAS, E.. Os direitos à comunicação e o regime de propriedade intelectual. In: MARQUES DE MELO, J., GOBBI, M.C.; SATHLER, L.. (Org.). **Mídia cidadã: utopia brasileira**. 1ed.São Bernardo do Campo: Umesp, 2006, p. 65-82.

35. REBOUÇAS, E.. Os atores sociais do lobby nas políticas de radiodifusão no Brasil. In: BEZZON, Lara Crivelaro (Org.). **Comunicação, política e sociedade**. Campinas: Alínea, 2005, p. 177-192.



36. REBOUÇAS, E.. América Latina: um território pouco explorado e ameaçador para a TV Globo. In: BRITTOS, V. C.; BOLAÑO, C. R.. (Org.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 157-170.

37. REBOUÇAS, E.; FIALHO, R. G. . A prática interdisciplinar de ensino superior em Comunicação e Educação. In: LOPES, Maria Immacolata V.; FRAU-MEIGS, Divina; TAUK SANTOS, Maria Salet (Org.). **Comunicação e Informação: identidades e fronteiras**. São Paulo/Recife: Intercom/Bagaço, 2000, p. 167-180.



38. REBOUÇAS, E.. Desafios da televisão brasileira na era da diversificação. In: MATTOS, Sérgio (Org.). **A televisão na era da globalização**. São Paulo/Salvador: Intercom/Ianamá, 1999, p. 61-82.

39. REBOUÇAS, E.. Parabólicas ao vento ou o que há além de um presépio diurno. In: Secretaria Municipal de Cultura. (Org.). **Escritos de Vitória: Cidade Presépio**. Vitória: A Secretaria, 1997, v. 18, p. 21-25.



40. REBOUÇAS, E.. Modelo de representatividade social na regulamentação das emissões de televisão. In: César Ricardo Siqueira Bolaño. (Org.). **Economia política das telecomunicações, da informação e da comunicação**. São Paulo: Intercom, 1995, p. 145-170.

Livro organizado



1. REBOUÇAS, E.; TREMBLAY, G. ; SOUZA, L. S. ; LAVALLEE, D. (Org.) . **América: terra de utopias: desafios da Comunicação Social**. Volume 1 e 2. Salvador: Editora da UNEB, 2003. 646 p.

Artigos completos publicados em periódicos

1. REBOUÇAS, E.; PRAZERES, Michele . Regular com educação para as mídias e participação. **Communicare**, Cásper Líbero (São Paulo), v. 20, p. 1, 2021.
2. REBOUÇAS, E.. O ideal utópico do direito humano à comunicação como inspiração para a NOMIC e para a compreensão dos atuais fluxos comunicacionais em um mundo sem fronteiras: Jean d'Arcy sempre presente. **Eptic On-Line**, UFS (Sergipe), v. 23, p. 230-241, 2021.
3. REBOUÇAS, E.; DE MINGO, Ivana . Estudo de caso das emissoras de rádio estatais brasileiras. **Rádio-Leituras**, UFOP (Minas Gerais), v. 12, p. 112-146, 2021.
4. REBOUÇAS, E.. OPORTUNIDADES PERDIDAS: desafios das adequadas aplicações práticas e teórico-metodológicas dos princípios da educomunicação em tempos de urgência (após décadas de negligência). **Revista Observatório**, UFT (Tocantins), v. 6, p. 1-18, 2020.
5. REBOUÇAS, E.. Uma inquestionável e inconveniente verdade factual. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, Alaic (São Paulo), v. 19, p. 212-219, 2020.
6. REBOUÇAS, E.; VELOSO, A. M. C. ; MENDONÇA, F. . Entrevista com Edgard Rebouças: 'Pouquíssimos foram os momentos de uma dita democracia no Brasil'. **Revista Coletiva**, Fundaj (Pernambuco), v. 1, p. 1, 2019.
7. REBOUÇAS, E.; EMMERICH, A. ; NACIF, M. . Zika e publicidade: reflexões sobre comunicação de risco e emergência em saúde na perspectiva das indústrias culturais e midiáticas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Ufes (Espírito Santo), v. 20, p. 110-220, 2018.
8. REBOUÇAS, E.; EMMERICH, A. ; CAVACA, A.G. ; EMERICH, T.B. . O jornal Folha de S. Paulo no contexto das indústrias culturais e midiáticas: um olhar para as manchetes sobre o Programa Mais Médicos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Ufes (Espírito Santo), v. 20, p. 16-24, 2018.
9. REBOUÇAS, E.. From Canada to Brazil: a Model of Society's Participation in Communication Policy Debate?. **Canadian Journal of Media Studies**, Univ. Ottawa (Ontario), v. 16, p. 46-75, 2018.
10. REBOUÇAS, E.; DAL GOBBO, E.R. . Boletim Ferramenta: a comunicação popular como instrumentos da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória na mobilização dos

trabalhadores nas décadas de 70 e 80. **Revista Brasileira de História da Mídia**, Alcar (Piauí), v. 6, p. 113-131, 2017.

11. REBOUÇAS, E.; ANTOLINI, M. C. . Globalização e tirania da informação: a formação de cidadãos na democracia neoliberal. **Revista Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação**, UFC (Ceará), v. 6, p. 6-19, 2016.

12. REBOUÇAS, E.; Gentili, V. ; PAES, R. . Imprensa e direitos humanos: a política do quanto menos mexer melhor. **Contemporânea**, UFBA (Bahia), v. 13, p. 490-510, 2015.

13. REBOUÇAS, E.; MARCOLINO, E.M. . A representação do tema drogas na mídia capixaba. **Organicom**, USP (São Paulo), v. 16-17, p. 379-392, 2012.

14. REBOUÇAS, E.; VELOSO, A. M. C. . As políticas e estratégias do feminismo brasileiro junto aos meios de comunicação no Brasil em tempos de Conferência Nacional de Comunicação (Confecom). **Redes.com**, Univ. Sevilla (Sevilla), v. 6, p. 29-40, 2011.

15. REBOUÇAS, E.; VELOSO, A. M. C. . “Ocupar, resistir produzir”: reflexões acerca da participação do movimento feminista nas indústrias culturais em Pernambuco. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Direito**, UFPB (Paraíba), v. 1, p. 11-34, 2010.

16. REBOUÇAS, E.; CUNHA, P.S. . Observatórios de mídia como instrumentos para (da) democracia. **RECIIS. Revista eletrônica de comunicação, informação & inovação em saúde**, Fiocruz (Rio de Janeiro), v. 4, p. 1, 2010.

17. REBOUÇAS, E.; CUNHA, P.S. . Media observatories as instruments for (of) democracy. **RECIIS. Electronic journal of communication information and innovation in health**, Fiocruz (Rio de Janeiro), v. 4, p. 1, 2010.

18. REBOUÇAS, E.. Os desafios para a regulamentação da publicidade destinada a crianças e adolescentes: soluções canadenses e reticências à brasileira. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Intercom (São Paulo), v. 31, p. 75-97, 2008.

19. REBOUÇAS, E.; CUNHA, P.S. . Análise dos observatórios de mídia brasileiros como instrumentos do controle público da mídia. **Memória e Movimento**, UFPE (Pernambuco), v. 2, p. 39-54, 2008.

20. REBOUÇAS, E.; STRAUBHAAR, J. . Caminhos locais para a televisão. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Intercom (São Paulo), v. 30, p. 181-191, 2007.

21. REBOUÇAS, E.; CARVALHO, M.M. . Evolução da Regulamentação da Mídia Eletrônica no Brasil. **Estudos em Comunicação**, Univ. Minho (Braga), v. 2, p. 357-369, 2007.
22. REBOUÇAS, E.; MANSELL, Robin . A colaboração dos pesquisadores em Comunicação nos debates da dita "Sociedade da Informação". **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Intercom (São Paulo), v. 29, n.1, p. 161-166, 2006.
23. REBOUÇAS, E.; RAMOS, M. C. . A fórmula para mesclar pesquisa e militância: entrevista com Murilo César Ramos. **Eptic On-Line**, UFS (Sergipe), v. 8, n.2, p. 1, 2006.
24. REBOUÇAS, E.; LOZANO RENDÓN, J.C. ; BELTRÁN, L.R. . A humanizadora utopia da democratização da comunicação. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Intercom (São Paulo), v. 29, p. 177-183, 2006.
25. REBOUÇAS, E.. A "sociedade da informação" em debate na América Latina. **Comunicação & Sociedade**, Univ. Metodista (São Paulo), v. 45, p. 184-188, 2006.
26. REBOUÇAS, E.. Estratégia retórica dos "donos" da mídia como escudo ao controle social. **Líbero**, Cásper Líbero (São Paulo), v. 9, p. 41-49, 2006.
27. REBOUÇAS, E.. Estudos e práticas da economia (e da) política de comunicações na América. **Comunicação, Mídia e Consumo**, ESPM (São Paulo), v. 2, n.5, p. 65-89, 2005.
28. REBOUÇAS, E.; MATTELART, A. . Os riscos da perda da originalidade diante da generalização dos "estudos culturais". **PCLA. Pensamento Comunicacional Latino Americano**, Cátedra Unesco (São Paulo), v. 4, n.1, p. 1, 2002.
29. REBOUÇAS, E.. La recherche en communication en Amérique Latine et son rôle dans la glocalisation. **PCLA. Pensamento Comunicacional Latino Americano**, Cátedra Unesco (São Paulo), v. 3, n.1, 2001.
30. REBOUÇAS, E.; CHARRON, C. Y. . Orbicom busca perspectiva participativa para antigo modelo. **PCLA. Pensamento Comunicacional Latino Americano**, Cátedra Unesco (São Paulo), v. 2, n.2, p. 1, 2001.
31. REBOUÇAS, E.. Toda a América interligada por uma grande rede de pesquisa sobre as indústrias da cultura e da comunicação. **PCLA. Pensamento Comunicacional Latino Americano**, Cátedra Unesco (São Paulo), v. 2, n.3, 2001.

32. REBOUÇAS, E.; TREMBLAY, Gaëtan . O caminho da pesquisa na América Latina exige um maior rigor científico. **PCLA. Pensamento Comunicacional Latino Americano**, Cátedra Unesco (São Paulo), v. 3, n.1, p. 1, 2001.
33. REBOUÇAS, E.; MACEDO, M. . Jornalismo e pesquisa: a trajetória intelectual de Carlos Eduardo Lins da Silva. **Comunicação e Sociedade**, Univ. Minho (Braga), v. 14, p. 455-471, 2000.
34. REBOUÇAS, E.; STRAUBHAAR, J. . Pesquisadores Latino-americanos devem expor mais seus estudos fora do continente. **PCLA. Pensamento Comunicacional Latino Americano**, Cátedra Unesco (São Paulo), v. 1, n.2, p. 1, 2000.
35. REBOUÇAS, E.; PERUZZO, C. . Uma nova sociedade diante dos meios de comunicação. **PCLA. Pensamento Comunicacional Latino Americano**, Cátedra Unesco (São Paulo), v. 1, n.3, p. 1, 2000.
36. REBOUÇAS, E.; MAICAS, M. P. I. . Pensamento Latino-Americano tem qualidade para ganhar projeção internacional, mas falta agressividade. **PCLA. Pensamento Comunicacional Latino Americano**, Cátedra Unesco (São Paulo), v. 1, n.1, p. 1, 2000.
37. REBOUÇAS, E.; SINCLAIR, J. . Avanços sobre um modelo híbrido de cultura e de metodologia na Austrália e na América Latina. **PCLA. Pensamento Comunicacional Latino Americano**, Cátedra Unesco (São Paulo), v. 1, n.1, p. 1, 2000.
38. REBOUÇAS, E.. Um paradoxo possível: a trajetória comunicacional de Carlos Eduardo Lins da Silva. **PCLA. Pensamento Comunicacional Latino Americano**, Cátedra Unesco (São Paulo), v. 1, n.3, 2000.
39. REBOUÇAS, E.. Os desafios da televisão brasileira para o próximo milênio. **Tendências XXI**, Univ. Nova (Lisboa), v. 2, p. 168-175, 1997.

08. ATIVIDADES DE PESQUISA

Pesquisar é parte indissociável do processo de ensino/aprendizagem. Fui descobrindo isso aos poucos ao longo desta trajetória aqui narrada por não ter visualizado tal processo durante minha formação universitária. Como estudante de uma primeira geração de professores do curso de Comunicação da Ufes, sendo que quase todos tinham se graduado há poucos anos, não havia estímulo – ou conhecimento – para que fizéssemos, por exemplo, Iniciação Científica ou monografias como Trabalho de Conclusão de Curso. Na segunda metade dos anos 1980, poucos dos professores se afastavam para fazer mestrado, pouco menos doutorado.

O primeiro contato a pesquisa sistematizada e aprofundada foi quando ingressei no mestrado, em 1992. De volta a Vitória foi que tive a oportunidade de conhecer Cicilia Peruzzo, que havia acabado de concluir seu doutorado, e prontamente me reaproximei da Ufes para tentar dar continuidade a minhas pesquisas. Poucos anos depois, como lembrado na introdução deste Memorial, tive a oportunidade de participar da criação do Nexo – Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Comunicação.

Quando, em 2009, vim da UFPE para a Ufes, o Nexo não existia mais. Tratei logo de me juntar ao professor Victor Gentilli, único remanescente do profícuo e premiado núcleo de pesquisa, e estruturamos o Observatório da Mídia, a exemplo do que já havia fundado na UFPE, e que poderia congrega vários projetos de pesquisa e de extensão.

A lista abaixo é dos projetos que coordeno/coordenei ou faço/fiz parte desde que entrei no Serviço Público Federal, período principal aqui em análise.

2022 - Atual

A memória do Departamento de Comunicação Social da Ufes

Coordenação: Victor Israel Gentili

Descrição: Projeto de pesquisa que busca coletar depoimentos de docentes, discentes e técnicos que conviveram no Departamento de Comunicação Social da Ufes. O Departamento nasceu em 1976 (a confirmar) para viabilizar o curso inaugurado no ano anterior. Os primeiros professores do curso foram contratados e permaneceram por um período vinculados ao Departamento de Administração. O Departamento e o curso operavam no CCJE, de onde migrariam para o Centro de Artes apenas em 2005. O eixo central da proposta é a coleta de depoimentos por meio de história oral de todos os que viveram e trazem esta história como memória. Os depoimentos serão preferencialmente gravados em vídeo, em cenário especialmente montado e disponibilizados posteriormente em canais do YouTube do Departamento e do Centro de Artes.

2020 - Atual

Prevenção da Obesidade Infantil na Atenção Primária em Saúde: Um ensaio comunitário na região Metropolitana de Vitória/ES

Coordenação: Maria del Carmen Bisi Molina

Financiadores: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes).

Descrição: Trata-se de um ensaio comunitário a ser desenvolvido em quatro municípios da Grande Vitória, com objetivo de avaliar o impacto da abordagem preventiva da obesidade infantil no contexto da atenção primária, em três municípios da região metropolitana de Vitória/Espírito Santo. Objetivamos ainda monitorar o estado nutricional de crianças na faixa etária de 6 a 10 anos de idade, cadastradas nas Unidades Saúde da família; Avaliar mudanças no estado nutricional, hábitos e comportamentos alimentares de crianças de 6 a 10 anos, e seus pais ou responsáveis; Avaliar mudanças em comportamentos relacionados à atividade física e lazer sedentário de crianças de 7 a 10 anos e seus pais ou responsáveis, e monitorar pressão arterial de crianças participantes e de seus pais ou responsáveis.

2017 - Atual

Mutações das lógicas e estratégias nas indústrias culturais e midiáticas

Coordenação: José Edgard Rebouças

Descrição: Da mesma forma que nos anos 1970/1980 uma série de estudiosos franceses e britânicos avançaram para além da concepção ético-filosófica da Indústria Cultural formulada nos anos 1930/1940; passados 40 anos da primeira edição de "Capitalisme et industries culturelles", em Grenoble, que trouxe uma abordagem mais socioeconômica dos fenômenos midiáticos-culturais daquele momento, este estudo procura compreender como as mutações nas lógicas das indústrias culturais e midiáticas estão ocorrendo e como estão sendo tratadas pelos atuais estudiosos da área. Este projeto tem como objetivo identificar que ações estratégicas estão sendo realizadas pelos atores sociais envolvidos nesta problemática, assim como analisar que traço epistemológico há entre as análises seminais de Adorno, Benjamin, Brecht e Horkheimer; passando por Bustamante, Flichy, Miège, Mosco, Murdoch, Tremblay e Zallo; chegando a Bouquillon, Fuchs, George, Hesmondhalgh e Straubhaar, sobretudo com a manutenção de uma abordagem crítica. A hipótese defendida aqui é que mesmo diante da velocidade do avanço dos objetos estudados, o aprofundamento nas problemáticas sociais, econômicas, políticas e culturais é que devem continuar dando base para uma melhor compreensão de mutações tão complexas.

2017 - Atual

(Des)Respeito e promoção dos direitos humanos no/pelo jornalismo

Coordenação: José Edgard Rebouças

Financiadores: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes).

Apoio: Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Espírito Santo.

Descrição: O atual estágio de desrespeito aos direitos humanos patrocinado pelas mídias, em especial pelos programas policiais de televisão, coloca a sociedade em posição de refém de um pseudojornalismo. A busca da audiência faz com que a exploração da miséria humana, a criminalização indiscriminada, a invasão da privacidade, a exposição de pessoas em situação de risco e o elogio à violência tornem-se ferramentas habituais de um tipo de "jornalismo" criticado pela academia e por profissionais da área que discordam de tais abusos. Este estudo está diretamente ligado ao que indica o III Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3): "Promover o respeito aos Direitos Humanos nos meios de comunicação e o cumprimento de seu papel na promoção da cultura em Direitos Humanos". O objetivo geral desta pesquisa é o de criar um mecanismo de diálogo permanente entre os atores sociais envolvidos na divulgação de temas relativos a direitos humanos. A intenção é atender diretamente o que preconiza o primeiro objetivo estratégico da diretriz 22 do PNDH-3. Para tanto, os objetivos específicos deste estudo estão voltados a compartilhar conhecimentos entre pesquisadores, estudantes, jornalistas e militantes de direitos humanos para que possam: 1) Compreender o papel da imprensa junto à sociedade: Tendo como conteúdos o resgate histórico do jornalismo como mediador de informações e análises em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. 2) Analisar criticamente os conteúdos jornalísticos em diversos meios: Trabalhando a leitura crítica dos conteúdos da imprensa via jornais, televisão, rádio e internet. 3) Identificar

práticas de desrespeito aos direitos humanos veiculadas e/ou promovidas pela imprensa: Monitorando coberturas jornalísticas, sobretudo de telejornais e jornais policiais. 4) Promover a cultura dos direitos humanos por meio da imprensa: Oferecendo ferramentas, técnicas e linguagens específicas para um uso eficiente da imprensa em prol dos direitos humanos. 5) Desempenhar um papel de profissionais responsáveis, mas, sobretudo, de cidadãos responsáveis: Inserindo os estudantes e pesquisadores em realidades sociais diversas de seu convívio cotidiano, mostrando como podem colaborar nos processos de inclusão social e de transformação da sociedade por meio de sua atuação profissional.

2014 - 2015

Jornalista Danton Jobim: memória e reflexão

Coordenação: José Edgard Rebouças

Financiador: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Descrição: Este estudo tem como objetivo fazer um resgate da atuação acadêmica e de mercado do jornalista Danton Jobim. Para tanto, pretende sistematizar sua produção científica a partir do acervo levantado por sua família e cedido ao Observatório da Mídia. A finalidade é a de tentar compreender a evolução da prática jornalística no país e sua transversalidade na formação profissional e na pesquisa em Jornalismo.

2012 - 2014

Diagnóstico do direito à informação pública no Brasil

Coordenação: Victor Israel Gentili

Descrição: Estudo baseado na concepção de jornalismo como produção de informação pública para a cidadania. Analisa e avalia os processos de aplicação da Lei nº 12.527, sancionada em 18 de novembro de 2011 e regulamentada em 16 de maio de 2012 conhecida como Lei de Acesso a Informação Pública. A pesquisa busca observar os procedimentos dos órgãos públicos na aplicação da lei nas suas versões ativa e passiva. O foco é no papel desempenhado pelos jornalistas em veículos jornalísticos, assim como nos profissionais de órgãos públicos. A matriz teórica busca atualizar estudos realizados sobre direito a informação e jornalismo e cidadania ainda na dissertação de mestrado defendida em 1995 assim como em livro publicado em 2005.

2011 - 2019

Monitoramento da publicidade de produtos e serviços destinados a crianças

Coordenador: José Edgard Rebouças

Financiadores: Instituto Alana e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Descrição: Pesquisa que visa mapear ao longo de três anos a relação existente entre a publicidade, a criança e o consumo. Para tanto, será feito um acompanhamento e análise da programação de emissoras de TV em períodos de véspera de evento de grande incidência de comerciais direcionados a crianças - Páscoa, Dia das Crianças e Natal.

2010 - 2014

Cartografia dos Grupos de Mídia do Espírito Santo

Coordenação: José Edgard Rebouças

Financiadores: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes).

Descrição: Este projeto tem dois objetivos básicos que se entrecruzam: primeiramente, propiciar a estudantes de graduação do curso de Comunicação Social da UFES um contato com as metodologias de uma pesquisa científica fundamentada nos princípios teóricos da Economia Política da Comunicação e das Indústrias Culturais, inseridos em um grupo de pesquisa: o Observatório da Mídia Regional: direitos humanos, políticas e sistemas. O segundo objetivo é o de traçar um panorama o mais detalhado possível das indústrias midiáticas no Espírito Santo - suporte jornal, revista, rádio, televisão e internet. A partir daí será traçado um perfil das relações políticas, sociais, econômicas e culturais de tais grupos de mídia. Também está previsto um confronto da estrutura e das conjunturas dos veículos de comunicação com os fenômenos que ocorreram paralelamente na história do Espírito Santo, estabelecendo uma contextualização do desenvolvimento dos meios com a evolução da sociedade à qual fazer parte. Finalmente, este projeto tem ainda como objetivo propiciar aos estudantes, pesquisadores, entidades e profissionais envolvidos uma visão da necessidade de implantação na UFES de um programa de Pós-graduação em Comunicação Regional. Este programa atenderia a uma carência local por aprofundamentos quanto aos estudos e às práticas comunicacionais e contemplaria a uma demanda nacional por estudos mais voltados para realidades regionais.

2005 - 2009

Grupos regionais de mídia no Nordeste brasileiro

Coordenação: José Edgard Rebouças

Financiadores: Capes e CNPq

Descrição: Esta pesquisa tem como objetivo principal levantar o questionamento sobre o papel dos principais atores sociais desta disputa global e regional, principalmente do Estado e dos grupos de mídia, em uma realidade regional, nacional e macrorregional em constante transformação diante das estratégias e políticas de comunicações em escala mundial. O segundo objetivo é o de traçar um panorama o mais detalhado possível dos sistemas de comunicações na região Nordeste, fazendo um levantamento de todos os veículos da região que tenham como suporte jornal, revista, rádio, televisão e online. A partir daí será traçado um perfil das relações políticas, sociais, econômicas e culturais de tais grupos de mídia. Também está previsto um confronto da estrutura dos veículos de comunicação com os fenômenos conjunturais que ocorreram paralelamente na história da região, estabelecendo uma contextualização do desenvolvimento dos meios com a evolução da sociedade à qual fazem parte.

09. ATIVIDADES RELACIONADAS À EXTENSÃO

Encontrei nas ações de extensão aquilo que sempre me inquietou quando via a pouca inserção efetiva da Universidade nas propostas de transformação social. De forma alguma estou aqui negando a importância da Universidade na sociedade, e também não estou defendendo o caráter desenvolvimentista atribuído aos projetos de extensão por muitos anos. Entendo tais ações, não como algo que se estende de um local privilegiado a um ponto carente, mas como atividades complementares ao ensino e à pesquisa, podendo atuar mais diretamente na realidade.

Dentro dessa perspectiva, praticamente todas as iniciativas de pesquisa que desenvolvo procuro fazer como que se tornem também ações de intervenção. A mais longeva dessas atividades é o projeto Comunicaê, que, há 11 anos, trabalha com educação midiática em escolas públicas da região de Grande Vitória. O tema passou a ganhar mais destaque recentemente e a experiência da ação tem servido de modelo para organizações e grupos de outros estados e até países.

Educação para a Mídia – Comunicaê

Em atividade desde 2011

Coordenação: José Edgard Rebouças e Franciani Bernardes

Resumo -A partir da influência que os veículos de comunicação exercem sobre a construção das referências e representações do real da sociedade, percebe-se a necessidade de uma discussão sobre a forma como o processo comunicacional é construído. Compreendendo a

escola como um ambiente central na formação do indivíduo como cidadão e ser social, vê-se nela o lugar propício para a discussão proposta. Nesse sentido, as Oficinas de Educação para a Mídia representam uma forma de mostrar que os produtos comunicacionais são feitos de um lugar e com um propósito, de forma a explicitar a ideia de que tudo é passível de questionamento e discussão. Pretende-se com as oficinas mostrar que, mais do que meros espectadores, o público deve agir como interlocutor e, também, como produtor de conteúdos.

Produção de Programas Educacionais e Mídias – Temas em Educação

Em atividade desde 2017

Coordenação: Sandra Kretli da Silva

Resumo - O debate sobre as questões que emergem das políticas públicas atuais precisam estar na pauta dos encontros de professores, alunos, gestores. Percebemos que em algumas mídias as práticas discursivas expressas não apresentam todas as vozes e lógicas existentes nas práticas e políticas educacionais. Por isso, interessa-nos veicular outros/novos pensamentos educacionais e temas emergentes da Educação que têm sido silenciados pelas mídias de canais fechados. O projeto “Produção de Programas Educacionais e Mídias” pretende ampliar a rede de comunicação entre a Universidade e Comunidades, a fim de potencializar as discussões no âmbito das secretarias, conselhos escolares e grupos de estudos de professores possibilitando outros modos de pensar e de movimentar as políticas públicas atuais. Entendemos, portanto, que esses programas veiculados em diferentes mídias, tais como, atuem como disparadores das redes de conversas, ampliando as redes de linguagens e de conhecimentos.

A memória do Departamento de Comunicação Social da Ufes

Em atividade desde 2022

Coordenação: Victor Israel Gentilli

Resumo - Coleta de depoimentos de História Oral de docentes, discentes e técnicos do Departamento de Comunicação Social que viveram as décadas de 1970, 1980 e 1990 - iniciais do Departamento e do curso, então, de Comunicação Social. A proposta é ouvir, em gravações de vídeo preferencialmente realizadas no Labvídeo (Laboratório de Vídeo do Departamento de Comunicação Social) os depoimentos dos convidados. O eixo central da proposta é recuperar a história e as circunstâncias de diversos episódios em especial das décadas de 1970, 1980 e 1990 do Departamento. Assim, construímos um mosaico de subjetividades conforme a visão exposta pela narrativa de cada um dos depoentes. Circunstancialmente, depoentes que não se encontram em local próximo podem realizar seus depoimentos pelo

Meet ou Zoom. Pretende operar com metodologias e práticas de História Oral hoje consagradas no Brasil por experiências semelhantes de diversas instituições.

Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos

Desenvolvido em 2014 e 2015

Coordenação: José Edgard Rebouças

Financiamento: Ministério da Educação e Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República.

Resumo - O atual estágio de desrespeito aos direitos humanos patrocinado pela mídia, em especial pelos programas policiais, coloca a sociedade em posição de refém de um pseudojornalismo. A busca da audiência faz com que a exploração da miséria humana, a criminalização indiscriminada, a invasão da privacidade, a exposição de pessoas em situação de risco e o elogio à violência tornem-se ferramentas habituais de um tipo de “jornalismo” criticado pela academia e por profissionais da área que discordam de tais abusos. A presente ação de “Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos” está diretamente ligada ao que indica o III Programa Nacional de Direitos Humanos: “Promover o respeito aos Direitos Humanos nos meios de comunicação e o cumprimento de seu papel na promoção da cultura em Direitos Humanos”. Trata-se de um piloto em parceria com a Subsecretaria de Direitos Humanos-ES e o Sindicato dos Jornalistas, direcionado a profissionais e estudantes de Jornalismo, e militantes de movimentos sociais. Com base nos resultados, para 2016, será proposta uma ação em âmbito nacional, em parceria com a Federação Nacional dos Jornalistas, Secretaria Especial de Direitos Humanos, Ministério da Justiça e o Movimento Nacional de Direitos Humanos.

10. ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E REPRESENTAÇÕES ACADÊMICAS

Das atribuições da vida acadêmica, a que mais me deixa desconfortável é a de assumir algum cargo de gestão. Mesmo sabendo da importância de tais funções, acredito que deveria ser necessária uma formação específica para a burocracia, exceto para aqueles que se dedicam integralmente à administração pública. Quanto às representações pontuais em comissões ou conselhos, entendo que qualquer profissional com um mínimo de organização e domínio sobre o tema possa dar conta.

Não que eu não tenha desempenhado a contento os cargos administrativos para os quais fui convidado, designado ou eleito, mas tais desafios são o *locus* perfeito para se potencializar a chamada “síndrome do impostor”. As duas experiências mais complexas foram 1) a do cargo de coordenador-geral de Mídias e Conteúdos Digitais do Ministério da Educação, onde coordenava uma equipe de cerca de 150 pessoas, sendo responsável por um orçamento anual de aproximadamente R\$ 100 milhões e tendo como superiores imediatos pessoas com as quais eu não concordava com o modo como conduziam a coisa pública; e 2) a de superintendente de Comunicação e Cultura da Universidade, com uma equipe de cerca de 50 pessoas, sendo que algumas se achavam donas dos espaços públicos que eram responsáveis e tendo que aturar idiosincrasias político-acadêmicas com as quais eu não concordava. Não por coincidência, em ambos os casos – como relatado na introdução deste Memorial –, pedi exoneração sumariamente quando me deparei com situações inadmissíveis para minha compreensão sobre o papel da administração e do serviço público. Sinto pena de não ter conseguido colaborar.

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Ufes

2022 – Atual – Coordenador do Programa

2018 – 2020 – Coordenador do Programa

Conselho Estadual de Ética Pública do Estado do Espírito Santo

2022 - Atual – Conselheiro designado pelo Governador do Estado

2019 - 2022 – Conselheiro designado pelo Governador do Estado

Núcleo de Pesquisa e Ação Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência

2006 – Atual - Coordenador

Conselho Estadual dos Direitos Humanos - Espírito Santo

2017 - 2019 - Conselheiro Representante da Univ. Federal do Esp. Santo

2013 - 2013 - Conselheiro Representante da Univ. Federal do Esp. Santo

Superintendência de Cultura e Comunicação da Ufes

2015-2017 – Superintendente

Coordenação-Geral de Mídias e Conteúdos Digitais, Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação

2013-2014 – Coordenador-Geral

Instituto Alana

2011 - 2017 - Membro do Conselho Consultivo do Projeto Criança e Consumo

Ministério da Justiça

2013 - 2014 - Membro de Comissão Temporária de Acompanhamento de Pesquisa de Opinião - Projeto "Liberdade de Expressão, Educação para a Mídia, Comunicação e Direitos da Criança e do Adolescente" - MJ/Unesco

Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos - Esp. Santo

2012 - 2013 - Membro do Grupo de Trabalho Educação, Mídia e Direitos Humanos para elaboração do Plano Estadual de Educação e Direitos Humanos.

China International Media Research Center

2010 - 2012 - Consultor convidado para projetos de intercâmbio Brasil-China

Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados

2005-2009 – Membro da Secretaria Executiva da Campanha “Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania”

Coordenação do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV – das Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa)

2000-2000 - Coordenador

Associação Franco-brasileira de Vitória - Aliança Francesa

1997 - 1999 - Diretor Cultural

11. PARTICIPAÇÃO EM ENTIDADES CIENTÍFICAS E SINDICAIS

Já no caso das funções desempenhadas em entidades científicas e no Sindicato dos Jornalistas, na maioria delas, tendo sido eleito por meus pares, o sentimento é bem diferente dos cargos administrativos. Por serem espaços menos hierarquizados e com deliberações mais horizontalizadas, tais entidades dão ampla possibilidade de ação para quem, como eu, tende mais ao diálogo do que ao comando.

Como pode ser observado abaixo, tenho sido mais fiel como colaborador à Intercom, apesar de ter me permitido uma “licença sabática” da entidade por um determinado período nos últimos anos. Quanto ao Sindicato dos Jornalistas, mesmo não tendo ocupado funções de diretoria há muitos anos, mantenho proximidade e colaboração em reflexões e projetos conjuntos. Tanto que, no início de 2022, assumi publicamente que, logo que me tornasse professor titular, criaria um programa de qualificação da atividade jornalística no estado, com o objetivo de servir de piloto para outras iniciativas que possam vir a ser aplicadas país afora.

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)

2020 - Atual - Diretor de Relações Internacionais

2017 - 2020 - Membro do Conselho Fiscal

2008 - 2011 - Diretor de Relações Internacionais

2006 - 2008 - Coeditor da Revista Intercom

2003 - 2006 - Coordenador do Núcleo de Pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação

2002 - 2005 - Membro do Conselho Fiscal

2000 - 2002 - Coordenador do Prêmio Intercom de Graduação, Mestrado e Doutorado

Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD)

2020 - Atual - Coordenador de Pesquisa

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã (ABPCom)

2017 - 2019 - Diretor de Relações Públicas e Comunicação

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

2017 - 2018 - Membro do Grupo de Trabalho Democratização da Comunicação do Brasil para auxílio à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

Federação Brasileira de Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom)

2015 - 2016 - Membro de Comissão de Especialistas de Regulação da Mídia junto ao Ministério das Comunicações

Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Espírito Santo

2003 - 2005 - Diretor de Formação

1996 - 1998 - Diretor - Representante na Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)

1994 - 1996 - Presidente da Comissão de Ética

1991 - 1992 - Secretário da Comissão de Ética

12. PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS

A participação em eventos científicos é uma das atividades mais enriquecedoras para o pesquisador. São nos congressos, seminários e colóquios que é possível a verdadeira troca de experiências e a chance de ter seu trabalho colocado sob a análise dos pares. Ao longo desses últimos 29 anos foram muitas as oportunidades de tal intercâmbio de reflexões, algumas delas estão destacadas na introdução deste Memorial, dada a relevância que tiveram para minha formação como pesquisador.

A recente pandemia colocou em risco esse espaço/tempo sagrado para o desenvolvimento científico. A alternativa encontrada de realizar os eventos no formato remoto acabou prejudicando a essência dos congressos, que é exatamente o de congressar com colegas e avançar nos debates para além das mesas e palestras. Felizmente, aos poucos, estamos voltando a nos reunir.

Na lista abaixo, coloquei apenas os trabalhos que tiveram publicação nos anais dos eventos, sejam completos, com resumos expandidos ou resumos simples. Os demais trabalhos apresentados oralmente em outras dezenas de eventos estão relacionados na Plataforma Lattes. Alguns são tão relevantes como os que foram publicados, mas por não serem tão perenes como aqueles publicados, a opção foi deixá-los de fora deste Memorial.

Trabalhos completos publicados em Anais de Congressos

1. REBOUÇAS, E.; SANTOS, L.C. . Mutações das lógicas e estratégias no cenário musical brasileiro. In: 12ª Jornada de Iniciação Científica da Ufes, 2021, Vitória. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da Ufes**. Vitória: PRPPG/UFES, 2021. v. 12.

2. REBOUÇAS, E.; DE MINGO, Ivana . As emissoras estatais de rádio e a radiodifusão pública brasileira. In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2021, Recife. **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2021. v. 44.
3. DE MINGO, Ivana ; REBOUÇAS, E. . O território da rádio pública estatal. In: 6º Seminário de Comunicação e Territorialidades, 2020, Vitória. **Anais do 6º Seminário de Comunicação e Territorialidades - caminhos da comunicação no mundo em crise**. Vitória: PósCom-Ufes, 2020.
4. LEMOS, A. ; REBOUÇAS, E. . O investimento do Estado em seus próprios meios de comunicação: um mapeamento da comunicação pública no Espírito Santo. In: 6º Seminário de Comunicação e Territorialidades, 2020, Vitória. **Anais do 6º Seminário de Comunicação e Territorialidades - Caminhos da comunicação no mundo em crise**. Vitória: PósCom-Ufes, 2020.
5. BARCELLOS, A. ; REBOUÇAS, E. . O jovem como responsável pelas violências no telejornalismo capixaba. In: 6º Seminário de Comunicação e Territorialidades, 2020, Vitória. **Anais do 6º Seminário de Comunicação e Territorialidades - caminhos da comunicação no mundo em crise**. Vitória: PósCom-Ufes, 2020.
6. REBOUÇAS, E.; BARCELLOS, A. ; RONCHI, A.C. . As juventudes do Espírito Santo na imprensa TV e jornal. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020, Salvador. **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2020.
7. REBOUÇAS, E.; DE MINGO, Ivana . Mecanismo de participação social na rádio pública estatal no Sudeste. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020. **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2020.
8. REBOUÇAS, E.; AMARO, J. N. . Direitos humanos e mídia impressa: o posicionamento dos jornais de Vitória sobre o caso da estudante Laura Coutinho durante a ditadura militar. In: 11ª Jornada de Iniciação Científica da Ufes, 2020, Vitória. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da Ufes**. Vitória: PRPPG/UFES, 2020. v. 11.
9. REBOUÇAS, E.; RONCHI, A.C. . Territórios na imprensa: uma análise da representação das áreas de vulnerabilidade social no Espírito Santo. In: 42º Congresso da Intercom, 2019, Belém. **Anais do 42º Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom**. São Paulo: Intercom, 2019.

10. REBOUÇAS, E.; DE MINGO, Ivana . Liberalismo econômico e a sobrevivência da radiodifusão pública. In: 42º Congresso da Intercom, 2019, Belém. **Anais do 42º Congresso da Intercom**. São Paulo: Intercom, 2019.
11. REBOUÇAS, E.; DAL GOBBO, E.R. . Reflexos do Concílio Vaticano II no Pensamento Comunicacional da Igreja Católica na América Latina. In: 42º Congresso da Intercom, 2019, Belém. **Anais do 42º Congresso da Intercom**. São Paulo: Intercom, 2019.
12. REBOUÇAS, E.; RONCHI, A.C. . Imprensa, territórios e territorialidades: dinâmicas sociais da vulnerabilidade e da violência. In: XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2019, Vitória. **Anais do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. São Paulo: Intercom, 2019.
13. REBOUÇAS, E.; ANTOLINI, M. C. ; MEIRELES, A.S. ; PAULA, B.O. ; PEREIRA DA SILVA, D.S. . Violação de direitos humanos: análise do telejornal Ronda Geral ES. In: XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2019, Vitória. **Anais do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. São Paulo: Intercom, 2019.
14. REBOUÇAS, E.; BARCELLOS, A. . Prêmio NaTelinha 2017: a legitimação do Balanço Geral ES como “melhor atração local do Brasil”. In: XXIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2018, Belo Horizonte. **Anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**. São Paulo: Intercom, 2018.
15. REBOUÇAS, E.; RONCHI, A.C. . À Margem Dos Jornais: Uma Análise Da Representação Das Áreas De Vulnerabilidade Social Da Grande Vitória Na Imprensa. In: XXIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2018, Belo Horizonte. **Anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**. São Paulo: Intercom, 2018.
16. REBOUÇAS, E.; MAYER, F. ; PIROLA, M. N. B . Desafios das pesquisas em comunicação e saúde frente às estratégias mercadológicas das indústrias midiáticas e de alimentos. In: XIV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación - ALAIC, 2018, San José (Costa Rica). **Anais do XIV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación - ALAIC**. San Pedro: Universidad de Costa Rica, 2018. p. 96-103.
17. REBOUÇAS, E.; RONCHI, A.C. . À Margem Dos Jornais: Uma Análise da Representação da Periferia/Favela na Imprensa Capixaba. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2017, 2017, Curitiba. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2017.

18. REBOUÇAS, E.; DAL GOBBO, E.R. . Jornal A Sirene e a Retratação do Cotidiano como Instrumento de Comunicação, Mobilização e Disputa de Narrativas. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2017, 2017, Curitiba. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2017.
19. REBOUÇAS, E.; DADALTO, M.F. . Suicídio como pauta jornalística: condutas midiáticas e posturas perante à problemática. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2017, 2017, Curitiba. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2017.
20. REBOUÇAS, E.; SIQUEIRA, K. F. . Televisão e Infância: uma breve análise teórica da relação entre a TV e as crianças. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2017, 2017, Curitiba. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2017.
21. REBOUÇAS, E.; ANTOLINI, M. C. . Os âmbitos comunicacionais nos movimentos sociais. In: 25º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós, 2016, Goiânia. **Anais do 25º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Goiânia: Compós, 2016. p. 33-33.
22. REBOUÇAS, E.. Os jornais podem (e já começaram a) desaparecer. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2016.
23. REBOUÇAS, E.; SOUZA, A. P. V. . O estado da arte da pesquisa sobre TV Universitária. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. **Anais do XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. São Paulo: Intercom, 2015.
24. REBOUÇAS, E.; BERNARDES, F. ; RADAELLI, E. R. . Leitura Crítica da Mídia: Encorajando a Participação de Estudantes na Sociedade a Partir do Projeto Comunicaê. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. **Anais do XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. São Paulo: Intercom, 2015.
25. REBOUÇAS, E.; DANTAS, T.E. ; COUTO, J. . As Pequenas Mulheres da Publicidade Infantil. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. **Anais do XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. São Paulo: Intercom, 2015.

26. REBOUÇAS, E.; ANTOLINI, M. C. . Globalização e tirania da informação: a formação de cidadãos na democracia neoliberal. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2015.
27. REBOUÇAS, E.; TAVARES, E. P. . Jornalista Danton Jobim: memória da produção científica. In: 6ª Jornada de Iniciação Científica da Ufes, 2015, Vitória. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da Ufes**. Vitória: PRPPG/UFES, 2015. v. 6.
28. REBOUÇAS, E.; LIMA, S. P. . Relações e Interesses na Arqueologia da Imprensa do Espírito Santo: Uma Necessária Revisão da Historiografia. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2014.
29. REBOUÇAS, E.; SOUZA, A. P. V. . As ideias de Paulo Freire e a concepção bancária da comunicação. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2014.
30. REBOUÇAS, E.. Lobbying Groups on Media Policies in Brazil. In: 6th Conference of the International Media Management Academic Association, 2013, Lisboa. **Anais da 6th Conference of the International Media Management Academic Association**. Porto: Media XXI, 2013. v. 1.
31. REBOUÇAS, E.. A participação social na regulação da mídia no Canadá: lições para o Brasil?. In: XXII Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós 2013, 2013, Salvador. **Anais do XXII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós**. Salvador: Compós/PosCom-UFBA, 2013. p. 01-17.
32. REBOUÇAS, E.; VIEIRA, M.V.S. . Liberdade de imprensa e Liberdade de expressão: um necessário resgate histórico dos conceitos e suas aplicações. In: 2º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, 2012, Vila Velha. **Anais do 2º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia- Mídia, memória e esquecimento**. Vila Velha: UVV/Rede Alcar, 2012. p. 174-186.
33. REBOUÇAS, E.; BERNARDES, F. ; TORRECILLAS, T. . Mediação familiar no contexto multimídia. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. **Anais do ... Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2011. v. 1.
34. REBOUÇAS, E.; VELOSO, A. M. C. ; CUNHA, P.S. . Gênero, poder e resistência: a ação das mulheres nos observatórios de mídia. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação, 2011, Recife. **Anais do ... Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2011. v. 1.

35. REBOUÇAS, E.; VELOSO, A. M. C. ; MENDONÇA, F. . A radiodifusão pernambucana sob o controle político: um atentado ao direito da comunicação. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. **Anais do ... Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2011. v. 1.

36. REBOUÇAS, E.. Panorama do rádio em Vitória. In: XXXIII Congresso Brasileira de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. **Anais do ... Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2010. v. 1.

37. REBOUÇAS, E.; VELOSO, A. M. C. . Ideologia, mídia e mulher: o feminismo brasileiro, seus slogans, políticas e posição de fala nas indústrias culturais. In: IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. **Anais do ... Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2010.

38. REBOUÇAS, E.. Regulamentação da publicidade de bebidas alcólicas. In: Seminário preparatório para a I Conferência Nacional de Comunicação - Contribuições da Psicologia, 2009, Brasília. **Mídia. Quem é o dono dessa voz?**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009.

39. REBOUÇAS, E.. Os desafios para a regulamentação da publicidade destinada a crianças e adolescentes: soluções canadenses e reticências à brasileira. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - mídia, ecologia e sociedade**. São Paulo: Intercom, 2008.

40. REBOUÇAS, E.; CUNHA, P.S. . Para que um Observatório de Mídia? O caso da análise da publicidade de bebidas alcoólicas nas rádios do Recife. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - mídia, ecologia e sociedade**. São Paulo: Intercom, 2008.

41. REBOUÇAS, E.. A participação da sociedade civil nos debates da comunicação 20 anos pós-Constituição. In: V Colóquio Brasil-Espanha de Ciências da Comunicação, 2008, Brasília. **Anais do V Colóquio Brasil-Espanha de Ciências da Comunicação** -. São Paulo: Intercom, 2008.

42. REBOUÇAS, E.; CARVALHO, M.M. . A evolução da regulamentação da mídia eletrônica no Brasil. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo. **Anais do V Congresso Nacional de História da Mídia**. São Paulo: Rede Alfredo de Carvalho, 2007.

43. REBOUÇAS, E.. Estratégia retórica dos "donos" da mídia como escudo ao controle social. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom.
44. REBOUÇAS, E.. Estado da arte: regulamentação internacional e estudo dos efeitos da publicidade para crianças. In: Seminário Nacional "Controle Social da programação televisiva", 2005, Brasília. **Atas da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2005.
45. REBOUÇAS, E.; FADUL, A. . Por uma perspectiva metodológica para os estudos dos sistemas e grupos de mídia: o caso do Nordeste brasileiro como referência. In: **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2005, Rio de Janeiro. Anais Intercom 2005. São Paulo: Intercom, 2005.
46. REBOUÇAS, E.; LEAL FILHO, L. . O controle social na televisão: os casos da campanha "Quem financia a baixaria é contra a cidadania", no Brasil, e dos advocacy groups, nos Estados Unidos. In: II Colóquio Brasil-Estados Unidos em Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. **Anais do Intercom 2005**. São Paulo: Intercom, 2005. p. 18-18.
47. REBOUÇAS, E.. Políticas públicas: os direitos à comunicação no Brasil. In: **Mídia Cidadã - Seminário UNESCO/WACC/UMESP**, 2005, São Bernardo do Campo. Mídia Cidadã - Seminário UNESCO/WACC/UMESP. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO/UMESP, 2005.
48. REBOUÇAS, E.; LEAL FILHO, L. . O controle social na televisão: os casos da campanha "Quem financia a baixaria é contra a cidadania" e do Friends of Canadian Broadcasting. In: II Colloque Canada-Brésil, 2005, Montreal. **2ème Colloque Canada-Brésil en Communication**. Montreal: Groupe de recherche interdisciplinaire sur la communication, l'information et la société (GRICIS), 2005.
49. REBOUÇAS, E.. Os estudos e práticas da economia (e da) política de comunicações na América Latina. In: V Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, 2005, Salvador. **V Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura**. Salvador: Ulepicc/Posici, 2005.
50. REBOUÇAS, E.. Lobby nas políticas e estratégias de comunicações: a movimentação dos atores sociais no Brasil e no Canadá. In: **XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2004, Porto Alegre. Intercom - Anais 2004. São Paulo: Intercom, 2004.

51. REBOUÇAS, E.. Que bases teóricas para os estudos de políticas e estratégias de comunicações?. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2003.

52. REBOUÇAS, E.. Les stratégies et les politiques de communication en Amérique Latine face aux intérêts du marché international en communication et en culture. In: **Colloque PanAm Industries culturelles et dialogues des civilisations dans les Amériques**, 2002, Montreal. Colloque PanAm. Montreal: Gricis, 2002. p. 41-42.

53. REBOUÇAS, E.. Por uma perspectiva comparativa eficiente no estudo de políticas e sistemas nacionais e internacionais de comunicações. In: XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2000, Manaus. **Anais do XXIII Congresso da Intercom**. São Paulo: Intercom, 2000.

Resumos expandidos publicados em Anais de Congressos

1. REBOUÇAS, E.; DE MINGO, Ivana . O sistema público de comunicação representado nas legislações estaduais para rádios com vínculo governamental. In: 8º Encontro da Ulepicc-Brasil, 2020, Ilhéus. **Anais do 8º Encontro da Ulepicc-Brasil**. Aracaju: Ulepicc-Brasil, 2020.

2. REBOUÇAS, E.. Le lobbying dans le cadre de la régulation des communications: les cas des acteurs sociaux au Brésil et au Canada comme modèle méthodologique. In: **80e Congrès de l'Association Francophone pour le Savoir (Acfas) - "Où [en] est la critique en communication?"**, 2012, Montreal. "Où [en] est la critique en communication?". Montreal: Gricis-UQAM, 2012. v. 1. p. 67-68.

3. REBOUÇAS, E.. Formação profissional ou formação superior: Conflitos na busca de uma identidade. In: **VIII Congresso Estadual dos Jornalistas**, 2000, Domingos Martins. A imprensa e os outros 500. Vitória: Sindijornalistas - ES, 2000. p. 16-16.

4. REBOUÇAS, E.. Relacionamento do jornalista com o poder público x ética. In: **VI Congresso Estadual de Jornalistas**, 1994, Vitória. A Realidade da Imprensa Capixaba. Vitória: Sindijornalistas, 1994. p. 2-3.

Resumos publicados em Anais de Congressos

1. REBOUÇAS, E.. Quel trait historico-épistémologique pour les études des mutations de les industries culturelles et médiatiques ?. In: Numérisation généralisée de la société: Acteurs / Pratiques / Discours / Enjeux, 2018, Montreal. **Numérisation généralisée de la société: Acteurs / Pratiques / Discours / Enjeux**. Montreal: Cricis/UQAM, 2018.
2. REBOUÇAS, E.. Le conflit du modèle de concentration traditionnel face aux stratégies transnationales dans les industries médiatiques au Brésil. In: **Colloque International Concentration des médias, changements technologiques et pluralisme de l'information, 2013, Montreal. Concentration des médias, changements technologiques et pluralisme de l'information**. Montreal: Gricis/UQAM, 2013.
3. REBOUÇAS, E.; CUNHA, P.S. . Media Observatories as Instruments for (of) Democracy. In: **IAMCR 2011 Conference**, 2011, Istanbul. Cities, creativity, connectivity. Istanbul: Kadir Has University/IAMCR, 2011. p. 537-537.
4. REBOUÇAS, E.. A methodological Approach to Study Media Groups/Owners Strategies. In: Media, Communication, Information: Celebrating 50 Years of Theories and Practices, 2007, Paris. **Media, Communication, Information: Celebrating 50 Years of Theories and Practices**. Paris: IAMCR-UNESCO, 2007.
5. REBOUÇAS, E.. O núcleo de pesquisas de Políticas e Estratégias de Comunicações como espaço privilegiado de debates sobre Estado e Comunicação. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom.
6. REBOUÇAS, E.. América Latina: um território pouco explorado e ameaçador para a TV Globo. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. **Programa Intercom 2005**. São Paulo: Intercom, 2005.
7. REBOUÇAS, E.. Pressure and interest groups in the communications regulations framework: a parallel case study in Brazil and Canada. In: Congresso Internacional de Comunicação - IAMCR 2004, 2004, Porto Alegre. **Congresso Internacional de Comunicação - IAMCR2004**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. v. 1. p. 170-170.
8. REBOUÇAS, E.. Política da comunicações e estratégias empresariais. In: VIII Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2003, Marília. **VIII Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional**. Marília: Unimar, 2003.

9. REBOUÇAS, E.. Strategies and policies of communications in Latin America in face of the interests of the international market in communications and culture. In: **23 Conference and General Assembly IAMCR - Intercultural Communications**, 2002, Barcelona. Intercultural Communications - Abstracts. Barcelona: InCom - UAB, 2002. p. 355-355.
10. REBOUÇAS, E.. Estratégias e políticas de comunicações na América Latina diante dos interesses do mercado internacional de comunicação e cultura. In: **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2002, Salvador. Comunicação para a Cidadania. São Paulo/Salvador: Intercom/Unep, 2002. p. 250-253.
11. REBOUÇAS, E.. Participação da sociedade nos processos de comunicação no Espírito Santo. In: **I Fórum Social Capixaba - Um Outro Espírito Santo é possível**, 2002, Vitória. I Fórum Social Capixaba, 2002.
12. REBOUÇAS, E.. Os veículos de comunicação de massa e sua participação na produção da sociedade. In: **Seminário A Comunicação e a Informação na Produção da Sociedade**, 2001, Vitória. A Comunicação e a Informação na Produção da Sociedade, 2001.
13. REBOUÇAS, E.. La télévision au Brésil: 50 ans de succès et de conflits. In: **Conférence-débat La télévision au Brésil**, 2001, Montreal. La télévision au Brésil, 2001.
14. REBOUÇAS, E.. Por uma perspectiva comparativa eficiente no estudo de políticas e sistemas nacionais e internacionais de comunicações. In: **V Congreso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación**, 2000, Santiago. Congreso Sociedad de la Información: Convergencias, diversidades. Santiago de Chile: Universidad Diego Portales, 2000. v. 1. p. 95-96.
15. REBOUÇAS, E.. Conflitos e interesses para uma regulamentação da mídia eletrônica na União Europeia e na América do Norte. In: 51ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1999, Porto Alegre. **Anais da 51ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. São Paulo: SBPC, 1999.
16. REBOUÇAS, E.; MACEDO, M. . O pensamento comunicacional latino-americano - a trajetória de Carlos Eduardo Lins da Silva. In: 3º Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, 1999, Braga. **Atas do 3º Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação**. Braga: Universidade do Minho, 1999.
17. REBOUÇAS, E.. Réglementation/régulation de la télévision: une étude de cas du Brésil, du Canada, des Etats-Unis et de la France et ses enjeux politiques. In: 75ème Congrès de l'Association Canadienne-française pour l'Avancement des Sciences, 1998, Quebec. **Rapport**

du 75^{ème} Congrès de l'Association Canadienne-française pour l'Avancement des Sciences.
Quebec: AFCAS, 1998.

18. REBOUÇAS, E.; FIALHO, R. G. . A prática interdisciplinar de ensino superior em comunicação e educação. In: V Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação, 1998, Recife. **Anais do V Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação.** São Paulo: Intercom, 1998.

19. REBOUÇAS, E.. Os desafios da televisão brasileira para o próximo milênio. In: do I Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, 1997, Lisboa. **Catas do 1^º Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação.** Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 1997. p. 149-149.

20. REBOUÇAS, E.. A Imprensa no Brasil e sua relação com o Poder Judiciário. In: III Congresso Internacional de Jornalismo de Língua Portuguesa, 1997, Lisboa. **Catas do III Congresso Internacional de Jornalismo de Língua Portuguesa.** Lisboa: Observatório da Imprensa, 1997.

21. REBOUÇAS, E.. Desafios da televisão brasileira na era da diversificação. In: 20^º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. **Anais do 20^º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** São Paulo: Intercom, 1997.

22. REBOUÇAS, E.. A imprensa e o Judiciário. In: Dia de Mobilização Nacional pela Cidadania e Justiça, 1997, Vitória. **Dia de Mobilização Nacional pela Cidadania e Justiça.** Vitória: Tribunal de Justiça do Espírito Santo, 1997.

23. REBOUÇAS, E.. Exploração da infovia de fibra ótica urbana na Grande Vitória. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1996, Londrina. **XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Londrina: Editora UEL, 1996. p. 73-73.

24. REBOUÇAS, E.; SILVA, M. L. . Por uma pedagogia da comunicação e e uma comunicação pedagógica. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1996, Londrina. **XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Londrina: Editora da UEL, 1996. p. 63-64.

25. REBOUÇAS, E.. Modelos de Regulamentação - Regulação da Televisão. In: III colóquio Brasil - França, 1995, Aracaju. **Globalização e Regionalização das Comunicações,** 1995. p. 16-16.

26. REBOUÇAS, E.. Proposta de participação social na elaboração de uma política de comunicação social para o Espírito Santo. In: **XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,** 1995, Aracaju. Globalização e Regionalização das Comunicações. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/Intercom, 1995.

27. REBOUÇAS, E.. Modelo de representatividade social na regulamentação das emissões de televisão. In: 46ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1994, Vitória. Anais - Comunicações - **46ª Reunião Anual da SBPC**. São Paulo: SBPC, 1994. p. 196-196.

28. REBOUÇAS, E.. Modelo de representatividades social na regulamentação das emissoras de televisão. In: XVI Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 1993, Vitória. **XVI Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. São Paulo/Vitória: Intercom/Ufes, 1993. p. 20

13. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS

O processo de avaliação é uma constante na atividade docente. Não apenas em relação à retenção dos conteúdos estabelecidos nos programas de curso, como no acompanhamento cotidiano de estudantes. Mas há também as atividades de avaliação de nossos pares, seja no mundo acadêmico ou no jornalismo diário.

Nunca recusei a convites para participar de bancas ou júris, pois entendo que tenho o dever de disponibilizar meus conhecimentos acumulados em prol da qualidade e da excelência nas áreas práticas e/ou teóricas do nosso campo. A lista a seguir relaciona os momentos em que tive a oportunidade de colaborar.

Concurso de professor

1. REBOUÇAS, E.; Gentili, V.; GUERRA, J.L.. **Professor do Magistério Superior do Quadro Permanente - Comunicação/Jornalismo e Editoração** - Edital nº 100/2016. 2016. Universidade Federal do Espírito Santo.
2. REBOUÇAS, E.; CURTISS, A.; TRINDADE, E.. **Professor do Magistério Superior do Quadro Permanente - Comunicação/Publicidade/Redação Publicitária** – Edital nº 81/2015. 2015. Universidade Federal do Espírito Santo.
3. REBOUÇAS, E.; GOVEIA, F.; TEMER, A.C.P.. **Professor do Magistério Superior do Quadro Permanente - Comunicação/Jornalismo e Editoração/Telejornalismo**. 2012. Universidade Federal do Espírito Santo.

4. REBOUÇAS, E.; CARMINATTI, C.; CERUTTI, M. J.. **Concurso para professor efetivo**. 2010. Faculdade de Educação e Comunicação Social.

5. REBOUÇAS, E.; PORTO, S.D.. **Concurso para Professor Adjunto - Políticas de Comunicação: Sociedade e Cidadania**. 2009. Universidade de Brasília.

6. REBOUÇAS, E.; RAMALDES, D.; GENTILLI, V.. **Concurso para Professor Substituto**. 2009. Universidade Federal do Espírito Santo.

Avaliação de cursos

1. REBOUÇAS, E.. **Guia do Estudante Profissões Vestibular 2017**. 2016. Editora Abril.

2. REBOUÇAS, E.. **Guia do Estudante Profissões Vestibular 2016**. 2015. Editora Abril.

3. REBOUÇAS, E.. **Guia do Estudante Melhores Universidades 2015**. 2014. Editora Abril.

4. REBOUÇAS, E.. **Guia do Estudante Melhores Universidades 2013**. 2012. Editora Abril.

5. REBOUÇAS, E.. **Guia do Estudante Melhores Universidades 2012**. 2011. Editora Abril.

6. REBOUÇAS, E.. **Guia do Estudante Melhores Universidades 2011**. 2010. Editora Abril.

7. REBOUÇAS, E.. **Guia do Estudante Melhores Universidades 2010**. 2009. Editora Abril S/A.

8. REBOUÇAS, E.. **Guia do Estudante Melhores Universidades 2009**. 2008. Editora Abril S/A.

9. REBOUÇAS, E.. **Guia do Estudante Melhores Universidades 2008**. 2007. Editora Abril S/A.

10. REBOUÇAS, E.. **Guia do Estudante Melhores Universidades 2007**. 2006. Editora Abril S/A.

11. REBOUÇAS, E.; MACEDO, M.. **Avaliação de Condições de Oferta de Cursos de Comunicação Social - SESU/MEC**. 1999. Universidade de Uberaba.

12. REBOUÇAS, E.; CAMARGO, V.. **Avaliação de Condições de Oferta de curso de Comunicação Social - SESU/MEC**. 1999. Centro Universitário de Belo Horizonte.

Premiações acadêmicas

1. REBOUÇAS, E.. **Prêmio Intercom - Doutorado**. 2022. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

2. REBOUÇAS, E.. **Prêmio Adelmo Genro Filho - Doutorado**. 2022. Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

3. REBOUÇAS, E.; CORMAN, S.R.; PETERS, M.P.; SALUDADEZ, J.A.; YAMAGUCHI, I; HALEY, M.L.. **Applied/Public Policy Research Award**. 2011. International Communication Association.

4. REBOUÇAS, E.. **Prêmio Expocom - Nacional**. 2011. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

5. REBOUÇAS, E.. **Prêmio Expocom - Regional Centro-Oeste**. 2011. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

6. REBOUÇAS, E.. **XVIIIe Congrès de la Société française des Sciences de l'Information et de la Communication (SFSIC)**. 2011. Société française des sciences de l'information et de la communication.

7. REBOUÇAS, E.. **Prêmio Intercom 2005**. 2005. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

8. REBOUÇAS, E.. **Prêmio Intercom 2002**. 2002. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

9. REBOUÇAS, E.. **Prêmio Intercom 2001**. 2001. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

10. REBOUÇAS, E.. **Prêmio Intercom 2000**. 2000. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Premiações jornalísticas

1. REBOUÇAS, E.. **Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos**. 2022. Instituto Vladimir Herzog.
2. REBOUÇAS, E.. **Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos**. 2021. Instituto Vladimir Herzog.
3. REBOUÇAS, E.; LANÇA, Z.M.T.; MONTEIRO, J.; DANTAS, D.; TEIXEIRA, R.. **Prêmio Sindifiscal-ES de Cidadania Fiscal - Jornalismo**. 2017. Sindicato do Pessoal do Grupo de Tributação, Arrecadação e Fiscalização -ES.
4. REBOUÇAS, E.. **Prêmio Cristina Tavares de Jornalismo**. 2017. Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Pernambuco.
5. REBOUÇAS, E.. **4º Prêmio Sebrae de Jornalismo**. 2012. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.
6. REBOUÇAS, E.; MAZZINI, F.; REZENDE, Renata. **18º Prêmio Capixaba de Jornalismo**. 2012. Mile4 Assessoria de Comunicação.
7. REBOUÇAS, E.. **3º Prêmio Sebrae de Jornalismo**. 2011. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.
8. REBOUÇAS, E.; CONTI, E.; SOARES, L.R.. **15º Prêmio Capixaba de Jornalismo**. 2009. Associação Brasileira de Executivos de Jornalismo Empresarial.
9. REBOUÇAS, E.. **Concurso Desafio das Águas**. 2008. Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Pernambuco.
10. REBOUÇAS, E.. **15º Prêmio Cristina Tavares de Jornalismo**. 2008. Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Pernambuco.
11. REBOUÇAS, E.. **10º Prêmio Capixaba de Jornalismo**. 2004. Associação Brasileira de Executivos de Jornalismo Empresarial.

12. REBOUÇAS, E.. **9º Prêmio Capixaba de Jornalismo**. 2003. Associação Brasileira de Executivos de Jornalismo Empresarial.

13. REBOUÇAS, E.. **8º Prêmio Capixaba de Jornalismo**. 2002. Associação Brasileira de Executivos de Jornalismo Empresarial.

14. REBOUÇAS, E.. **7º Prêmio Capixaba de Jornalismo**. 2001. Associação Brasileira de Executivos de Jornalismo Empresarial.

Ao concluir este Memorial, que me serviu como uma ótima sessão de análise regressiva, retomo à perspectiva de que meu papel como pesquisador/educador/comunicador pôde sempre ser melhor aproveitado e otimizado a partir do momento que ingressei como professor no serviço público federal, em 2006. Os 10 anos atuando em instituições privadas me ajudaram a dar mais valor às oportunidades disponíveis tanto na UFPE como na Ufes.

Após este extenso relato, certamente, cansativo para quem o lê, mas uma boa terapia ocupacional para mim nestes últimos meses, coloco-me à disposição desta banca composta por pessoas em quem confio e conheço há muitos anos para os devidos esclarecimentos e complementações que considerarem necessárias.

Fico na expectativa da compreensão de que ao longo dessa trajetória fiz o possível para termos uma sociedade mais justa, democrática e igualitária. Acredito ter colocado meu acúmulo como comunicador e intelectual orgânico a serviço da transformação social. Fica a certeza de que tenho ainda muito a aprender e a colaborar. E daquele diálogo que tive com a professora Fadul em 1993, sobre se conseguiria ser um jornalista e pesquisador, descobri que não preciso estar no dia-a-dia da redação para exercer as atividades de minha formação universitária em prol da democracia e da cidadania.

Agradeço à professora Anamaria Fadul e aos professores Gaëtan Tremblay, Giovandro Marcus Ferreira e Victor Gentilli pela atenção e tempo destinado a tal empreitada.

Vitória, 14 de novembro de 2022.

José Edgard Rebouças